

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
GILLIANO JOSÉ MAZZETTO DE CASTRO**

**PARA ALÉM DA CLAREIRA:
APROXIMAÇÕES ENTRE FENOMENOLOGIA E PESQUISA EM
PSICOLOGIA DA SAÚDE EM RELAÇÃO A TEMPO, NARRATIVA E
SUJEITO**

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO MESTRADO E DOUTORADO EM
PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE/ MS
2016**

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
GILLIANO JOSÉ MAZZETTO DE CASTRO

**PARA ALÉM DA CLAREIRA:
APROXIMAÇÕES ENTRE FENOMENOLOGIA E PESQUISA EM
PSICOLOGIA DA SAÚDE EM RELAÇÃO A TEMPO, NARRATIVA E
SUJEITO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia, área de concentração Psicologia da Saúde,
Orientador: Prof. Dr. Marcio Luís Costa

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO MESTRADO E DOUTORADO EM
PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE/ MS
2016**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Márcio Luís Costa – UCDB (Orientador)

Prof. Dr. Rodrigo Lopes Miranda - UCDB

Prof. Dr. André Augusto Borges Varella – UCDB

Prof. Dr. Marcelo Fabri – UFSM

EPÍGRAFE

πανταγαρπολμητεον
Para todas as coisas existe uma aventura.
(Platão)

AGRADECIMENTOS

As palavras de gratidão são sempre cordiais abre-alas de um trabalho que contou com a colaboração de muitas pessoas. O primeiro a quem essa pesquisa dedica a sua reverência é a Deus, senhor do tempo e condutor dessa grande aventura humana no mundo. A Ele a gratidão e o louvor! A segunda menção de gratidão dessa pesquisa vai à minha família que sempre me apoiou e incentivou nessa grande empresa chamada ciência.

A gratidão a cada professor que nesse período contribuiu para que esse trabalho chegasse a cabo; de maneira particular aos professores do programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia da UCDB.

Gostaria de dedicar a minha especial gratidão à quatro insigne pessoas que foram muito importantes nesse trabalho. A primeira pessoa a quem presto reverência é ao meu orientador e amigo professor doutor Márcio Luís Costa. Graças a ele pude chegar a essa etapa da minha vida. Por causa da sua coragem e do seu amor pela ciência encontrei forças para continuar essa pesquisa nos momentos de dificuldade.

A Andressa Eloisa de Oliveira e Ana Carolina Perroni meu particular agradecimento no processo de finalização e revisão desse texto.

A professora Maria Helena, o meu sincero obrigado pela revisão ortográfica feita nessa obra.

RESUMO

A presente dissertação tem por finalidade promover uma aproximação entre um campo e uma área do saber, a Fenomenologia e a pesquisa em Psicologia da Saúde, por meio dos conceitos de *tempo, narrativa e sujeito* a fim de observar quais as aproximações e contribuições que esse campo pode trazer para a reflexão sobre as pesquisas dessa área do saber psicológico. Para isso, serão apresentados alguns conceitos estruturantes da ciência fenomenológica sempre aplicando-os à pesquisa no campo da Psicologia da Saúde. Os **Objetivos** desta pesquisa são: Compreender os processos de construção dos conceitos de tempo, narrativa e sujeito à luz da reflexão fenomenológica e mostrar a forma como estes estão presentes nas pesquisas em Psicologia da Saúde; Aproximar as categorias desse campo e dessa área do saber, buscando enunciar em quais pontos estes podem dialogar e se enriquecer no que se refere à pesquisa em Psicologia da Saúde. **Metodologia:** Como método do trabalho, foi usada nesta dissertação uma abordagem epistemológica que se volta sobre os conceitos de *tempo, narrativa e sujeito*, intentando produzir aproximações que permitam entender em que medida a Fenomenologia pode dialogar com a Pesquisa em Psicologia da Saúde. Para isso se valeu do procedimento fenomenológico que, nesse caso, compreende o retorno às categorias constituintes, tomadas sob a forma de fenômenos, isto é, de estrutura que se mostra a partir de si mesma e das suas condições de manifestação, operando junto com o recurso da revisão bibliográfica como procedimento que revisa e permite a análise das categorias fundantes desse campo e dessa área do saber. **Conclusão:** À guisa de conclusão, é possível enunciar que, a partir da aproximação entre a Fenomenologia e a pesquisa em Psicologia da Saúde, todo pesquisar se caracteriza por um ato de cuidado e vinculação ética cujo objetivo é a humanização da experiência do mundo, por meio da construção de narrativas que têm profunda implicação tanto na vida do pesquisador, quanto na dos participantes, não de maneira dominadora, mas de maneira colaborativa. A pesquisa mostrou também que a afirmação do *sujeito lógico* acabou produzindo um descompasso dentro das estruturas de compreensão do próprio sujeito e, portanto, é preciso redescobrir a dimensão material e encarnada da vida da pesquisa, seja ela na figura do pesquisador, seja na dos participantes ou população.

Palavras-chave: Psicologia. Fenomenologia. Pesquisa.

ABSTRACT

This thesis aims are bringing a field and an area of knowledge closer together, the Phenomenology and research in Health Psychology, through narrative, time and subject concepts to observe which approaches and contributions the first field can bring to the reflection on the research of the Psychological knowledge area. For this, we introduce some phenomenological science structural concepts, always applying them to research in Health Psychology field. This research **Objectives** are: to understand the construction processes of time, narrative and subject concepts considering Phenomenological reflection, and show how they are present in Health Psychology research; to bring this field and this area of knowledge categories close together, seeking to spell out in what points they can dialogue and enrich in relation to research. **Methodology.** As a work method, an epistemological approach on these concepts was used in this dissertation, to produce approaches that allow to understand to what extent the Phenomenology can dialogue to Health Psychology Research. For this the phenomenological procedure was bring, which, in this case, includes the return to structural categories, in the form of phenomena, namely, a structure that shows from itself: its manifestation conditions, operating alongside with literature review resource as a procedure to review and allow the analysis of the founding categories of these fields and area of knowledge. **Conclusion:** By way of conclusion, it is possible to state that, from the rapprochement of the Phenomenology and the research in Health Psychology, every act of research is an act of care and ethics linking, whose purpose is the humanization of the world experience through the construction of narratives that has profound implications both in the life of the researcher as the participants, not in domineering way, but in a collaborative manner. This research also showed that the statement of the logical subject ended up producing an imbalance within the structures of subject's own understanding and therefore it is necessary to rediscover the material and embodied dimension of research life be it in the figure of the researcher, or in that of the participants or population.

Key words: Psychology. Phenomenology. Research.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO.....	6
INTRODUÇÃO	9
A FENOMENOLOGIA E A SUA CONTRIBUIÇÃO À PESQUISA EM PSICOLOGIA DA SAÚDE.....	17
APROXIMAÇÕES SOBRE O FENÔMENO DO TEMPO E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PESQUISA EM PSICOLOGIA DA SAÚDE.....	40
TEMPO E PESQUISA EM PSICOLOGIA DA SAÚDE: DISCUSSÕES A PARTIR DE HEIDEGGER E RICOEUR.....	61
A INVENÇÃO DO SUJEITO	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS GERAIS	112

INTRODUÇÃO

Todas as introduções têm por objetivo conduzir o leitor a uma primeira experiência do texto que segue. Há nelas sempre a metáfora grega que dá origem ao conceito de verdade, isto é, a *aletheia*, como aquilo que não foi tragado pelo rio que divide o mundo dos vivos do mundo dos mortos, na mitologia grega, *Lethos*, o rio do esquecimento. Eis o porquê de *aletheia*, entendida como não esquecimento, ser o conceito do qual partimos.

Uma introdução tem essa propriedade, a de não deixar cair no esquecimento aquilo que se estrutura como pré-condição para a compreensão do que se está propondo. No presente caso, esta quer alertar o leitor sobre a estrutura ou arranjo teórico que permitiu a construção desta pesquisa de mestrado sob a modalidade de quatro artigos, ainda não publicados, que buscam estabelecer um diálogo entre uma área e um campo do saber, a da Psicologia da Saúde e o da Fenomenologia, sob o ponto de vista da pesquisa, a partir de uma tessitura que se pergunta pelos pontos de aproximação possíveis entre essas duas realidades. Por pré-condição se entende as estruturas que dão condições de possibilidade a determinado horizonte teórico. Diferentemente das condições que são imediatamente anteriores aos efeitos, obedecendo e pensado na relação lógica de causa-efeito, as pré-condições funcionam como os alicerces sem o qual a reflexão proposta não pode existir.

Tal proposta se articula a partir de um arranjo teórico que parte do mais abrangente para o mais específico (processo dedutivo de construção do conhecimento), fazendo assim com que as bases teóricas gerais possam contribuir nas análises de questões específicas da área e do campo. Não obstante, poderíamos perguntar: por quê buscar uma aproximação entre a pesquisa em Psicologia da Saúde e a Fenomenologia? Se observarmos, desde muito, algumas abordagens psicológicas vêm-se utilizando de ferramentas fenomenológicas para a construção da sua reflexão, um exemplo disso são as pesquisas da *Gestalt-Terapia* (KARWOWSKI, 2005). Porém se percebe que a não compreensão das estruturas fundantes do método fenomenológico, a não apropriação dos seus elementos e articulações de base, acabaram produzindo pseudo-Fenomenologias aplicadas à Psicologia, em âmbito geral, e sobre os temas abordados pela área da Psicologia da Saúde.

Daí a primeira necessidade de uma aproximação que, respeitando as devidas estruturas constituintes e estruturantes dos campos epistemológicos, tenha por objetivo estabelecer um diálogo que possibilite ver, de maneira mais rica e aprofundada, uma mesma parcela do real. Outro fator importante para responder à pergunta pela possibilidade de uma

aproximação encontra-se no próprio conceito de fenômeno. Sabemos que tanto os fenômenos psíquicos quanto os da Fenomenologia acorrem-se de uma mesma estrutura de base, o fato de o real se manifestar como alteridade, estrutura independente do sujeito, seja sob a forma de dado psíquico, ou de impressão fenomênica.

Tal possibilidade permite perceber que, respeitando as devidas peculiaridades de cada campo, o objeto de estudo ou a pré-condição que permite tanto a Psicologia da Saúde quanto a Fenomenologia dizer algo sobre o real se ancora no fato de que há uma realidade, independente das forças e das vontades do sujeito consciente, que se manifesta sob a forma de fenômeno, ainda que este seja o próprio sujeito. Diante disso, qual o caminho lógico empreendido para estabelecer essa aproximação? Tratando-se de uma dissertação em Psicologia da Saúde, faz-se sempre necessário, muito mais que explicar os termos da área, dar visibilidade e clareza aos termos que estão sendo importados do outro campo, no caso, o campo da Fenomenologia.

Este, por se tratar de um campo filosófico, que nasce dentro das perguntas pelas veracidades das estruturas lógicas e pela forma como as pessoas conhecem e interagem com o mundo, tem uma estrutura formal e uma gramática própria que, em muitos momentos, precisarão ser traduzidas e adaptadas para que assim possam ser bem compreendidas na área da Psicologia da Saúde, no que toca à pesquisa. Termos como *impressão*, *retenção*, *intencionalidade*, *antecipação*, *fenômeno*, *Dasein*, *modo-de-ser*, *lugar*, *cuidado*, *aletheia* serão basilares para a compreensão daquilo que se está buscando dizer e aproximar em relação à Psicologia da Saúde, por isso se fará, no início de cada artigo, a apresentação de um plano conceitual para deixar mais claro e palatável o caminho que se propõe.

Com relação ao método e à metodologia da pesquisa a datação dos clássicos seguirá nesse trabalho os seguintes critérios: as obras mais antigas, principalmente as da Antiguidade Clássica e da Idade Média serão citadas além do ano do volume consultado, o ano da publicação original; ou quando na falta desse, o período de vida do autor seguindo a seguinte estrutura: nome do autor, data da publicação original ou período de tempo no qual o autor viveu, barra de separação, ano da publicação consultada e página quando necessário (autor, ano da publicação do original/ ano da edição consultada, página).

Foi feita a opção de construção dessa reflexão em forma de artigos que pretendem estabelecer uma continuidade temática entre si, não obstante respeitando as características de um artigo, que são: a capacidade de concisão, a completude temática, a objetividade nos conteúdos. Trata-se de uma pesquisa fenomenológica que, valendo-se de uma abordagem

epistemológica sob a forma de um sistema de conceitos, provenientes do método fenomenológico e do instrumental bibliográfico, intenta identificar quais são os aspectos sob os quais a reflexão e o instrumental fenomenológico podem ajudar no processo de construção das pesquisas em Psicologia da Saúde.

Aqui vale lembrar o alerta que Aristóteles (350 a.C/1988) faz no primeiro livro da sua *Ética* quando define a forma de pesquisar no Ocidente “temos que nos contentar em mostrar a verdade de modo tosco e esquemático” (p.131). Contudo, como está dividida a reflexão e os artigos que a constituem? Esta dissertação pode ser dividida em três partes fundamentais com quatro artigos no total. A primeira, que se ocupa de apresentar a estrutura da Fenomenologia como campo epistemológico que teve como um dos seus fundadores o matemático e filósofo E. Husserl. Para tanto se empreende uma “volta às coisas mesmas” (HUSSERL, 1950, p. 106), isto é, um retorno às origens do conceito de *fenômeno*, identificando como este foi pensado e quais foram as modificações que sofreu até a definição da qual se parte, cunhada por Husserl. Logo após, se plantará no seio da reflexão uma suspeita que busca demonstrar que o método cartesiano estruturado na modernidade e que alicerça fundamentalmente o modo de fazer ciência no Ocidente desde então, não é a única possibilidade para se pensar o real, e, em caso mais específico, os fenômenos estudados pela Psicologia da Saúde.

Em prosseguimento, se intenta explicar os termos e a estrutura lógica que dão forma o método científico Ocidental e também o método fenomenológico como tentativa de resposta a duas perguntas fundamentais, a primeira: o que é o real e como ele se manifesta? E a segunda, quais são as estruturas que permitem ao sujeito conhecer o real? A resposta a primeira pergunta será feita por meio dos conceitos de *resistência* e *fenômeno*, a segunda resposta será obtida a partir do conceito de *sujeito*, *objeto*, *intencionalidade* e *conteúdos da consciência*, buscando sempre encontrar os pontos de aproximação entre a Fenomenologia e a Psicologia da Saúde.

Feito isso, se passará a segunda parte da dissertação que compreende dois artigos nos quais um estabelece uma *topografia*, ou ainda uma *toponomia* da pesquisa, por meio da reflexão sobre o *tempo*, sua percepção e impacto na construção do conhecimento e na vida do pesquisador, dos participantes da pesquisa e da narrativa entendida como o *topos*, lugar, da experiência humana do tempo. Chamamos de *topografia* e *toponomia*, devido ao fato de se almejar demonstrar a experiência de constituição do lugar, *topos*, como ponto do qual se parte para interagir com o mundo. Esta constituição se dá na pesquisa por meio de algumas pré-

condições fundamentais, o *tempo*, a *linguagem* e o *estar posicionado*. Essas três pré-condições permitem ao indivíduo estabelecer um *lugar* desde onde se pensa, se fala e se interage com mundo. Daí o porquê de uma *toponomia*.

Para isso, se partirá de um ponto determinado e pouco comentado nas pesquisas em geral e, de modo particular, nas pesquisas em Psicologia da Saúde, isto é, o tempo. Porém, por que introduzir a questão do *tempo* dentro de uma reflexão que intenta fazer dialogar com a área da Psicologia da Saúde com o campo da Fenomenologia sob o ponto de vista da pesquisa? Tal proposta é relevante porque, apesar de o *tempo* parecer uma questão da qual não se precise perguntar, os nossos atos e práticas de pesquisas estão profundamente marcados por esse fator, afinal a pesquisa acaba se articulando como uma medidora/condensadora de atividades feitas no tempo e por ele. Aqui é preciso fazer um alerta, pois para se entender o *tempo* como um dos elementos que contribuem para que as pessoas possam fazer a experiências de mundo é mister pensa-lo não sob o aspecto cronológico, mecânico, mas sim, como uma camada que constitui o real e a experiência de mundo (TREVISAN, 1995; PELBART, 2004).

O segundo artigo abre a segunda parte da reflexão desta dissertação com o título: *Aproximações sobre o fenômeno do tempo na pesquisa em Psicologia da Saúde*. O que se pretende aqui é promover uma aproximação para verificar se é pertinente ou não se perguntar pelo fenômeno do *tempo* na pesquisa em Psicologia da Saúde. Se este for um conceito importante, abrir-se-á no cenário da reflexão uma segunda pergunta que se propõe entender o “como” da questão, ou seja, como esta categoria pode ser importante para as práticas de pesquisa em Psicologia da Saúde? Para se responder a essa pergunta, é necessário estabelecer uma breve história Ocidental do conceito de tempo, na qual se intenta demonstrar que houve uma transformação desse conceito e, consequentemente, da forma como os seres humanos se relacionaram com ele durante os séculos, passando de um *tempo* com status mítico-ontológico, no caso da antiguidade clássica, a um de propriedade do real na contemporaneidade. Após isto se perguntará, qual é a contribuição que a Fenomenologia traz para a reflexão sobre o *tempo* e a sua possível relação com a pesquisa em Psicologia da Saúde. O segundo artigo desta dissertação se valerá da reflexão husserliana para explicar como o *tempo* se apresenta a uma consciência que busca conhecer o mundo e interagir com ele por meio do movimento intencional. Esse caminho pretende ajudar o leitor a entender a importância da reflexão sobre o *tempo* dentro da pesquisa, de maneira particular as pesquisas em Psicologia da Saúde, no que toca os estados mentais e temporais da consciência no

processo de percepção, assimilação e produção do conhecimento, contribuição que será desenvolvida a partir das pesquisas de Pöppel (1985, 1994, 1978) e outros autores da Psicologia.

Entretanto a contribuição da Fenomenologia não se restringe a Husserl, ela é desenvolvida pela escola fenomenológica por meio de pensadores como Heidegger e Ricoeur, esse será o argumento do terceiro artigo desta dissertação. Com esses dois pensadores, a reflexão sobre o tempo e sobre a pesquisa em Psicologia da Saúde ganham duas novas tópicos, pois Heidegger vai se perguntar sobre a constituição do tempo no mundo da vida do ser humano. Diferente de Husserl, que se ocupa dos processos mentais de percepção do tempo, Heidegger se perguntará: por que somos capazes de perceber o *tempo*? A partir daí, a reflexão muda, pois, com ele e logo após com Ricoeur, o *tempo* deixa de ser um mero atributo e passa a ser o elemento na vida do ser humano que permite a ele posicionar-se na existência como um ser de linguagem, um ser de narrativa abrindo assim espaço para a reflexão sobre o papel da linguagem na vida da pesquisa e do pesquisador.

Chegando a esse ponto, é preciso perguntar-se sobre a figura do pesquisador ou sujeito da pesquisa que será o tema do quarto artigo. Uma vez estabelecidos os elementos fundamentais do caminho fenomenológico que permitiram perceber que a experiência humana do mundo é marcada pelo *tempo* e pela *linguagem* como *intriga*, que produz um *lugar* do qual se é possível falar e pensar sobre o mundo, faz-se necessário pensar sobre as modalidades de como este ser, que é cada pessoa na singularidade da sua existência, é capaz de falar sobre o mundo.

No universo da produção científica Ocidental, de maneira mais enfática a partir da modernidade, o ser que é capaz de pensar e falar sobre o mundo recebe o atributo de *sujeito*, por isso é mister pensar quais são as características desse modo de ser que é capaz de prever o mundo. A partir desse período a divisão entre mundo interior e mundo exterior, a relação entre indivíduo e sociedade, por meio de uma *subjetividade privatizada*, isto é, centrada no *ego*, individual, que possui vontade, desejo e liberdades particulares, se acentua como critério de validação do real (FIGUEIREDO; SANTI, 2007). Para tanto se buscará identificar como o conceito de *sujeito* surge na história do pensamento Ocidental, de maneira mais acentuada, na modernidade, e como se deu a passagem entre o atributo lógico de um sujeito que possui predicados, a uma realidade ontológica de um sujeito que existe no mundo com os outros. Tal processo será feito por meio da denúncia feita por Husserl (1961) com relação ao modelo Ocidental de ciência, cujo resultado foi a produção de uma ciência de fatos feitas por pessoas

de fato. A discussão sobre a ciência de fato, aparecem nos primeiros capítulos da Obra de Husserl intitulada: *Ideias diretrizes para uma fenomenologia*. Nesse livro se desenvolve a seguinte reflexão: As ciências da experiência são ciências de fato, isto é, se ocupam do dado sensível, empírico. Já a ciência das essências se ocupam da essência de um objeto de uma experiência possível, a saber: as estruturas constitutivas da realidade (HUSSERL, 1950). Essa denúncia abrirá a reflexão para a pergunta que interroga pela possibilidade de adequação direta entre o *sujeito lógico* das pesquisas e o *sujeito ontológico* que é cada pessoa. Contudo, para perceber tal adequação e buscar dar uma resposta à realidade do ente que é cada pesquisador, se fará uso das reflexões sobre o conceito de *sínteses ativas* e *sínteses passivas* da consciência para que, assim, o conceito de *corpo próprio* possa ajudar o leitor a buscar uma terceira via que funcione como um concordante entre dois discordantes, o *sujeito lógico* e o *sujeito ontológico*.

Portanto, a linha de trabalho que permeará toda a reflexão se anora sobre alguns passos. O primeiro que procurará estabelecer os instrumentos e categorias fundamentais do método fenomenológico, sempre se perguntando como este pode ajudar nas pesquisas em Psicologia da Saúde. O segundo buscará pensar as pesquisas dentro do lugar fenomenológico no qual ela nasce e, para tanto, faz-se necessário pensar as pré-condições do *tempo* e da *linguagem* sob a forma de *narrativa*. Estabelecido o lugar do qual se pensa e se faz pesquisa, isto é, a *morada*, entendida como lugar na linguagem que permite impressões que podem ser narradas, resta se perguntar pelo agente ou o ator da iniciativa da pesquisa, isto é, o sujeito que, a partir da reflexão fenomenológica, não pode ser apenas uma categoria ou atributo lógico, mas cada pesquisador que, no ato da pesquisa, se realiza como projeto de abertura e *vir-a-ser*, este constitui o terceiro passo.

Outra característica importante das introduções está no fato de anunciar aquilo que a pesquisa não se pretende. Para desenvolver tal ponto vale resgatar uma diferenciação feita por Aristóteles nos *Analíticos Posteriores*. Lá, ele, afirma: “uma definição revela a natureza essencial, uma demonstração revela que um determinado elemento atribui ou não um elo a um determinado assunto” (ARISTÓTELES, 384 – 322 a.C /1928 p. 37).

O presente texto pretende ocupar-se com definições e, portanto, é preciso clarificar e também trazer ao bojo da discussão um comentário que Eco fez a essa passagem de Aristóteles: “a definição, na concepção aristotélica refere-se ao significado e não se ocupa de uma referência ao estado do mundo” (ECO, 2013, p. 14). Nesse trabalho se buscará fazer uma

aproximação entre a Fenomenologia e a Psicologia da Saúde sob a modalidade da pesquisa a partir do sujeito que faz a pesquisa, do tempo e da narrativa.

Não obstante, se pode perguntar: O que implica pensar a partir das definições e não por meio de uma estrutura demonstrativa? Ou seja, o que se pretende fazer é uma discussão epistemológica sobre as condições de possibilidade, ou estruturas conceituais de base, que permitem uma aproximação entre o campo da Fenomenologia e a pesquisa na área da Psicologia da Saúde. Não é intento dessa pesquisa discutir procedimentos ou ainda estabelecer uma reflexão casuística sobre as práticas dentro dessa área do saber Psicológico.

Husserl (1961) vai propor a escola fenomenológica como uma ciência que busca se ocupar das essências e é esse um ponto importante dentro do horizonte epistemológico da presente reflexão, pois nessa dissertação as definições serão sempre tomadas como fontes primordiais de significado que permitem pensar a partir das suas estruturas e horizontes. Entretanto, diferente do universo do dado, do fato, horizonte esse no qual a ciência pós-cartesiana está habituada a lançar os seus sistemas epistemológicos, pensar a partir das definições e do paradigma dos significados implica estabelecer níveis de realidade com os quais os vários enunciados podem dialogar desde do âmbito mais prático e talvez, pragmático até o horizonte das definições e das essências, entendidas aqui a partir do seu conceito fenomenológico. Daí a importância de já anunciar nessa introdução uma diferença fundamental que a Fenomenologia faz com relação ao conceito de *essência*.

Para a tradição clássica, seja ela filosófica ou científica, a essência de algo é aquilo que a define como tal, é o seu núcleo imutável e inegável. Nessa tradição a *essência* caracteriza o objeto real, que possui o atributo de *res natura*, isso é, a realidade dada, que existe a partir do si e não como produto de uma inteligência. Diferentemente, quando a Fenomenologia usa o termo *essência*, principalmente no pensamento Husserliano, entende as estruturas fundamentais do pensamento. Para o pensamento fenomenológico a essência é um construto transcendental, não natural, de caráter intencional, que emerge de uma estrutura *noetico-noemática* que pressupõem um sujeito aberto e direcionado a uma realidade e uma realidade que está dada a um sujeito a partir de si mesma no conjunto das suas possibilidades.

Portanto, para o pensamento fenomenológico não existe conhecimento que não seja construído por meio de uma interação entre o sujeito que busca conhecer e a realidade que se dá a partir de si mesma por meio de uma relação de *co-presença* no mundo. Por isso, ao invés de se perguntar pelo *quid*, “o que é”, plano existencial, da filosofia clássica, ou seja, a essência de cada ente na realidade, a Fenomenologia se ocupa de perguntar o *quod* “o que é”,

no plano eidético ou da constituição transcendental (HUSSERL, 1950). Eis o porque desse texto necessitar de um alerta ao leitor, pois, para se estabelecer esse diálogo de horizontes de significado entre a Fenomenologia e Psicologia da Saúde sob o ponto de vista da pesquisa é mister pensar em níveis ou camadas de realidade. Quem desenvolveu essa ideia, valendo-se da física quântica e do pensamento fenomenológico, foi Nicolescu (2001) que em seu texto *Manifesto da transdisciplinaridade* propõem que para se entender o real é preciso pensa-lo em camadas permeáveis de realidade. Também Deleuze (1969, 1980, 1992), respeitando as devidas diferenças de perspectivas epistemológicas, desenvolve uma reflexão próxima a esta a partir do conceito de *porosidade*, *platô* e *atravessamento* mostrando, assim, a complexidade da realidade que está dada, tal como está dada, a partir de si-mesma. Essa dissertação está construída a partir dessa estrutura lógica, que opera como linguagem constituinte (MELEAU-PONTY, 1984) ou seja, linguagem que permite ao real dizer algo novo sobre e a partir dele mesmo por meio de uma operação em níveis de realidade que só podem ser devidamente entendidos se pensados a luz dessa estrutura de base, isto é, a realidade constituída e pensada em níveis.

Isso implica ao leitor o ato de colocar em suspensão, *epoké*, por determinado período de tempo, a lógica de uma única camada do real, isto é, a fática e passar à uma lógica de interação de camadas interdependentes e singulares com relação ao todo. Não considerar esse alerta pode comprometer o entendimento da estrutura lógica na qual se está estruturando o pensamento que busca pensar sob quais aspectos o instrumental fenomenológico pode contribuir com a reflexão sobre a pesquisa em Psicologia da Saúde. Essa pesquisa, portanto, não pretende estabelecer um *modus operandi* das pesquisas em Psicologias da Saúde pensadas a partir da Fenomenologia, mas sim, busca pensar as categorias de *tempo*, *narrativa* e *sujeito* por meio dos seus horizontes fenomenológicos de significados para que as pesquisas dentro dessa área do saber possam ser ajudadas no seu processo de construção e solidificação teórica. É com esse e nesse caminho lógico que a presente reflexão pretende estabelecer um diálogo cujo objetivo é fazer com que os estudos dentro do campo da Psicologia da Saúde possam ser iluminados por mais uma possibilidade que vem da contribuição da Fenomenologia.

A FENOMENOLOGIA E A SUA CONTRIBUIÇÃO À PESQUISA EM PSICOLOGIA DA SAÚDE

RESUMO

A presente reflexão tem por finalidade promover o diálogo entre a Fenomenologia e a Psicologia da Saúde a fim de observar quais são as contribuições que o primeiro campo pode trazer para as considerações sobre as pesquisas do segundo. Para isso, serão apresentados e desenvolvidos alguns conceitos estruturantes da ciência fenomenológica, sempre aplicando-os às questões da pesquisa na área da Psicologia da Saúde. Os principais conceitos tratados são o de *fenômeno*, *método fenomenológico*, *realidade*, *intencionalidade*, *fenomenalidade*, *verdade* e *Saúde*. Por fim, o artigo busca sugerir uma ponderação para além do modelo mecanicista e biomédico e propõe a pensar as pesquisas em Psicologia da Saúde sob o conceito de conservação e promoção da vida. Utilizamos o método fenomenológico e a pesquisa bibliográfica como metodologia de trabalho.

Palavras-chave: Saúde. Fenomenologia. Psicologia.

ABSTRACT

This reflection is to promote a dialogue between the Phenomenology and Health Psychology to observe which contributions the first field can bring to the research considerations of the second. For this, it will be demonstrated some structural concepts of phenomenological science, always applying them to research questions in the Health Psychology area. The main concepts covered are *phenomena*, *phenomenological method*, *reality*, *intentionality*, *phenomenality*, *truth* and *health*. Finally, this article suggests a weighted beyond the mechanistic and biomedical model and proposes to think the Health Psychology researches under the concept of conservation and promotion of life. We used the phenomenological method and the literature as a work methodology.

Key words: Health, Phenomenology, Health Psychology.

INTRODUÇÃO

A Fenomenologia, como escola de pensamento fundada no início do século XX por Husserl, busca, dentro das suas pretensões epistemológicas, elaborar um modelo representativo que consiga dizer, de maneira adequada, a realidade que se dá ao observador como irrupção sob a forma do fenômeno (HUSSERL, 2001).

O conceito de *fenômeno* não é uma novidade no espaço do pensamento Ocidental, já na Grécia Antiga este apareceu dentro de uma discussão de caráter gnosiológico entre duas correntes. A primeira, a escola cética (BURNYEAT, 1980), afirmava que não é possível conhecer a realidade tal como ela se dá, e, portanto, dela se conhece apenas imagens

(*Φαίνεσθαι*); e a outra, representada por pensadores como Aristóteles, que dizia que é possível conhecer o real tal como ele é (ARISTÓTELES, 384-322 a.C/ 1994). Essa discussão chegou à Idade Média por meio das correntes escolásticas, seguida pelo fenomenismo de Hume (1739/2000), passando por Lambert, que, no seu *Neues Organon* (1764), usava pela primeira vez o termo fenomenologia para designar a “ciência das aparências” *Wissenschaft der Erscheinung*, (LAMBERT, 1764, p. 270). Kant, que, na sua *Crítica da razão pura* (1781/2001), concebe o *fenômeno* como aquilo que é “objeto da experiência possível” (KANT, 1781/2001, A, 236; B, 295) e o contrapõe ao conceito de *noumena*, que seria a realidade em si mesma. Por fim, chega-se a Hegel, que, na sua *Fenomenologia do Espírito* (1807/1992), comprehende esse termo como o movimento do vir-a-ser do *Geist* (Espírito) no mundo. Contudo, foi Husserl que deu ao *fenômeno* uma atenção toda particular por meio da Fenomenologia proposta por ele não mais como apenas uma artimanha da linguagem desvinculada do real, como propusera a escola céтика, ou um diáfano de uma exterioridade, tal como proposto por Lambert (1764), Kant (2001), Hegel (1992). O *fenômeno*, segundo Husserl, seria o produto de uma interação entre o sujeito posicionado, que percebe o mundo de maneira ativa (consciente) ou passiva, inconsciente entendido como não vigilante, em um espaço e tempo determinados, por meio do modo de ser da *co-presença*, *mitgegenwärtigen* (*Estar aí com*) (HUSSERL, 1950).

Revisitando temas típicos da Psicologia da Saúde é possível observar como a proposta fenomenológica pode ajudar os pesquisadores dentro dessa área do saber a enriquecer a suas práticas por exemplo, os estudos sobre esquizofrenia, pensados à luz do conceito de *co-presença*, não podem ser analisados apenas sob o ponto de vista genético ou fisiológico (ARARIPE *et al.*, 2007). Se se intenta descobrir o fenômeno da esquizofrenia, dentro da perspectiva fenomenológica, faz-se necessário perguntar sobre como os participantes esquizofrênicos da pesquisa vivem a experiência dessa doença (ASSIS *et al.*, 2013). O que significa saber e viver como esquizofrênico para a pessoa que faz a experiência de construir-se como esquizofrênico no aí (ser-aí; *Dasein*), no presente da sua vida?

Com o conceito de *fenômeno*, entendido como uma interação intencional decorrente do fato do sujeito ser *co-presente* aos outros seres no mundo, a proposta fenomenológica busca uma alternativa à dialética moderna do sujeito-objeto, a qual supunha possuir o sujeito uma predisposição ativa com relação ao objeto que é sempre passivo em relação a ele (HUSSERL, 1950), isto aproximasse ao conceito de *subjetividade privatizado*. É por existir um sujeito que se dá a conhecer e um objeto que se volta para o sujeito numa relação

interativa e implicativa chamada *intencionalidade* que se pode dizer algo sobre o real. Não há para a Fenomenologia conhecimento da realidade sem interação. O que permite concluir que não é possível afirmar a existência de um sujeito em si e nem de uma realidade em si. Só há sujeito porque há uma realidade *co-presente* a ele e vice e versa. Tal paradigma se baseia nas reflexões sobre a lógica da correlação desenvolvidas por Brentano e pela escola de Marburgo (CHATELLET, 1974).

Pensando isso dentro das pesquisas em Psicologia da Saúde, um dado interessante pode ser ilustrado. Se o conhecimento da realidade se dá de maneira *co-presente* e *interativa* o pesquisador só poderá conhecer os fenômenos da sua pesquisa a medida que ele estiver interagindo com eles e sendo-lhes *co-presente*. Reduzir a validade das pesquisas à validade, estabilidade e segurança de instrumentos e procedimentos de pesquisas parece ser uma garantia formal e não existencial da qualidade das pesquisas. Sem *co-presença* e interação não há conhecimento do real sob o ponto de vista fenomenológico. Para entender como isso fenomenologicamente opera, é mister estabelecer um percurso lógico que busca elucidar o que a Fenomenologia compreender ao propor o conceito de *fenômeno* e quais são as suas implicações na reflexão sobre a pesquisa em Psicologia da Saúde. Os nossos conceitos-problemas serão a *fenomenalidade*, o *fenômeno*, a *intencionalidade*, a *realidade*.

Ao se pensar nos fenômenos psíquico-sociais e, de maneira particular, os fenômenos que tocam o horizonte de eventos da Psicologia da Saúde, se pode perguntar como os conceitos-problemas, já propostos, ajudam a pensar as questões da Psicologia da Saúde no que tange tanto às pesquisas, sejam elas feitas em âmbito clínico, com grupos específicos ou nas pesquisas epidemiológicas, quanto às próprias políticas e modalidades de pesquisa nessa área do saber? Responder a essa pergunta será um dos objetivos deste trabalho. Entretanto, por quê se faz necessário pensar fenomenologicamente as pesquisas em Psicologia da Saúde?

Este artigo nasce da suspeita de que o modelo de ciência forjado na modernidade a partir do século XVI não é a única possibilidade de se pensar o real e, de maneira mais concreta, as pesquisas em Psicologia da Saúde. A proposta dessa reflexão é promover um diálogo entre um campo e uma área do saber, para que assim as realidades das pesquisas dentro dessa área do saber psicológico possam ser apoiadas e pensadas por meio dos instrumentos que a ciência fenomenológica possui.

Antes disso faz-se necessário esclarecer o que significa modelo de ciência Ocidental. Por essa categoria se comprehende o modelo representativo de ciência que foi sendo construído no Ocidente durante os séculos. Esta forma de representação científica (FRAASSEN, 2011)

baseia-se na ideia de que o conhecimento organizado configura-se em *episteme*, isto é, ciência, entendida aqui no seu sentido grego de construção lógica que se pergunta pela causalidade e necessidade de algo. (ARISTOTELES, 1928).

Para dar visibilidade e continuidade aos propósitos dessa reflexão são necessários dois movimentos: o primeiro que buscará esclarecer alguns conceitos fundamentais da Fenomenologia, tais como, *fenômeno*, *interesse*, *intencionalidade*, *realidade*, sempre tendo como foco a contribuição dessa forma de pensar para a pesquisa em Psicologia da Saúde. O segundo movimento pensará os desdobramentos e as implicações contidas nessas aplicações, fazendo com que seja possível pensar os limites e as possibilidades de uma reflexão fenomenológica sobre a pesquisa em Psicologia da Saúde.

1 EXPLICATIO TERMINORUM

A Fenomenologia nasce dentro de um contexto muito específico das discussões lógicas de Husserl quando este buscava estabelecer um modelo de ciência que fugisse das armadilhas de modelos lineares que se estruturam a partir da lógica de uma adequação direta entre o conceito de verdade e realidade tais como, o empirismo, o positivismo, ou ainda da independência do sujeito em relação ao objeto, a saber, o cartesianismo, o subjetivismo, o idealismo. Comenta Husserl:

De fato, nós esperamos poder explicar claramente, na investigação que se segue, que a lógica anterior, e sobretudo a lógica atual, fundada sobre a Psicologia, sucumbe quase sem exceção aos perigos que nós havermos de indicar, e que o progresso no conhecimento da lógica está fundamentalmente paralisado por esta interpretação errônea dos princípios teóricos e pela confusão de domínios que daí resulta. (1969, p. 5)

Husserl (1969) percebe que o fato da redução da realidade a modelos lineares, como os propostos pelo cartesianismo e, logo após, pelas tradições empiristas e positivistas, acabou criando duas impropriedades fundamentais nas quais boa parte da prática científica moderna, se apoia. Por prática científica moderna compreendemos o movimento intelectual cultural que teve seus primeiros esboços na baixa Idade Média com autores como Ockham (1285-1347/1973), quando este, por meio da sua navalha teórica, estabelece o método da análise como critério de obtenção da verdade, que se consolidou de maneira pujante a partir do século XVI, por meio de mudanças na ordem social. As navegações, as novas descobertas, a formação dos Estados-Nação e o nascimento do sujeito como *ego cogito* tomaram por base o

modelo mecânico que transformou a ciência em uma *mathesis* universal da medida e da ordem (FOUCAULT, 1992,1997).

Dentre os possíveis marcos simbólicos desse modelo, podemos citar o *De Humani Corporis Fabrica* de Vesalius (1543), que, dissociou o conceito de corpo da ideia de vida, abordando-o como uma estrutura mecânica, o *De Revolutionibus Orbium Caelestium* (1543/1984) de Copérnico, que propõe o modelo heliocêntrico como novo paradigma do cosmos, ambos publicados em 1543, *Os Diálogos* de Galileu (1632) que elabora o método experimental como uma forma de guiar o pensamento científico à uma correta asserção do real e ainda o giro promovido por René Descartes ao estabelecer um *Ego Cogito* desespiralizado e capaz de validar todo o real, por meio das suas estruturas e cogitações (DESCARTES, 1637/2003). A partir daí a prática científica moderna se apoiaria sobre “uma separação total entre o indivíduo conhecedor e a realidade, tida como completamente independente do indivíduo que a observa” (NICOLESCU, 2001, p. 17).

Essa nova forma de pensar que se consolidou no Ocidente a partir do século XVI alicerçara-se sobre duas impropriedades fundamentais. A primeira, de que o sujeito pode conhecer, de maneira imediata, evidente e sem resistência, a realidade fazendo dela um objeto submetido a princípios e leis que sejam adequadas às da razão ou do *cogito*. Esta é a base do cartesianismo, a isso Husserl dá o nome de *Atitude Natural* (1950, p. 88), afirmando que existe nessa postura uma ingenuidade.

A segunda impropriedade supõe que, entre o conceito de *realidade* e o conceito de *verdade*, há uma relação de quididade, resultando que todo dizer sobre algo tem como meta atribuir um caráter de realidade a este algo. A expressão mais alta dessa forma de pensamento foi a equalização entre real e racional feita pela filosofia de Hegel (1820/2010). O modelo centrado no *ego cogito*, na relação direta entre realidade e verdade, nas estruturas mecânicas, acabou fazendo do modelo racional mecânico um ideal regulativo para toda a sociedade (HINKELAMMERT, 1990). Isto impactou profundamente na forma como o ser humano se vê e nas práticas de atuação e intervenção daquilo que foi paulatinamente se afirmado como pesquisa.

Dentro dessa, é possível perceber que os princípios científicos modernos da objetividade, causalidade local, determinismo e continuidade (NICOLESCU, 2001) ainda se encontram muito presentes tanto no linguajar quanto na prática procedural. Basta ver, por exemplo, a ênfase que se dá aos protocolos e instrumentos e métodos de pesquisa, a tal ponto de serem estes, juntamente com a comunidade científica, e não o real, a validarem as práticas

(FLECK, 2010), ou ainda terminologias ainda presentes, como a de um sujeito posicionado que “vai a campo” pesquisar o objeto, ou ainda, de maneira um pouco mais refinada, que vai “construir um objeto”. A visão mecanicista da vida humana como estrutura funcional pensada como organismo, ou ainda conceitos de Saúde como algo estritamente ligado ao tratamento de doenças, acabam denunciando os modelos representativos (FRAASSEN, 2011), que encontraram a sua preponderância a partir do século XVI e ainda exercem singular força sobre a forma de pensar as pesquisas no Ocidente (BENNET, 1987; CAPRA 1986).

Se observarmos muitas reflexões dentro da área da Psicologia da Saúde (DE MARCO, 2006, 2003; PUTTINI *et. Al*, 2010; ANNANDALE, 1998; FAVA *et al*, 2008) tem se preocupado em questionar tal posicionamento a partir do alargamento do conceito de Saúde, pensado como um fenômeno Biopsicossocial, ou como afirma o documento da Organização Mundial da Saúde (OMS) “Saúde é um estado de bem-estar, físico mental e social e não apenas ausência de doença” (OMS, 1946). Pensando tal realidade a luz da denúncia fenomenológica da existência de uma submissão da realidade a um paradigma cartesiano mecanicista e de uma adequação do conceito de real ao conceito de verdadeiro é possível notar que a reflexão feita pela Psicologia da Saúde sobre o conceito de Saúde pode ser ajudada se esta for pensada como uma construção de uma coletividade dentro de um vivido que é a própria existência humana. É porque os seres estão dados no modo da *co-presença* de maneira interativa, que é possível pensar processos de construção de um bem-estar como lugar que permita e promova a vida.

Outro subproduto do modelo cartesiano-mecanicista, aplicado ao ser humano, foi o processo de medicalização da vida e a afirmação do modelo biomédico, comenta Barros: “É provável que a expressão mais acabada das distorções e consequências concretas do modelo biomédico, reducionista, de abordagem da saúde e da doença na vida dos indivíduos resida no que se convencionou designar medicalização” (2002, p. 76). Por este modelo se comprehende o movimento teórico-prático que remonta ao período do Renascimento, das grandes descobertas, da criação dos Estados-nações. Entretanto para entender melhor tal movimento faz-se necessário uma digressão cujo escopo é mostrar, em grandes linhas, quais foram as passagens que possibilitaram a construção deste.

Partindo da antiguidade clássica é possível observar que a primeira forma de se pensar a relação Saúde-Doença ancorara-se sob uma estrutura mágico-religiosa que concebia a Saúde como dádiva divina e a Doença como castigo. Tal modelo foi substituído por uma visão empírico-racional que tomou essas realidades como um fenômeno natural e não sob o

aspecto de uma intervenção divina, dentro desse modelo podemos destacar a *Teoria do Humores* de Hipócrates (460 – 377 a.C) influenciado pelo pensamento filosófico de Empédocles (490 – 430 a.C), chegando a Galeno (122 – 199 d.C.) que propõe uma concepção *diagnóstico-terapêutica* na qual o processo de anamnese e de conhecimento da vida do paciente se tornam partes fundamentais do tratamento chegando até cientistas como Para celso (1431-1541) que, com a sua teoria médica químico-alquímica faz a passagem do modelo de Galeno ao Biomédico. Este último, influenciado pelas ideias de pesadores como Descartes, Copérnico, Galileu e Newton construíram para a transformação da forma de se pensar a relação Saúde-Doença que passou de uma história da Doença à uma descrição e análise das patologias. A medicina, a partir daí, deixa de fazer uma *análise biográfica* e passa a fazer uma *análise nosográfica*. Surge o modelo *Biomédico* (BENNET, 1987). Dentre os marcos referenciais deste modelo se pode destacar a descoberta da circulação sanguínea por Harvey em 1628, a primeira vacina produzida por Jenner (1790-1823), as pesquisas bacteriológicas de Pasteur (1822-1895) e Koch (1843-1910), a teoria microbiana que ganha força no séc. XIX, a epidemiologia com Show (1813-1858) (CAPRA, 1982; BENNET, 1987; LAIN ENTRALGO, 1989).

O modelo Biomédico acabou produzindo uma praxeologia que reflete o paradigma no qual o Ocidente operará. O sujeito desvinculado do mundo acabou reduzindo a realidade aquilo que pode ser quantificado ou que pode ser submetido a um princípio racional de caráter universalmente válido. Sobre tal realidade, afirma Heidegger, nos seminários de Zolikon, criticando o modelo Ocidental de ciência “o que se pode calcular de antemão, antecipadamente, o que pode ser medido é real e apenas isso” (HEIDEGGER 2001, p. 23). Estas premissas acabaram por reforçar, no Ocidente, a lógica de que todo real só pode ser conhecido se for segmentado por meio do método analítico, de onde decorre a evolução das especialidades científicas a tal ponto que alguns campos do saber se tornaram tão herméticos que não conseguem mais estabelecer diálogo entre si. Pensando esse enunciado dentro da reflexão sobre a pesquisa em Psicologia da Saúde, é possível observar que, em muitos casos, essa lógica é traduzida e decantada sob a forma de abordagens estanques que deixam de levar em consideração uma visão holística do ser humano, chegando ao ponto de uma determinada abordagem produzir um resultado pontual e vários efeitos colaterais (SAYD, 1999). Um exemplo, dentro da reflexão sobre o conceito Saúde são os processos de transformação dos medicamentos ou técnicas de tratamento em objetos ou mercadoria simbólica (LEFÈVRE, 1991); ou ainda os processos de medicalização de vida que acabam transformando problemas

de ordem social, cultural, psíquicos em problemas de ordem médico-farmacológico (COLLARES E MOYES, 2007). Como por exemplo, o uso de Ritalina, o metilfenidato, da família das anfetaminas, um medicamento de crianças e adultos com déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) usados no Brasil como forma de resolver a hiperatividade de crianças com problemas de relacionamento ou convívio (SILVIA; LUZIO; SANTOS; 2012).

Ainda sobre os subprodutos do modelo cartesiano mecanicista é possível observar a transformação dos métodos e procedimentos em estruturas formais de submissão do real. A realidade deixou de ser o critério último e passou a ser a variável que deve se adequar (FLECK, 2010). O real, as comunidades, os participantes, as populações se tornaram apenas mais uma variável que deve ser quantificada, ou não, dentro do rigor objetivo do método de pesquisa pré-estabelecido. Isso pode ser percebido em pesquisas que testam novos procedimentos de intervenção social e médica ou ainda, no que toca a indústria farmacológica, quando essa testa novos medicamentos. Nesses casos o objetivo final está em submeter determinada população a um procedimento para verificar se o procedimento em si é bom desconsiderando os efeitos colaterais que estes podem causar nos participantes envolvidos no processo. É com esse modelo cartesiano mecanicista que produz impactos real na vida das pessoas que Husserl dialoga e, na tentativa de superar o paradigma moderno do ego solipsista que objetiva o real, é que ele e os seus discípulos tentaram elaborar uma forma diferente de pensar. Mas, como Husserl busca fugir desse paradigma moderno? Por meio de uma atitude metodológica, cujo objetivo é fazer da Fenomenologia a “ciência fundamental da filosofia” (HUSSERL 1950, p. 4), partindo dos conceitos de *fenômeno, intencionalidade, realidade e natureza*.

Por *fenômeno* Husserl entende aquilo que aparece como resultado de uma interação entre seres ou realidades *co-presentes* (HUSSERL, 2001). O fenômeno, portanto, não é apenas um simulacro de determinada coisa, uma impressão ou uma imagem, mas sim, uma marca constitutiva de uma relação que pode ser realizada de maneira consciente e inconsciente. Este se dá a um indivíduo ou grupo que o percebe, de maneira consciente ou inconsciente, e para ele está direcionado. Não existe objeto que se mostre sem um sujeito que o perceba. Estes, na Fenomenologia, não são conceitos isolados e independentes, mas sim um mecanismo teórico que só pode existir numa relação de complementaridade e interação. Sobre isso, afirma Husserl: “Nel, não há somente, em geral, um objeto para um ego, mas o ego está, na sua condição de ego, voltado para este objeto pela atenção” (HUSSERL, 1952, p. 26).

O conceito de *fenômeno* pode ajudar os pesquisadores em Psicologia da Saúde a revisitarem algumas das modalidades de pesquisa, como por exemplo, as pesquisas de caráter hermenêutico, histórico, epidemiológico, a partir desse conceito devem considerar que não há um sujeito isolado ou um objeto independente. A luz da reflexão do conceito de *co-presença* e *fenômeno* só é possível pensar um sujeito porque este está *intencionado* e de maneira *co-presente* à um objeto que lhe é alteridade. O (s) participante (s) da pesquisa, os documentos, laudos, relatórios, formulários são para o pesquisador não apenas fontes de dados, mas sim, fontes de impressões fenomênicas que interagem com ele de maneira direta ou indireta e o modificam, porque lhe fazem fazer uma experiência.

Aqui se faz necessário uma digressão. O conceito de objeto na Fenomenologia não se faz adequado de forma unívoca ao conceito moderno, considerando que, desde o paradigma cartesiano, objeto é tudo aquilo que pode ser apreendido por um sujeito e tornar-se para ele conteúdo. Diferentemente, para a Fenomenologia, objeto é aquilo que aparece a um sujeito sob a forma da resistência, ou impossibilidade de subjetivação, a partir de si mesmo, “o ‘de’ que pertence a coisa ‘*de suyo*’” (ZUBIRI, 1983 p. 19), sujeito esse que sempre está voltado e direcionado para esse objeto sob a forma do *interesse* (HUSSERL, 1957).

Por *interesse* (*Inter-Esse*), dentro do ser, entende-se a modalidade que constitui o mundo da vida. Os seres humanos são *interessados* e *co-presentes* em determinado espaço e tempo e, devido a isso, é que eles podem estabelecer relações de interação por meio da intencionalidade. Outra característica da realidade é que ela aparece ao sujeito intencional sob a forma daquilo que oferece resistência (HUSSERL, 1952) a partir de si mesmo, em cada caso e, por isso, só pode ser acessado por meio de um conteúdo residual fruto de uma interação que é o próprio fenômeno. Pensando isso dentro das pesquisas em Psicologia da Saúde podemos perceber que o pesquisador e os participantes da pesquisa, no caso de pesquisas com seres humanos, só podem realizá-la porque ambos estão *interessados*, isto é, comprometidos de maneira existencial com o fazer da pesquisa. Por meio do conceito de *interesse* (HUSSERL 1957) é possível perceber que a vinculação entre pesquisador e participante deixa de ser apenas sob o aspecto protocolar, expresso por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e passa a ter um aspecto existencial, pois só há pesquisa, porque há uma realidade dada sob a forma de *co-presença*, *interessada* e *resistente*.

Aqui se faz necessária uma clarificação, pois, para a Fenomenologia, realidade e real não são sinônimos. A *realidade* se apresenta como resistência que não pode ser reduzida ao estatuto lógico-cartesiano de objeto, entendido como estrutura lógico-formal, já o real se

apresenta como o mundo fático que está à disposição do sujeito por meio do modo de ser do *zuhändigkeit*, isto é, da manualidade como disposição dos seres ao uso do ser humano (HEIDEGGER, 2012); “um fato é algo real, mas não a realidade. A realidade não é um fato senão ela teria de ser verificável como um camundongo ao lado de outra coisa” (HEIDEGGER, 2001, p. 177). A relação entre *sujeito*, *fenômeno* e *realidade* compõe aquilo que Husserl vai chamar de natureza, como lugar da experiência possível. Comenta Husserl:

A natureza é, para todos os efeitos, o universo espaço-temporal em sua totalidade. É o domínio todo inteiro da experiência possível: é bom o fato de utilizarmos as expressões de Ciência da natureza e da Ciência da experiência como equivalentes. (1952, p. 23).

Contudo, considerando a denúncia à ciência moderna de que o verdadeiro não é *a fortiori* real, a compreensão da impressão fenomênica, se não for submetida a um caminho rigoroso e adequado, pode levar o pesquisador a cair na prisão dialética da relação direta entre real e verdadeiro, ou ainda dentro de um relativismo ou subjetivismo. Daí a necessidade de estabelecer um caminho para a compreensão do fenômeno, que, na linguagem de Husserl, seria o método fenomenológico. Se pensarmos isso dentro da reflexão sobre as pesquisas em Psicologia da Saúde, perceberemos que a aplicação dos princípios modernos sobre os fenômenos da vida, como Saúde, Doença, Vida e Morte acabaram por produzir um modelo que separou o conceito de corpo do conceito de vida e, ainda, após Descartes, acabou por separar o conceito de eu humano do conceito de animal humano. Observando com cuidado os nossos discursos e jargões quando tratamos sobre o tema da Saúde em Psicologia, é possível notar que alguns conceitos ainda que de maneira velada, ou subentendida, se impõem com determinada força, como por exemplo: Saúde como ausência de Doença; a adequação direta entre Saúde do corpo com a Saúde da pessoa; a transposição direta entre o conceito de tratamento e técnicas de intervenção. (BERNARDES, COSTA, 2012). Portanto a Fenomenologia nasce como o caminho epistemológico que tem por objetivo dar evidência aquilo que, por si mesmo, não é evidente, fazendo assim com que o conjunto das experiências possíveis, e a pesquisa é uma delas, seja ampliado de maneira tal que permita dizer algo plausível sobre o real.

O fato de a realidade se constituir fundamentalmente como resistência que se dá a conhecer a partir de si mesma, abre à pesquisa em Psicologia da Saúde mais uma possibilidade, pois, a partir daqui, tudo aquilo que é construído e observado como conteúdo das pesquisas adquire a nuance de percepção de uma resistência. Os participantes, os

documentos, os dados são expressões daquilo que se configura como alteridade em relação ao sujeito que pesquisa. Cada informação coletada, construída assume a forma de uma leitura de uma resistência e, portanto, não é linear nem evidente, mas *interativa, interessada, copresente*.

Contudo poder-se-ia perguntar como se dá a relação entre a realidade que se mostra sob a forma de resistência fenomênica e o sujeito que o percebe? Se a realidade se mostra a partir de si mesma, como garantir um estatuto de científicidade a esse caminho, impedindo-o de cair em um relativismo ou subjetivismo? Para essas perguntas encontramos, na tradição fenomenológica, o método fenomenológico. Partindo das suas reflexões sobre este, Husserl afirma que existem dois tipos de saber científico, um fático e o outro, o das essências; por essências, Husserl entende os conteúdos eidéticos da mente, isto é, as estruturas que possibilitam o pensar e o próprio conteúdo do pensado (HUSSERL, 1950).

As ciências de fatos preocupam-se em analisar os conteúdos dados das vivências dos pesquisados, sem se preocupar com as constantes ou, ainda, com os dados constitutivos; são ciências que se preocupam em estudar o aparente tal como ele se mostra ao sujeito, independente das interferências. São as pesquisas ou abordagens teóricas que tem como metodologia de trabalho o fato de submeter e predicar o real a partir de variáveis, por exemplo, uma pesquisa de base estatística que não considera a análise dos fatos dentro do contexto a partir do qual esses fatos emergiram.

A Fenomenologia pretende ser uma ciência das essências, que chegue às constantes e ao núcleo do fenômeno a tal ponto que seja possível estabelecer um caminho seguro para se pensar e se relacionar com o real, comenta Husserl: “A Fenomenologia pura considerada como ciência não pode ser mais que uma investigação de essência e de nenhum modo uma investigação de existência” (1992, p. 53-54). Para isso Husserl propõe um itinerário, ao qual dará o nome de método fenomenológico que pode se apresentar de três maneiras: 1^a Como uma Fenomenologia universal das estruturas da consciência, que intenta responder a pergunta: quais são as estruturas que nos permitem conhecer a realidade do fenômeno?; 2^a Como uma Fenomenologia constitutiva ou das estruturas do conteúdo do conhecimento; e 3^a Como uma Fenomenologia genética, das pré-condições originárias ou de possibilidade do fenômeno e da percepção? (HUSSERL 1998, p. 326). Dessas três modalidades, este artigo se ocupará de apresentar a primeira delas.

O método fenomenológico se estrutura da seguinte maneira: 1 – emersão do fenômeno e tomada de consciência do sujeito no mundo da vida; 2 – A atitude

fenomenológica do sujeito; 3 – A redução eidética ou transcendental; 4 – as sínteses puras da consciência (HUSSERL, 2001). Por emersão do fenômeno se entende a parcela do real que se dá a conhecer, a partir de si mesmo, a um sujeito que se volta para ela de maneira intencional numa relação denominada *intencionalidade*. A isso Husserl vai dar o nome de conteúdo do vivido (STEIN, 2004). Esse conteúdo vem marcado por inúmeras situações secundárias como preconceitos, crenças, impressões, imprecisões, interferências. Para que os conteúdos que emergiram possam realmente alcançar um estatuto de confiabilidade e segurança, fugindo assim daquilo que Husserl chamava de *atitude natural*, faz-se necessária uma tomada de consciência do sujeito que interage com o fenômeno da existência de inúmeros fatores que podem influenciar, contundentemente, a apreensão e compreensão do fenômeno. A essa tomada de consciência Husserl dá o nome de *atitude fenomenológica*.

Feita essa tomada de consciência, é necessário identificar as influências, os preconceitos e prejuízos, isolá-los e separá-los do fenômeno deixando-lhe apenas a estrutura constitutiva, a que Husserl chama de *epoké*, *redução eidética*, ou ainda *redução transcendental*. Van Manen (1990) aplica o conceito de *epoké* às pesquisas em Psicologia por meio da busca pelas essencialidades estruturais do vivido por meio do retorno a pergunta de pesquisa e ainda por meio da compreensão dos enunciados e temas pressupostos e envolvidos no processo de construção do relato. Sell *et al* (2004) falando sobre a *redução eidética* afirmam que o produto dessa deve ser uma narrativa em primeira pessoa na qual o pesquisador se coloca como o interlocutor, mediador, de uma experiência por meio de uma leitura comprensiva do relato, algo semelhante aquilo que Amatuzzi (2001) vai chamar de “versões de sentido”, ou seja, as estruturas de interpretação e interação com o mundo dos participantes da pesquisa e com as impressões sobre a pesquisa produzidas pelo pesquisador.

Após a redução transcendental, o fenômeno se apresenta como o conteúdo real da realidade, constituindo-se como uma singularidade que não está isolada, mas sim, em relação com o sujeito que, assumindo a *atitude fenomenológica*, com a realidade interage. A partir daqui o *fenômeno* deixa de ser uma emersão do vivido e passa a ser um *conteúdo eidético*, do conhecimento, podendo assim ser submetido ao rigor e à análise de uma ciência de essências por meio das *sínteses puras da consciência*. Por *sínteses puras* se entendem as estruturas do conhecimento que possibilitam organizar, de maneira metódica, os conteúdos fenomenológicos que passaram pela *redução transcendental*. Feito esse caminho, é possível se falar em um método fenomenológico capaz de dizer sobre os conteúdos emergidos da realidade.

Para aproximar ainda mais a reflexão da Fenomenologia com a área da Psicologia da Saúde, é necessário desenvolver mais alguns conceitos que são desdobramentos e ajudarão a entender as modalidades que possibilitam o nascimento do fenômeno e as condições da relação do sujeito com ele; esses conceitos são o de *fenomenalidade*, de *mundo* e de *tempo*.

2 PROMOVENDO DIÁLOGOS

Até o presente momento da reflexão, conceitos como o de *fenômeno*, *intencionalidade*, *co-presença*, *interesse*, *natureza* e *método fenomenológico* fizeram entender os primeiros passos de uma proposta de reflexão e diálogo entre a Fenomenologia e a Psicologia da Saúde sob o ponto de vista da pesquisa. Desses conceitos, aqueles que se pode destacar são a relação entre sujeito e objeto que, na Fenomenologia, se dá de forma intencional, por meio de um sujeito voltando intencionalmente para o objeto, e de um objeto que se dá a conhecer a partir de si mesmo a um sujeito. A segunda relação importante que o caminho até aqui empreendido revelou, foi a constatação de que há uma impropriedade nos dois paradigmas que sustentam a ciência moderna, havendo assim a necessidade de pensar um caminho alternativo, que, no presente caso, é o caminho Fenomenológico (HUSSERL, 1950).

Foi possível, ainda, observar que o critério de validade do conhecimento é primeiro o rigor do *método fenomenológico* que, por meio da *epoké* e da *atitude fenomenológica*, cria uma estrutura teórica que permite ao *fenômeno* se apresentar a partir de si mesmo, sem ser incorporado na estrutura do *ego*. A *realidade*, o outro, se mantém como alteridade em relação ao sujeito. Um dos critérios para se saber se o *método fenomenológico* está sendo utilizado de fato é que o fenômeno deve permanecer outro em relação ao sujeito, ao método ou às práticas promovendo a sua irrupção a partir de si mesmo.

Aqui o critério é sempre a chamada heideggeriana “Na abertura factual de mundo, o ente do-interior-do-mundo é além disso codescoberto” (HEIDEGGER 2012, p. 562); isto é, somente por ser no mundo com os outros é que o sujeito pode descobrir o mundo e a si mesmo, por meio da interação intencional. Portanto, a denúncia fenomenológica vem alertar aos praticantes de Fenomenologia aplicada à pesquisa em Psicologia da Saúde que é impossível pensar e fazer uma pesquisa, ou uma intervenção dentro de uma realidade, sem estar profundamente comprometido e *interessado* nela. O pesquisador *interessado* em determinada pesquisa acaba fazendo parte dela e, de maneira consciente ou inconsciente, afetando as suas

trajetórias e resultados. Ele, ao se voltar para determinada realidade, acaba voltando-se também para as suas próprias formas de perceber o real (HUSSERL, 1992).

A anamnese, o contexto geográfico-político, as crenças, a maneira de interação do fenômeno com a realidade e também os elementos não-evidentes são de fundamental importância para o estabelecimento de uma abordagem fenomenológica aplicada à pesquisa em Psicologia da Saúde. Tal pensamento abre as portas para outras duas variáveis importantes no ato da pesquisa apoiada pelo método fenomenológico, são elas: a relação dos seres no campo e a temporalidade. Todas as vezes que um pesquisador se propõe investigar determinado indivíduo, população ou tema existe uma série de determinantes que lhe são constitutivas e que devem ser levadas em conta, não apenas a título de uma espécie de “estado da arte”, mas sim, como elementos estruturais que acabam influenciando indiretamente os rumos da pesquisa, pois são essas considerações que vão dar visibilidade a fenomenalidade, ou condições originárias do fenômeno que se está estudando.

Há sempre que se levar em consideração a descrição da vivência do próprio pesquisador, a descrição dos procedimentos fenomenológicos da pesquisa, tais como, as variáveis existenciais: o perfil dos participantes, as suas visões de mundo, as interferências que o fato de participarem da pesquisa acabou influenciando na forma como esses participantes fizeram a experiência da suas existências no período em que eles estavam participando da pesquisa e também o impacto que os resultados da pesquisa causam na vida do pesquisador, dos participantes e dentro da comunidade científica que se ocupa de tal discussão.

Já a *temporalidade* abre espaço para um grande tema da Fenomenologia que foi trabalhado direta ou indiretamente pelo próprio Husserl e também por autores como Ricoeur (2010), Meleau-Ponty (1994), Henry (1990, 1990, 1965), tema este que se pretende abordar de maneira mais acurada em outro artigo. Da temporalidade se abordará aqui em apenas dois conceitos implicados e que podem nos ajudar na reflexão sobre a contribuição da Fenomenologia na pesquisa em Psicologia da Saúde. Esses conceitos são o de *vigilância* e o de *presentificação*.

Por *vigilância* Husserl entende “a vida mesma da consciência no mundo” (HUSSERL, 1950, p. 89). O sujeito interagindo com a realidade que lhe oferece resistência só pode perceber os fenômenos que delas advêm por meio da *intencionalidade*, porque está posicionado no modo de ser da *vigilância*, que poderia também ser expresso como a capacidade que o sujeito tem de estar aberto a receber e produzir impressões. Daí o porquê de

autores, como Heidegger, conceberem o modo fundamental da vida do *Dasein* no mundo como *abertura* (HEIDEGGER, 2012).

Aplicando isso à proposta da presente reflexão, se pode dizer que, o fato, do pesquisador, consciente ou inconscientemente, estar predisposto para determinada realidade ou fenomenalidade da qual lhe é possível receber impressões faz com que ele diga algo sobre o real. Os laudos, relatórios de pesquisa, capítulo de livros, prontuários são os resultados da vigilância metodologicamente organizada sobre determinado assunto. Entretanto toda a pesquisa, ainda que seja de caráter histórico, só pode ser feita porque todas as impressões e informações foram *presentificadas* no vivido daquele que está recebendo as impressões ou, no presente caso, fazendo a pesquisa. Pensar dessa maneira traz implicações importantes para a pesquisa em Psicologia da Saúde.

A primeira delas é a constatação de que a pesquisa, pensada dentro dos cânones do método fenomenológico, só pode existir a partir da constituição de um horizonte de eventos chamado *vivido*, no qual tanto o pesquisador quanto o participante estão implicados de maneira constitutiva. Por isso, a indiferença da terceira pessoa presente nas produções científicas, a rigor, deveria ser substituída pelo comprometimento da primeira pessoa do plural, pois a pesquisa é sempre de um “nós” que compreende o pesquisador, os participantes e o possível leitor que ao entrarem em contato com o fato da pesquisa fazem uma experiência de construção da própria existência. Para a Fenomenologia não existe um sujeito destacado no mundo, mas sim, uma pessoa que, estando no mundo e sendo parte do real, é capaz de interagir com ele. Falando sobre a capacidade que o sujeito tem de conhecer a realidade, Heidegger afirma: “o conhecer é, por conseguinte, um *modus fundado* do acesso ao real. Este só é essencialmente acessível como ente *do-interior-do-mundo*. Todo acesso a tal ente é ontologicamente fundado na constituição-fundamental do *dasein*, no ser-no-mundo” (2012, p. 563).

A segunda constatação é que existem estruturas de influência ou de resistência na vivência do pesquisador e do pesquisado as quais influenciam no conteúdo da percepção, de maneira tal que é preciso romper com o paradigma da evidência e permitir que o benefício da dúvida seja a dinâmica que promoverá uma segunda análise dos conteúdos percebidos por meio da *redução transcendental*. Essas estruturas de resistência podem ser observadas no fato do participante, do leitor e do próprio produto final da pesquisa se constituírem como uma alteridade em relação ao pesquisador; porém, essa não é isolada, mas sim, interativa, pois se estrutura como *co-presença no interior de um mesmo mundo*, estendido aqui como espaço a

partir do qual se constrói a experiência existencial. O pesquisador no ato da pesquisa entra em contato com alteridades que com eles interagem e contribuem para que eles façam uma experiência vital e não apenas teórica.

A terceira constatação é com relação ao paradigma da objetividade e evidência determinada na qual a ciência moderna está ancorada. A partir do conceito de *realidade como resistência* e de *fenômeno como aquilo que emerge de um real resistente*, não obstante interativo, tornou-se observável a realidade de que os paradigmas cartesianos-mecanicistas, em suas bases, parecem não dar conta de explicar o mundo da vida. Considerando a pretensão da modernidade da existência de um acesso ao real de maneira objetiva acabou por criar um artifício teórico que retira da realidade o seu estatuto ontológico, que é o de ser resistência. Aqui se entende objetivo no sentido cartesiano, isto é, como: linear, claro e distinto, simples e subjugada a leis universais que estão a serviço de um sujeito que objetiva todas as coisas inclusive a si mesmo. Diante disso, é preciso pensar sobre qual conceito de verdade a Fenomenologia opera para, assim, fazer emergir as consequências desse pensamento quando aplicado às pesquisas em Psicologia da Saúde.

Diferentemente do conceito herdado desde Aristóteles, passando pela filosofia escolástica e moderna, que afirmava que a verdade é uma adequação da mente ao real, ou uma adequação do conteúdo da mente ao conteúdo do real, a Fenomenologia opera com o conceito de verdade vindo dos pensadores pré-socráticos que afirmavam que verdade é *Aletheia*, isto é, aquilo que não pode ser esquecido porque oferece resistência (HEIDEGGER, 1970). Pensar a partir desse paradigma implica relacionar-se com um real que pode ser conhecido, mas jamais objetivado e reduzido por um sujeito como a proposta cartesiana. O conceito de verdade como *aletheia* apresenta-se como a denúncia contínua de que há sempre algo que resiste à percepção do sujeito e não se permite sujeitar, objetivar, dominar ou ainda se tornar transparente. Aplicando isso as pesquisas em Psicologia da Saúde, é possível perceber que o comprometimento do pesquisador com os participantes assume as vestes de uma ética da alteridade, pois o fenômeno é, para com o pesquisador, outro que, para ser conhecido, deve permanecer na posição de resistência como outro. O sujeito é com relação a sua pesquisa e atuação profissional também outro e, por fim, o produto do trabalho do pesquisador em Psicologia da Saúde constitui também uma terceira alteridade.

Portanto, no próprio estatuto de verdade de uma pesquisa de base fenomenológica, está fundamentalmente implicada, de maneira constitutiva, a relação intersubjetiva de pessoas que se constituem com outras pessoas e com o mundo sob a égide de serem alteridades de

alteridade, característica fundamental do conceito de espaço público. (ARENDT, 1999, 2010). É pelo fato do pesquisador estar em relação com o mundo, em *commercium*, usando um tema da Fenomenologia de Heidegger, que se pode estabelecer uma pesquisa; não é a pesquisa que cria pela primeira vez o problema de pesquisa, nem o pesquisador surge porque existe uma pesquisa com um problema de pesquisa. Fundamentalmente há uma pesquisa, um pesquisador e um problema de pesquisa, pois existe a modalidade de o ser humano estabelecer-se no mundo, que é a *interação intencional co-presente*, cuja finalidade é o conhecimento. Sobre isso, pontua Heidegger:

Não é o conhecimento que cria pela primeira vez um ‘commercium’ do sujeito com o mundo e nem este ‘commercium’ surge de uma ação exercida pelo mundo sobre o sujeito. Conhecer, ao contrário, é um modo do Dasein fundado no ser-no-mundo. (2001, p. 62)

Esse tema abre um novo horizonte sobre o próprio conceito de Saúde coletiva (PAIM, 1998) que não se coaduna nem com o conceito mecânico-biomédico do corpo máquina (LA METTRIE, 1982), nem com o conceito de harmonia das partes de Hipócrates (Hipócrates, 460 a.C - 370 a.C/1999; Galeno, 130-199/1995). A partir dos conceitos de *co-presença, interesse, resistência e verdade* é possível pensar a pesquisa em Psicologia da Saúde como o espaço de cumprimento de alteridades, o espaço-relação, que sempre público, no qual as pessoas se constroem como alteridades de alteridades, dentro de um construto vital, ou mundo da vida que fundamentalmente seja capaz de afirmar e promover a vida. (BERNARDES, COSTA. 2012). A título de exemplo, uma pesquisa feita com uma comunidade tradicional no interior do pantanal brasileiro sobre qualidade de vida dos moradores, apesar de possuir um corte epistemológico com uma população específica, é sempre pública e eticamente comprometida, pois os participantes, o pesquisador e os possíveis leitores desta estarão lidando com uma realidade que é sempre uma alteridade de alteridades. O discurso sobre a alteridade de alteridades (ARENDT, 2010) pode ajudar ainda no processo de reflexão sobre temas como o da *diferença e diversidade*. A consideração de que a realidade humana, e a pesquisa é uma delas, nasce sob a égide de uma pluralidade de diferenças que constitui um espaço, a que se dá o nome de espaço social, ajuda a entender o porque é necessário considerar a diferença, não apenas como um conteúdo lógico-teórico do discurso, mas sim, como a grande possibilidade para o desenvolvimento de uma sociedade na qual todos encontrem o seu espaço. (GALVIN, 2006)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho empreendido até aqui possibilitou ver que a contribuição ou o apoio que a Fenomenologia pode dar às pesquisas em Psicologia da Saúde tocam fundamentalmente na afirmação ou na tomada de consciência de como se dão as relações ou interações no mundo da vida, que é fundamentalmente o campo de pesquisa da Psicologia da Saúde. A pergunta pelo *fenômeno* e os seus entornos possibilitou ver que não há produção de conhecimento nem produção de vida sem interações que estão, profundamente, comprometidas e implicadas na construção de um ambiente capaz de permitir ver e fazer ver.

As pesquisas em Psicologia da Saúde, à luz do apoio do método fenomenológico, passam a ser investigações metódicas pelos rastros de resistências capazes de afirmar e promover a vida. Elas tornam-se a grande denúncia de realidades ou situações que objetivam e neutralizam essa resistência, transformando-a em instrumentos de mecanização ou descaracterização da vida. Portanto pensar o apoio da Fenomenologia às práticas e às pesquisas em Psicologia da Saúde significa estabelecer um discurso e uma reflexão teórica, cujo objetivo último é o de refletir sobre as estruturas do real e sobre a forma de conhecer e validar o conhecimento para que a Saúde, entendida como afirmação da vida, possa ser promovida, afirmada e cuidada.

Outra contribuição que essa pesquisa pode trazer é com relação ao papel do pesquisador/escritor da pesquisa. Se ele se dá no mudo como *co-presente*, *interessado* e *comprometido* existencialmente com a pesquisa a escrita científica, fenomenologicamente pensando deveria se estruturar ou na primeira pessoa do singular ou na primeira do plural. Primeira do singular porque o resultado da escrita da pesquisa se configura como a estruturação linguística metodologicamente organizada de uma experiência existencial traduzida sob a modalidade de pesquisa, e primeira do singular ou plural porque o produto final da pesquisa é o resultado dessa interação como a expressão formal da experiência de ser alteridade de alteridades.

Essa discussão buscou se construir como uma reflexão epistemológica sobre a contribuição que o campo da fenomenologia pode trazer para a reflexão dentro da área da Psicologia da Saúde sob o ponto de vista da pesquisa, portanto, um dos seus limites está no fato de não promover uma discussão sobre os procedimentos ou instrumentos de pesquisa de base fenomenológica, tema esse que abre uma nova possibilidade de pesquisa.

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, M. M. **Por uma Psicologia Humana**. Campinas: Editora Alínea, 2001.

ANNANDALE, E. **The Sociólogo of Health and Medicine: A Critical Introduction**, Polity Press, 1998.

ARARIPE, A.G.A. *et al.* **Fisiopatologia da esquizofrenia: Aspectos Atuais**. Rev. Psiq. Clín. 34, supl. 2; 198-203, 2007

ARENDT, H. **O que é política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

ASSIS, J.C; VILLARES C. C.; BRESSAN, R. **Entre razão e Ilusão: Desmistificando a esquizofrenia**. São Paulo: ARTEMED, 2013.

AUSTIN, J.L. **Sentido e Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARROS, J. A. C. **Pensando o processo de saúde doença: o que responde o modelo biomédico?** Saúde e Sociedade 11 (1): p. 67-84, 2002.

BENNET, G. **The wound and the doctor: healing, technology and power in modern medicine**. London: Martin Speaker and Warburg, 1987.

BERNARDES, A. G.; COSTA, M. L., **Produção de Saúde como afirmação da vida**. Saúde e soc. São Paulo: v. 21, n. 4, p. 822-835, 2012.

BURNEYEAT, M. “**Can the sceptic live his scepticism**”, in **Doubt and Dogmatism**. OXFORD: Clarendon Press, 1980.

CAPRA, R. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

CHATELLET, F. **História da filosofia, ideias e doutrinas**. Vol. 6. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1974.

COPERNICUS, Nas **revoluções dos orbes celestes**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

DAVID, H. **Tratado da Natureza Humana**, São Paulo: UNESP, 2000.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. São Paulo: Paulus, 2003.

DE MARCO, M. A. **Do modelo Biomédico ao modelo Biopsicossocial**: um projeto de educação permanente. Revista Brasileira de Educação Médica. V. 30, n. 1 Rio de Janeiro 2006.

_____. **A face humana da medicina do modelo biomédico ao modelo biopsicossocial**. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo; 2003.

FAVA, G. & SONINO, N. **O modelo biopsicossocial**: Trinta anos depois. Psychotherapy and psychosomatics. Vol. 77: pág 1-2; 2008.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FLECK, L. **Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico**. Belo Horizonte: Fabre factum, 2010.

FRAASSEN, B. C. **Scientific Representation**: Paradoxes of perspective. Oxford (UK): Clarendon press, 2011.

GALENO. M. **L'âme et ses passions**. Les passions et les erreurs de l'âme. Les âmes suivent les tempéraments du corps. Paris: Les Belles Lettres, 1995.

GALVIN, T. “**Re-Evaluating Diversity**”: Reviving critical discourse in diversity research in organization studies. Academy of Management Best Conference Paper of 2006. Disponível em: <http://web.ebscohost.com/ehost/> pdf. Acesso em 12.08. 2016.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. **Filosofia do Direito**. Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito ou Direito Natural e Ciência do Estado em Compêndio. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2010.

HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon**. São Paulo: EDUC; 2001.

- _____. **Sobre a essência da verdade.** São Paulo: Livraria duas cidades, 1970.
- _____. **Ser e Tempo.** Petrópolis: Vozes, 2012.
- HENRY, M. **L'essence de la manifestation.** Paris: PUF, 1990.
- _____. **Phénoménologie matérielle.** Paris: PUF, 1990.
- _____. **Philosophie et phénoménologie du corps. Essai sur l'ontologie biranienne.** Paris: PUF, 1965.
- HENRY, J. **A revolução científica e as origens da ciência moderna.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- HINKELAMMERT, F **Crítica de La razón Utopica.** San Jose: DEI, 1990.
- HIPÓCRATES. **Da natureza do homem.** Da natureza do homem (H. Cairus, trad.). História, Ciência, Saúde, marguinhas, 6(2), 395- 430. (Original dos séculos IV-V a.C.), 1999.
- HUSSERL, E., **Idées directrices pour une phenoménologie.** Paris: Gallimard, 1950.
- _____. **La filosofía como ciencia estricta.** Editorial Almagesto, 1992.
- _____. **Meditações cartesianas.** São Paulo: Madras, 2001.
- _____. **Recherches Logiques.** Tome premier: Prolégomènes à la logique pure. Presses Universitaires de France, 1969.
- _____. **Recherches phénoménologiques pour la constitution.** Paris: PUF, 1952.
- KANT, I., **Crítica da razão Pura.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- KUHN, T.S. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Editora Perspectivas S.A, 1962.
- _____. **A função do dogma na investigação científica.** 1^a ed. Curitiba: UFPR-SCHLA, 2012.

LAMBERT, J. H., **Neues Organon**. Vol. 1. Leipzig: Wendler, 1764.

LAIN ENTRALGO, P. **Historia de la Medicina**. Barcelona: Salvat, 1989.

LA METTRIE, J.O. **O Homem Máquina**. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

LEFÈVRE, F. **O medicamento como mercadoria simbólica**, São Paulo: Cortez, 1991.

LEVINAS, E., **Da Existência ao Existente**. São Paulo: Papirus, 1986.

_____. **Totalité et infini: essai sur l'extériorité**. Paris: Martinus Nijhoff, 1971.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MOYSÉS M. A. A., COLLARES C. A. L., **Medicalização: elemento de desconstrução dos direitos humanos**. 153-168. In: CRP-RJ. Direitos Humanos: O que temos a ver com isso? Rio de Janeiro: CRP-RJ, 2007.

NICOLESCU, B., **O manifesto da transdisciplinaridade**. 2^a ed. São Paulo: Triom, 2001.

OCKHAM, W., **Seleção de obras** in Os Pensadores, vol. VIII: TOMÁS DE AQUINO et al., Seleção de textos. São Paulo: Abril, 1973.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Constituição da Organização mundial da Saúde**. Nova York, 1946.

PAIM, J. & ALMEIDA F., N., **Saúde Coletiva**: uma "nova saúde pública" ou campo aberto a novos paradigmas? *Revista Saúde Pública*, 32, (4), 299-316, 1998.

PUTINNI, R. JUNIOR, A. & OLIVEIRA, L. **Modelos explicativos em saúde coletiva**: abordagem biopsicossocial e auto-organização. *Physis* v. 20 n. 3 Rio de Janeiro, 2010.

RICOUER, P., **Tempo e Narrativa**. v. I, II, III. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SAYD, J.D. **Mediar, medicar, remediar**, Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1999.

SELL, D.; TOPOR, A. & DAVIDSON, L. **Generating coherence out of chaos**: examples of the utility of empathic bridges in phenomenological research. *Journal of phenomenological Psychology*, 35 (2), 253-272, 2004.

SILVA, A.C.P; LUZIO, C.A & SANTOS, K. Y. P. **A explosão do consumo de Ritalina.** Revista de Psicologia da UNESP 11 (2), 2012.

SPONVILLE, A.C. **Bom dia, angústia**, São Paulo: Martins Fontes, 2000.

STEIN, E., **Mundo vivido, das vicissitudes e dos usos de um conceito da filosofia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

VAN MANEN, M. **Researching lived experience: human Science fir na action-sensitive pedagogy**. Albano, NY: Suny Press, 1990.

VESALIUS, A., **De humani Corporis Fabrica**. Basel: CAESAREA, 1543.

ZUBIRI, X., **Inteligencia y Razón**. Madrid: Alianza Editorial/SEP, 1983.

APROXIMAÇÕES SOBRE O FENÔMENO DO TEMPO E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PESQUISA EM PSICOLOGIA DA SAÚDE

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo uma reflexão fenomenológica sobre o tempo, sua percepção e relação com a pesquisa em Psicologia da Saúde. Para isso se propõe a elaboração de um caminho em que se pergunta pelo conceito de tempo no Ocidente. Tal estudo busca mostrar como a mudança na compreensão do conceito de tempo acabou por produzir uma transformação na forma como se interage com a própria realidade e, de maneira específica, com a pesquisa em Psicologia da Saúde. O artigo se articula em três partes: a primeira se ocupará de uma breve história ocidental do conceito e da percepção do tempo, a segunda buscará apresentar a reflexão fenomenológica sobre esse conceito e a terceira procurará estabelecer os pontos de diálogo no qual podemos perceber a influência da percepção do tempo na pesquisa em Psicologia da Saúde. Dessa forma, conclui-se que há uma relação intrínseca entre a percepção do tempo e a forma como se estabelece o horizonte de construção do objeto/problema na pesquisa. A metodologia de trabalho do presente texto versará sobre o método fenomenológico e revisão bibliográfica.

Palavras-chave: Pesquisa. Psicologia da Saúde. Tempo.

ABSTRACT

This article aims as subject a phenomenological reflection on time, its perception and relationship with the research in Health Psychology. For that, is proposed to develop of a way in which the western concept of time is the question. This research aims to show how the change of the understanding of time concept eventually produced a transformation in the way to interact with the reality itself, specifically, with the Health Psychology research. The article is divided into three parts: the first one will take a brief Western history concept and perception of time, the second to present the phenomenological reflection on this concept, and the third to establish the dialogue points in which we can see the influence of the time perception on Health Psychology research. In this way, it's concluded that there is an intrinsic relationship between the perception of time and the way how it is established the horizon of construction of the object / problem in the research. The methodology of this paper will focus on the phenomenological method and literature review.

Key words: Research. Health Psychology. Time.

INTRODUÇÃO

A questão da percepção do tempo tem sido objeto de estudo de inúmeros campos da Psicologia, desde a Psicologia Experimental com as análises da capacidade de percepção temporal, ajudadas por ciências como a Neurofisiologia, a Neurociência e a Neurofenomenologia (PETITOT *et al.*, 2000), passando pela Psicologia Cognitivo-Comportamental, tendo como questões: como se dá o processo de percepção do tempo? Como essa forma de

perceber impacta na relação entre o sujeito e a exterioridade do mundo? Como se chega a ter consciência do tempo? Este artigo tem por pretensão refletir sobre o fenômeno do tempo e a sua relação com a pesquisa em Psicologia da Saúde por meio da contribuição do pensamento fenomenológico. Esse caminho intenta elencar e dar visibilidade a elementos que podem ajudar os pesquisadores dentro dessa área do saber e de outros campos a refletir sobre a sua própria constituição epistemológica. Na presente reflexão, se trata de *pré-condições* para se pensar a estruturação do conhecimento científico sob a forma de pesquisa, partindo de uma variável que, em muitos casos, passa despercebida, o tempo.

As reflexões sobre a percepção, a consciência do *tempo* acabam indicando a existência de algumas condições preliminares, e por isso, *pré-condições*, que são de fundamental importância para se pensar o tempo e as suas múltiplas formas de experiência. A reflexão sobre o *tempo* e pesquisa em Psicologia da Saúde é relevantes na medida em que a construção do ato da pesquisa e dos seus resultados estão temporalmente implicados, haja vista que se projeta uma pesquisa no tempo, a qual se executa em determinado período, e os resultados são frutos de uma relação entre o tempo no qual se vive, o do conhecimento científico do qual se pôde utilizar para fazer a pesquisa, e aquele nela empreendido pelo pesquisador. Vejamos agora quais são algumas dessas condições preliminares. Contudo, antes de avançar na reflexão é necessário perguntar: quais são algumas dessas condições preliminares que permitem pensar a relação entre tempo e pesquisa em Psicologia da Saúde?

A primeira está na necessidade de se pensar como surgiu o conceito de tempo e foi sendo modificado no Ocidente durante os séculos, para que assim seja possível perceber que aquilo que é chamado de *tempo* e percepção deste, nem sempre foi abordado da mesma maneira. Com isso se busca responder ao alerta fenomenológico de “deixar e fazer ver a si mesmo, aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo” (HEIDEGGER, 2002, p. 65). A segunda condição assenta-se sobre a necessidade de se pensar como a percepção dos conteúdos temporais do real, ou seja, os conteúdos vividos, impactam na própria vida da consciência que o percebe, e aqui é possível fazer uso do instrumental fenomenológico para que, à luz do conceito de *consciência do tempo*, seja possível pensar a relação entre percepção do tempo, *consciência temporal* e pesquisa em Psicologia da Saúde.

A pergunta pela percepção e consciência do tempo é, dentro do pensamento fenomenológico, uma *conditio sine qua non* para se entender os processos de percepção do mundo. Então é mister pensar sobre o conceito que ajudará a compreender os processos

inerentes à construção do objeto/problema e da própria estrutura da pesquisa dentro do seu universo de sentido e significado.

Considerados esses pressupostos, surgem no horizonte da reflexão as seguintes perguntas: qual a importância de pensar o papel do tempo na pesquisa em Psicologia da Saúde? É possível pensar fenomenologicamente a percepção do tempo? Na história do pensamento Ocidental, essa percepção e o próprio conceito de tempo sempre foram concebidos da mesma maneira? Como o conceito de *tempo* acaba ajudando ou condicionando a percepção do real e consequentemente dos objetos/problemas de pesquisa? Tais perguntas direcionaram a reflexão sobre o papel do conceito e da percepção do tempo nas pesquisas em Psicologia da Saúde.

Ao observar as pesquisas de caráter hermenêutico ou ainda as de corte estatístico experimental, e grande parte da literatura científica que se debruça sobre os métodos de pesquisa e da construção do saber, será possível notar que, na maioria dos casos, a questão do tempo está revestida por uma cortina de silêncio ou aprisionada dentro do conceito de cronograma de pesquisa. Aqui faz-se necessário um alerta, pois comumente se entende *tempo* apenas como a sucessão de segundos, de horas e minutos. *Tempo*, nesse sentido, é um marcador que se divide tal como o espaço. Meyer (2013) dá a essa concepção de tempo o nome de *substancialismo do tempo* afirmando que “o Tempo tem uma estrutura comparável a do espaço; esta possui uma única dimensão ou camada “T” constituída por básicos pontos metafísicos” (p. 1). Entretanto, há também outra dimensão do tempo da qual a Fenomenologia parte, isto é, tempo como camada, como estrutura que permite e influencia no processo de percepção do real. É o tempo como percepção do que passou, do que é e do que virá que faz com que o ser humano faça a experiência de ser *co-presente* no mundo com os outros. Tal advertência é de fundamental importância para se entender o papel do tempo na discussão sobre a pesquisa em Psicologia da Saúde, pois se este for tomado apenas como tempo do relógio ou do calendário, ou seja, sob o aspecto cronológico não há espaço para se pensar a dimensão temporal como uma estrutura constituinte da experiência humana do mundo, e consequentemente da pesquisa.

A proposta dessa reflexão é pensar o *tempo* como um dos elementos que constituem o tecido do real e da própria experiência humana do mundo. A percepção de um passado, com os seus conteúdos, de um presente como estar aí no mundo e de um futuro como projeto ou antecipação acabam influenciando na própria forma como cada ser humano interage com o mundo e se constrói como identidade dentro dele. Portanto, pensar tal conceito como um dos

elementos influenciadores do processo de pesquisa, e do fato de estar aí no mundo com os outros, acaba ocupando um espaço de relevância dentro das discussões epistemológicas. Outro fator que justifica e dá força à necessidade de se pensar o conceito de tempo e a sua relação com a pesquisa, já foi levantado por autores como Ricoeur (2010) e Bergson (1968), que apontaram a percepção do tempo como uma das condições fundamentais para a construção e estruturação do narrado.

Em Ricoeur (2010) a experiência humana do mundo só pode acontecer sob a forma de narrativa, entendida como aquilo que promove o diálogo entre o *tempo exterior* que pode ser medido e quantificado e o *tempo interior* que é impressão na existência. Já Bergson (1968) faz uma crítica ao reducionismo do conceito de tempo a algo esquemático, espacial, contável, e diametralmente oposto à concepção de tempo como um tecido do real que permite a experiência do mundo. Para ele o tempo matemático, esquemático, espacial além de ser fictício não “serve para nada, não faz nada” (BERGSON, 1993, p. 102) porque é apenas conceitual, vazio. Os mesmos cálculos cronológicos aplicados ao passado podem ser aplicados ao futuro ou ao presente sem que em nada a realidade se modifique. Em oposição a isso, Bergson propôs o tempo como *intensidade* e *continuidade*. Esse é o tempo que estrutura a subjetividade e a experiência de mundo porque não é esquemático ou matemático, mas sim, constituinte de uma experiência de estar no mundo produzindo e recebendo impressões (BERGSON, 1972). As memórias, expectativas, impressões, projetos e visões de mundo do pesquisador e do participante da pesquisa são a forma como cada um deles, como *co-presentes* fazem e participam de uma pesquisa.

Entretanto, qual é a relação entre tempo, percepção do tempo e forma de produção do conhecimento como pesquisa em Psicologia da Saúde? Ao se pensar estes conceitos dentro do modelo cronológico que se apoia em uma visão físico-matemática do mundo é possível responder que a relação é apenas no que tange a metrificação cronológica dos processos e procedimentos de construção e publicação da pesquisa. Não obstante, se se considera o tempo como um tecido do real que permite ao ser humano fazer a experiência do mundo, o papel dessa categoria, e da percepção dela como realidade mediante a qual cada pessoa, na singularidade de cada caso, (conceito de *Dasein*) faz a experiência de construir-se no mundo com os outros (conceito de *co-presença*), ganha uma relevância. O *tempo*, a *percepção* e *consciência* deste, deixam de ser apenas uma mera variável dentro do processo de construção da pesquisa e se tornam um dos elementos constituintes da experiência do pesquisador como pesquisador, dos participantes como participantes e da pesquisa como expressão de uma

experiência de mundo sob a forma de narrativa. É com a segunda visão que se buscará construir a posterior reflexão.

Até aqui é possível observar que a pergunta pela relação entre o tempo e a pesquisa, de maneira particular, a pesquisa em Psicologia da Saúde, conduz a três pressupostos: o primeiro, que estabelece o tempo como um objeto problema dentro da reflexão sobre o processo de percepção do mundo e, consequentemente, no processo de construção da pesquisa; o segundo, em que se pergunta pela interação entre mundo, como conjunto das experiências possíveis e a pesquisa, como uma das formas de narrar e estruturar essa experiência; o terceiro, que se propõe a indagar sobre a construção e estruturação do narrado. Tais proposições servem de base para o próximo tópico desse artigo.

1 UMA BREVE HISTÓRIA OCIDENTAL SOBRE O CONCEITO DE TEMPO E SOBRE A SUA PERCEPÇÃO

No Ocidente, vários conceitos de tempo foram construídos e entrelaçados produzindo, em cada época, uma transformação nesse conceito. A disposição histórico-fenomenológica aqui adotada tem a finalidade de organizar, de maneira lógica e linear, aquilo que, no mundo da vida, se dá muitas vezes como movimento de sobreposição e complementariedade.

O tempo surge como uma das primeiras reflexões dentro da história do pensamento ocidental. (JAEGER, 2003). No pensamento grego, o titã Crono, no relato de Hesíodo (sec. 8 a.C./1995), é apresentado como o devorador de seus filhos. Esta abordagem apresenta-se como uma das primeiras formas de percepção e conceitualização do tempo na história do pensamento ocidental. Aqui é possível perceber que a dimensão temporal possui um caráter ontológico e divino, é o regulador e o devorador da vida dos mortais e dos deuses a ele submetidos. Daqui se pode perceber um primeiro traço importante para a reflexão, pois são os marcadores temporais e espaciais que ontologicamente acabam regulando o fluxo da vida. No que toca a pesquisa isso não se apresenta de maneira diversa, os marcadores temporais produzem sensibilidades. As experiências vividas pelo pesquisador no tempo e no espaço, juntamente com a visão de mundo por ele construída durante o período de formação acabam impactando diretamente no produto final da pesquisa. Sensibilidades que para outros pesquisadores poderiam não ser tomadas em conta, com por exemplo, a discussão sobre o uso do conceito de ser humano, indivíduo, pessoa, na posição do conceito de homem em algumas áreas da Psicologia, ou ainda o conceito de Saúde coletiva, ou Saúde como uma dimensão

Biopsicossocial em oposição ao conceito Biomédico na Psicologia da Saúde em relação a outros campos, podem ou produzir pouco impacto ou simplesmente passar despercebido.

À medida que a Filosofia e a Matemática foram se afirmando como expressões sólidas do pensamento grego, o próprio conceito de tempo foi mudando. Crono deixou de ser um titã, com forma própria, e passou a ser uma entidade reguladora da vida humana que, junto com Aíon e Kaíros, definia a vida dos deuses e dos mortais. A transformação de Crono de um titã a uma entidade reguladora se dá inclusive sob formas semânticas, pois o então Crono passa a ser Cronos. Isso já pode ser observado no aforisma Platônico. “As eras sempre trazem. O longo tempo sabe mudar o nome, a forma e a natureza. Ele tudo devora”. (ANTHOLOGIA PALATINA, 1915. v. 9, p. 51).

Pensando isso dentro do universo da pesquisa, e de maneira particular nas pesquisas em Psicologia da Saúde, o alerta platônico parece ser muito concreto. A capacidade que o tempo tem de mudar as realidades, sejam elas teóricas, estruturais, ou materiais, está presente na construção e nas estratégias de validação de conhecimentos e teorias. Nota-se, por exemplo, a luz da contribuição de pensadores, como Popper (2013) e Flack (2010), que a então estaticidade do conhecimento e princípios científicos na verdade se apoiam sobre uma impropriedade, pois as verdades aceitas e divulgadas pela ciência de outrora, em inúmeros aspectos, já se tornaram inverdades ou impropriedades para a pesquisa e a prática da ciência hodierna (FLECK, 2010). As práticas em ciência são marcadas pela provisoriação temporal do conhecimento, dos métodos e dos prazos (POPPER, 1985). Ao se pensar isso dentro da pesquisa em Psicologia da Saúde, a título de ilustração, é possível tomar o próprio conceito de *Saúde* e *Doença*, a concepção de *corpo*, de *sujeito*, a relação entre *Bem-estar* e *qualidade de vida* e perceber como, à medida que as décadas se sucederam, esses conceitos mudaram.

Aristóteles (322 a.C./1995) foi um dos primeiros pensadores no Ocidente a dar ao tempo um caráter pragmático e não ontológico. Diferentemente do platonismo que, no seu axioma, ainda dá ao tempo traços ontológicos, Aristóteles o define de maneira muito diferente como: “o tempo é o número de movimentos segundo o antes e o depois, e é contínuo, porque é número de algo contínuo” (p. 156). Aqui é possível perceber um traço importante, pois o tempo deixou de ter um status ontológico para se transformar em um atributo da realidade, isto é, o número de movimentos. A partir dessa constatação aristotélica, o ser humano deixa de se relacionar com o tempo como quem se relaciona com uma entidade ontologicamente constituída e passa a se relacionar com um atributo do real. O resultado disso foi que, a partir daí se pôde medir o tempo e, consequentemente, se pôde criar estratégias para controlá-lo. Ele

se tornou uma categoria matematicamente pensável. Um exemplo do efeito dessa visão de tempo são os calendários, a divisão do tempo em horas, segundos, minutos. O tempo deixou de ser uma entidade e passou a ser uma dimensão fracionável e mensurável da realidade. Pensando as pesquisas em Psicologia da Saúde é possível ilustrar as consequências desse giro aristotélico nas tabelas de execução das pesquisas, ou cronograma presentes nos projetos de pesquisa.

O fato do tempo ter se tornado uma variável mensurável e previsível abre outro cenário importante para a reflexão da relação entre tempo e pesquisa em Psicologia da Saúde que é o da previsibilidade dos resultados na pesquisa. O tópico “hipóteses” ou “resultados previstos” nos projetos de pesquisa já denunciam tal realidade. Se se considera, por exemplo, que as conclusões que deverão aparecer como resultado de uma pesquisa já estão presentes, ainda que sob a assinatura de “aspectos formais da construção da pesquisa”, nos projetos de pesquisa ou/e intervenção será possível notar que há aqui aquilo que Husserl (1964), nos seus estudos sobre a percepção do tempo, chamará de *processo de antecipação*. A antecipação dos resultados presentes nos projetos de pesquisa e/ou intervenção já sugerem um processo de controle e mensuração das variáveis dentro das pré-condições às quais toda pesquisa se submete, a saber: o espaço e o tempo.

As variáveis fundamentais, isto é, o espaço no qual a pesquisa se realiza e o tempo, seja ele pensado como período de duração da pesquisa, ou como horizonte necessário para o controle e distinção dos resultados, articulam-se como poderosos artifícios teóricos de interação e racionalização do real, nos quais todas as variáveis são ‘jogadas’ dentro de duas grandes constantes, a ‘x’ horizontal e a ‘y’ vertical, pois, a partir desses artifícios, se podem estabelecer parcelas e fatias de uma realidade. A título de exemplo é possível observar uma pesquisa realizada entre jovens cariocas sobre a questão da diferença de gênero (GOLDENBERG, 2012). Foram escolhidos determinado lugar e população, a saber: 258 questionários aplicados em jovens cariocas, entre 17 e 24 anos no ano de 1998. Os questionários estavam relacionados a visão dos jovens sobre virgindade, relação sexual, relação de gênero, constituindo aquilo que acima se chama de *x horizontal*. Logo após os dados foram estatisticamente tratados e as constantes aferidas, realidade que constituem o que se chama de *y vertical*. A partir daí, munindo-se da teoria de base chegou-se a determinadas conclusões. Tudo isso feito de maneira cronologicamente organizada e espacialmente ordenada. Contudo, se pode perguntar: é o modelo mecânico- aristotélico o único possível?

Um outro modelo sobre o *tempo* foi desenvolvido por pensadores como Agostinho (sec. 5 d.C./2001) que apresenta ao Ocidente a conceituação de tempo como *impressão interior*. Em seu livro *Confissões* (397-398/2001), ele concebe este conceito sob duas categorias, a de *intentio* e *distentio anima*. Em sua obra, mas precisamente nos capítulos 14 e 17 do livro XI, ele se propõe a seguinte pergunta: o que é, pois, o tempo? Culminando na resposta que além da realidade externa do tempo, como medida do movimento, proposta pela tradição aristotélica, há também outra forma de concebe-lo, isto é, como a capacidade que a alma tem de se estender, de se dilatar e de durar. A *intentio anima* é o movimento que a *anima*, a interioridade humana, faz para conhecer o mundo, por sua vez a *distentio* é a forma como o ser humano apreende os conteúdos do mundo como sensações, impressões e memória. É porque os indivíduos conseguem interagir com o mundo por meio da *intentio* e construir conteúdos a partir dessa interação sob a forma de sensações, impressões e memória que se dá a experiência do tempo e de si mesmo. A proposta agostiniana apresenta duas características interessantes para a reflexão sobre a percepção e o conceito de tempo. A partir dela, o tempo passa a ser uma percepção da *anima* e, portanto, deixa de ser uma entidade ou um atributo do movimento passando a um movimento de percepção do interior, a forma como a alma se relaciona e se desenvolve no mundo. Surge o *tempo da consciência*.

O giro agostiniano em direção a interioridade provoca um fenômeno interessante para a reflexão sobre a percepção da temporalidade, pois, por meio da *intentio* e *distentio anima*, o tempo pode não apenas ser medido ou medir o movimento das coisas, mas também pode ser um instrumento de narrativa do mundo e de si mesmo porque leva o sujeito a fazer uma experiência dessas realidades. A partir de Agostinho, o tempo passa a ser uma “ruminação inconclusiva cuja única réplica é a atividade narrativa” (RICOEUR, 2010, v. I. p. 16) O conceito de *distentio anima* permite pensar um mundo que pode ser narrado como sucessão de impressões na alma. Esta consideração, pode ajudar a iluminar um dos resultados esperados da pesquisa em Psicologia da Saúde, isto é, as publicações. Os artigos, capítulos de livros, publicações e produtos nada mais são do que a narrativa de uma experiência espaço-temporal organizada e decodificada dentro de uma linguagem particular comum e em conformidade com um horizonte discursivo a que se nomeia modelo representativo ou ainda campo epistemológico. É porque o pesquisador pôde fazer uma experiência de mundo, estando com os outros e interagindo com eles que lhe é possível construir uma impressão organizada sobre esta experiência na modalidade de narrativa. Devido ao fato do pesquisador ter a capacidade de interagir com o mundo e percebê-lo durante determinado período de

tempo é que se faz possível falar, pensar e decodificar esse mundo e essa experiência em múltiplas linguagens e por inúmeros meios. À luz desse conceito, é possível observar que a pesquisa não nasce de um conjunto de teorias, de intuições ou acordos, mas sim, se constitui fundamentalmente a partir de uma experiência de mundo na qual o pesquisador, os participantes e os possíveis leitores estão implicados.

O período medieval também trouxe ao Ocidente a sua contribuição sobre a reflexão do tempo. Esse período articulou-se por um híbrido entre o modelo de tempo cíclico dos gregos e o linear do cristianismo dando origem ao modelo de tempo helicoidal, isto é, um tempo que apesar de possuir momentos fortes e momentos fracos caminha em direção a um futuro que, na mentalidade medieval, seria o fim dos tempos (FRANCO, 2000, p. 21-22). Este se mistura entre o tempo biológico, o tempo da vida dos seres e a da outra vida que seria um para além do tempo (LE GOFF, 2005). É do modelo de tempo medieval que nasce a ideia de um *tempo linear e progressivo* o qual, na modernidade, deu origem a conceitos como o de *progresso*, de *caminho positivo da história*, de *seta do tempo*, de *evolução* e também do próprio cronograma de pesquisa (JASPER, 1979).

O resultado dessas três visões de tempo, a de *medida do movimento* de Aristóteles, a de *distentio anima* de Agostinho e a de *linearidade helicoidal* medieval, contribuirá significativamente para a origem da concepção moderna de tempo, que teve, no pensamento newtoniano, um dos seus grandes impulsionadores com o conceito de *tempo absoluto*. Por meio de sua mecânica, a realidade passou de algo permeado pelo mistério ou pelo sagrado, como na Antiguidade e na Idade Média, a um real que obedece a princípios lógico-matemáticos claros e distintos. O modelo mecânico do relógio passou a ser o símbolo do real que deveria obedecer a leis aplicáveis a qualquer realidade. O tempo aqui volta à exterioridade, porém agora com um qualificativo, a precisão. A partir daí ele passa a ser a relação lógica entre espaço e movimento. Tratando a questão do tempo o pensamento newtoniano desenvolve a ideia de *tempo absoluto*, com expressão desse novo modelo que guiará a modernidade. Sobre o tempo comenta Newton:

O tempo absoluto, verdadeiro e matemático, por si mesmo e da sua própria natureza, flui uniformemente sem relação com qualquer coisa externa e é também chamado de duração; o tempo relativo, aparente e comum é alguma medida de duração perceptível e externa (seja ela exata ou não uniforme) que é obtida através do movimento e que é normalmente usada no lugar do tempo verdadeiro, tal como uma hora, um dia, um mês, um ano. (1726 /1974, p. 7)

É a Modernidade que vai dar grande atenção ao tempo, pois, dentro de um mundo guiado pelos cânones da razão, traço característico desse período, é de fundamental importância estabelecer os limites e as leis que guiam as estruturas do real. Entretanto, para se estabelecer esses limites, dois conceitos fundamentais se articulam, o conceito de espaço e conceito de tempo (HANSEN, 1999). Surge, assim uma nova forma de *substancialismo do tempo*, a partir desse paradigma as unidades temporais serão pensadas da mesma maneira que as unidades espaciais; o tempo é dividido em partes como se faz com o espaço. Isso acaba produzindo como efeito a mentalidade que pensa o tempo apenas sob o seu aspecto cronológico, como tempo do relógio, do calendário. Se mede uma porção de tempo de maneira análoga a uma porção de espaço.

Seguindo a lógica do paradigma mecanicista, o tempo, no cenário da reflexão Ocidental, de maneira particular o Ocidente europeu, passa a ser um modelo estrutural de percepção da realidade, sob o aspecto da forma, da medida e quantificação. Com o advento da segunda modernidade e com a transformação dos modelos produtivos de manufatureiro para os industriais, saber controlar o tempo, sob o aspecto de tempo cronológico, e o espaço significava saber controlar os processos produtivos econômicos. Em razão disso, era preciso cada vez mais refinar e precisar os instrumentos e estratégias de medida do tempo porque este passa a ser estrutura dinâmica para obtenção dos bens.

Pensando isso dentro do horizonte da pesquisa, é possível perceber a discussão sobre o produtivismo acadêmico e os seus impactos no processo de construção de pesquisas que de fato tenham valor para a sociedade ou para o campo do saber. O fato de no Brasil a produção científica estar submetida a uma lógica de produtividade e competitividade análoga aquela empresarial e que em muitos casos está substituindo o binômio qualidade/saber pelo da produtividade/custo-benefício (RODRIGUEZ; MARTINS, 2005) tem produzido efeitos concretos tanto na forma de se construir as pesquisas, quanto na vida dos pesquisadores. Sobre isso comenta Alcadipani “viramos gestores de projetos, burocratas de *papers*” (2011, p. 1176). Um dos efeitos interessante para a reflexão em Psicologia da Saúde, toca a qualidade de vida e a reflexão sobre as enfermidades ocupacionais nos pesquisadores (ARAUJO, et al., 2005). As consequências de uma lógica que estabelece a relação diretamente proporcional entre menor espaço de tempo com maior quantidade igual a produtividade parece refletir o paradigma moderno do tempo como instrumento para aprimorar, medir e quantificar a vida do pesquisador como pesquisador sob o ponto de vista da sua produção em determinado período

de tempo. Contudo, como escapar da redução do conceito de tempo a apenas a dimensão cronológica?

Uma alternativa ao modelo de tempo cronológico foi desenvolvida por Brentano (2015). O autor buscando estabelecer um pensamento que pudesse explicar como as pessoas interagem com o mundo propõe dois modelos de Psicologia, a *genética* ou causal, que se ocupa das condições causais as quais os fenômenos estão sujeitos, e a *descritiva* ou fenomenológica que seria responsável por “determinar exaustivamente (se possível) os elementos da consciência humana e como se relacionam entre si” (BRENTANO, 1995, p. 3) É dentro dessa segunda que se insere a pergunta pela percepção do tempo. Este, no pensamento Brentano, é uma impressão causada na psique, portanto a percepção do tempo estaria condicionada à estrutura da percepção que o sujeito tem do mundo e, por isso, não seria possível perceber-lhe a duração, seja no passado ou no futuro. O tempo é percebido como um ato no presente da vida da pessoa que o nota. Diferentemente da concepção newtoniana, não há objetividade temporal, mas sim, um tempo que é resultado de uma percepção fruto de uma impressão. A percepção do tempo não se caracteriza pela apreensão de conteúdos, mas sim, como uma atividade da psique. Brentano retoma o conceito medieval de intencionalidade e o chama de *in-existência*. A percepção do mundo se dá a consciência, é *in-existente*, isto é, recebe e produz impressões que fazem com que surjam atividades mentais que representam o mundo. Esse é o projeto brentaniano para a construção de uma Psicologia, entendida como a ciência dos fenômenos psíquicos ou da consciência. Sobre a Psicologia e o seu papel comenta Brentano:

A Psicologia repousa sobre a percepção e a experiência. Mas seu recurso essencial é a percepção interna de nossos próprios fenômenos psíquicos, consistindo em uma representação, um julgamento. O que é prazer e dor, desejo e aversão, esperança e inquietação, coragem e desencorajamento, decisão e intenção voluntária, nunca o saberíamos se a percepção interna de nossos próprios fenômenos não nos olho ensinassem (1973, p. 29).

O pensamento husserliano fará uma crítica dura a esse pensamento afirmando que a sua filosofia aprisionou o tempo dentro de um psicologismo (GRANEL, 1968). Por psicologismo entende-se a tendência teórica que tem por finalidade aplicar questões fundamentalmente filosóficas como a lógica, moral, estética e metafísica a problemas psicológicos. Nesse ponto, lendo e dialogando com o pensamento de Brentano, principalmente naquilo que toca ao seu subjetivismo, a tradição husserliana acabou afirmando que a reflexão do tempo foi reduzida a um produto da consciência (LALANDE, 1996).

Após observar, em grandes linhas, o caminho que o conceito de tempo percorreu no Ocidente até o nascimento da Fenomenologia, agora se pensará tal conceito dentro desse horizonte epistemológico para que assim consigamos responder à segunda questão já proposta na introdução deste artigo: como a percepção dos conteúdos temporais do real, ou seja, os conteúdos vividos, impactam na própria vida da consciência que o percebe? Para concretizar isso se observará a reflexão feita por Husserl sobre o tema, tendo como objetivo fazer ver em quais pontos tal reflexão pode contribuir para a compreensão da pesquisa em Psicologia da Saúde.

2 A PERCEPÇÃO FENOMENOLÓGICA DO TEMPO EM EDMUND HUSSERL

A pergunta pelo tempo e por sua percepção nasceu dentro das reflexões de Husserl (1950) que intentavam estabelecer um caminho de compreensão do real que fugisse das amarras do subjetivismo ou do relativismo, método esse que será chamado de Fenomenologia. Tomando por base o conceito de *intencionalidade*, que compreende um sujeito que vai ao encontro do real e um objeto que se dá a conhecer a partir de si mesmo, Husserl percebe que, para se estabelecer um percurso seguro de compreensão do real, um dos fatores importantes seria pensar como se dá a percepção do tempo e como esta impacta na maneira como cada indivíduo comprehende e interage com a realidade. Por isso, durante os anos de 1904 a 1905, ele vai se ocupar de analisar aquilo que ele chamou de *Zeitbewusstein*, ou *consciência do tempo* (LAVIGNE, 2005).

Husserl tomando por base as categorias que já estabelecera para a constituição do método fenomenológico, a saber: 1 – emersão do fenômeno e tomada de consciência do sujeito no mundo da vida; 2 – A atitude fenomenológica do sujeito; 3 – A redução eidética ou transcendental; 4 – as sínteses puras da consciência (HUSSERL, 2001), concebe as unidades de tempo como categorias objetivas que se dão a um sujeito que as percebe por meio de um movimento intencional. Essas unidades causam no sujeito impressões, sempre sob a forma de *atos-presentes* no instante da percepção, e aos poucos vão sendo armazenadas. Falando sobre a capacidade de perceber e guardar o som, o autor explica o caminho lógico da sua teoria da consciência do tempo. Comenta Husserl:

Podemos fazer enunciações evidentes sobre o objeto imanente em si mesmo: que ele agora dura; que uma certa parte da duração está escoada; que o ponto da duração do som captado no agora (com o seu conteúdo de som, naturalmente) se retrotraí constantemente para o passado e que um pouco

sempre novo da duração se coloca no agora ou é agora; que a duração decorrida se afasta do ponto-agora atual, o qual é sem cessar preenchimento de um qualquer modo, se move para um passado sempre ‘mais afastado’ e coisa semelhante. (1920, p. 58)

O conceito de *objeto temporal*, ou *objeto imanente*, pode clarificar o processo de entendimento da construção dos enunciados e informações numa pesquisa. Quando Husserl propõe o *objeto imanente* como a primeira unidade de uma percepção temporal, nele estão incluídas as lembranças, a percepção empírica instantânea e a experiência, elementos que acabam influenciando a compreensão da própria realidade e a maneira de lidar com ela. Semelhante situação ocorre também quando o pesquisador, no ato da pesquisa, interage com a realidade pesquisada e, também, quando ele traz consigo uma série de elementos teóricos e experiências que serão fundamentais na leitura da realidade à qual ele se direciona. Contudo é preciso avançar mais na reflexão das categorias temporais de Husserl pensando como estas podem dialogar com a pesquisa em Psicologia da Saúde para que assim se possa ver com mais clareza tal conceito. O *objeto imanente*, para ser percebido, precisa de uma estrutura subjetiva capaz de fazê-lo, estrutura essa a que Husserl nomeia de *consciência intencional*. Já para os conteúdos já armazenados pelo sujeito há uma *consciência retencional*, considerando que ela retém os conteúdos apreendidos no presente do vivido, caracterizando assim a capacidade da memória (HUSSERL, 1994).

Entretanto se pode perguntar: por que Husserl se vale desses artifícios para articular o seu pensamento sobre a percepção do tempo? A resposta mais simples seria: por uma questão de coerência com o método fenomenológico. A questão de fundo com a qual Husserl se defronta, ancola-se sobre um dos pressupostos do método fenomenológico, que é o da *redução eidética* e da *redução transcendental*, ambas sustentadas no presente da percepção. Partindo dessa realidade, isto é, do presente como agora do ser e como aí da percepção, é que Husserl estabelecerá a sua reflexão sobre a consciência do tempo. Outro fator que muito influenciará a reflexão fenomenológica e que proporcionará um diálogo entre esse campo do saber e a pesquisa em Psicologia da Saúde é a temática da duração ou *duratio*.

Para Husserl (1928), a percepção dos fenômenos do real, por se dar sempre no presente da consciência, acaba produzindo um *continuum* de impressões que dão origem ao *conteúdo retencional*, isto é, aquilo que não é mais uma impressão presente, mas que, foi sendo armazenado, produzindo assim uma sequência que termina no esquecimento. A essa sequência de impressões que se organizam e se sucedem a partir de uma impressão original, se dá o nome de *modo do decurso*, como é possível perceber “os modos do decurso de um

objeto temporal imanente tem o seu começo, um ponto-fonte, por assim dizer. Ele é aquele modo de decurso com o qual o objeto imanente começa a ser. Ele é caracterizado como “agora” (HUSSERL, 1928, p. 60).

À medida que vão se tornando mais distantes do agora da percepção, as impressões deixam de ser *conteúdos impressivos* e passam a ser *conteúdo da memória*, passando de uma *consciência impressional*, para uma *consciência retencional*. “A consciência impressional converte-se, em corrente permanente, numa consciência retencional sempre nova” (HUSSERL, 1928, p. 62). Pensando isso dentro de uma proposta de aproximação com a pesquisa em Psicologia da Saúde, é possível perceber que a consideração de Husserl podem dialogar com alguns estudos sobre o fenômeno da percepção como por exemplo, o conceito de sistema do *momento psicológico temporal* (FRAISSE, 1978), que, por sua vez, retorna o conceito de *momento presente* ou *specious present*, desenvolvido por E.R. Clay (1963) que comprehende o tempo que o cérebro humano identifica um fato como presente.

O *momento psicológico temporal* estrutura-se a partir das investigações neurobiológica da consciência e da inconsciência, entendidas não como estruturas reificadas, mas, sim, como estados mentais conscientes e inconscientes. Tais estados mentais são produzidos pela interação entre as estruturas neuronais que possuem uma característica eminentemente social e accional. Em outras palavras, não é possível entender a atividade mental, e principalmente dos estados mentais conscientes e inconscientes, se se considera apenas a atividade biológico-química de um neurônio (PUTNAM, 1988). Tais grupos neuronais organizando as suas atividades e interagindo entre si produzem aquilo que é denominado *experiência subjetiva do mundo* (CHALMERS, 1995). Essa experiência se desenvolve por meio de uma integração temporal do cérebro, que se organiza, segundo Pöppel (1978, 1985, 1994) em fluxos de alta e baixa frequência, produzindo entre si dois limiares, um de fusão, quando a distância da percepção é igual ou menor a 30 microsegundos, e outro de ordem, quando ultrapassa essa marca. Isso produz como resultado o *momento psicológico temporal*, que, na experiência presente, dá ao complexo de interação cerebral a experiência do sujeito.

Outro exemplo é o conceito de uma consciência capaz de estabelecer uma ligação entre os dados da percepção a tal ponto que eles pareçam um *continuum* e estabeleçam entre si uma relação de duração ou *duratio*, tema esse central dentro da reflexão de Brentano (2015) e, logo após, de Husserl (1994). Esses temas aparecem nas pesquisas atuais em Psicologia, principalmente na Psicologia Experimental sobre os denominativos de *processamento de*

informação ou temporalidade dos processos cognitivos (HAASE *et al.*, 1997). Sobre isso é possível exemplificar a partir da capacidade humana de ouvir sons. Quando uma pessoa ouve uma música ela escuta cada parte da música no momento presente. Cada parte dessa é armazenada como parte de um todo. Contudo, ao se escutar a música não se tem apenas a ideia de partes isoladas desta, mas sim, do todo da melodia, a tal ponto que em determinado momento da execução o ouvinte pode até antecipar o arranjo melódico que virá. Pensando isso, dentro da terminologia husseriana, é possível dizer que o ouvinte percebe as partes da música, *objeto imanente*, por meio da sua *consciência intencional*, entretanto a medida que a música vai sendo executada, os conteúdos, ou partes da melodia vão sendo armazenados, tornando-se conteúdos retidos, que por sua vez são percebidos por uma *consciência retencial* sob a forma de memória. A soma daquilo que está sendo percebido e daquilo que se tornou conteúdo retido, isto é, a parte da música que se ouve e que se ouviu permitem ao sujeito deduzir qual será a continuação da estrutura melódica por meio do processo de *antecipação*. Isso pode ser um exemplo de como se dá o *processamento da informação* ou *temporalidade dos processos cognitivos*. Tais elementos: *a percepção, a retenção e a antecipação* dão ao sujeito a impressão de estar ouvindo o todo da canção, como um *continuum*.

Não obstante isso, é possível fazer uma pergunta: Os conteúdos da mente ou da consciência se constroem apenas sob a modalidade de uma *consciência impressivo-retencial*? Como se explica então o fenômeno das construções mentais? Ou das reinterpretações? Para isso, Husserl desenvolverá o tema da *retenção secundária* ou *recordação interativa* que, segundo ele, seriam: “[...] do mesmo modo que as presentificações se agregam imediatamente às percepções, podem também ocorrer presentificações de um modo autossuficiente, sem agregação às percepções, e isto será a recordação secundária” (HUSSERL, 1928, p. 67). Aqui é possível perceber uma nova aproximação entre a Fenomenologia e a Psicologia da Saúde no que toca a produção de pesquisa.

Partindo das reflexões da consciência do tempo em Husserl, é possível perceber que toda a pesquisa/escrita científica nasce como resultado de uma mimese, isto é, de uma lembrança, fruto dos conteúdos armazenados das impressões retencionais que, no ato da escrita científica, são reinterpretados a partir do presente da vida daquele que é o autor da produção científica. A construção da pesquisa e os futuros resultados das produções analisadas são frutos dessa interação entre o sujeito participante, seja ele uma pessoa, grupo humano e os dados armazenados pelo pesquisador, somatório de uma série de retenções

traduzidas sob a forma de memória, informação e conhecimento, texto, banco de dados. Sobre esse tópico é possível tomar como exemplo as pesquisas sobre a relação entre stress e trabalho nas pesquisas em Psicologia da Saúde. O pesquisador ao se perguntar pelo como se dá a relação entre o trabalho e o stress só o pode fazê-lo porque existe uma literatura ou campo epistemológico de base, por exemplo, a abordagem Organizacional e do Trabalho e também, no caso de pesquisas com determinado grupo humano, porque existem participantes dessa pesquisa que interagem com o pesquisador. O somatório da relação entre conteúdos conhecidos, fornecidos pelo campo epistemológico e pelos participantes da pesquisa, constituem os conteúdos ou elementos retencionais que são ordenados e reinterpretados pelo pesquisador no ato da sua escrita/produção científica. Portanto, fenomenologicamente pensando, não há pesquisa sem *interação, mimeses e reinterpretação* dos conteúdos do vivido que, na escrita científica, são traduzidas sob a forma de uma narrativa endereçada do mundo. Endereçada porque supõem um pesquisador que interage e analisa o mundo a partir do seu campo epistemológico, da sua experiência de interação com a questão da pesquisa e com o produto final dessa. Considerando isso, percebe-se uma questão importante para todo e qualquer ato de pesquisa, pois, à luz das considerações sobre a percepção do tempo, é possível concluir que os resultados da pesquisa são influenciados e, em muitos casos, determinados pela relação entre os conteúdos armazenados no conjunto da vida do sujeito e os fenômenos provindos da parcela do real pesquisada, seja ela um indivíduo, uma comunidade ou uma determinada realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após verificar algumas primeiras intuições da Fenomenologia sobre o conceito, a percepção e a consciência do tempo é possível perceber que a reflexão sobre esses conceitos em relação à pesquisa em Psicologia da Saúde possibilitou ver algumas características fundamentais daquilo que poderia se chamar uma história oculta ou tácita do tempo e também de que o tempo, tomado sob a dimensão cronológica, parece não ser a única nem a melhor opção de abordagem.

O caminho empreendido com o objetivo de advertir sobre a questão do tempo, sob o prisma da reflexão fenomenológica, permitiu ver que as várias formas de abordagem dessa realidade acabaram por determinar a maneira como a percepção e a interação com esse conceito foi sendo desenvolvida durante os tempos. O fato de relegar o tempo apenas sob o

ponto de visto físico-matemático, reduzindo-o a dimensão cronológica, acabou fazendo com que o pensamento moderno e, em grande medida, o contemporâneo associasse de maneira, quase linear, o conceito de tempo ao de medida do tempo, ou medida do movimento no caso do pensamento aristotélico.

A proposta fenomenológica de pensar o *tempo* como um tecido do real e portanto, como um dimensão que impacta fundamentalmente na forma como as pessoas percebem a realidade acabou oportunizando a reflexão sobre a pesquisa em Psicologia da Saúde a abertura de um horizonte diferente, pois a partir do momento que consideramos a percepção do tempo como o elemento que permite ao pesquisador produzir um discurso sobre o mundo, esta dimensão acaba por influenciar de importante maneira a forma como se produzem e se estruturam as pesquisas.

Também foi possível notar que a temática da percepção do tempo vem ganhando certa expressão e importância dentro de algumas áreas da pesquisa em Psicologia, de maneira particular quando se busca entender os processos de percepção do mundo pela consciência. Tudo isso corrobora com a hipótese de que, ainda que tácita, a questão do tempo sempre está presente dentro do nosso horizonte de possibilidades, no presente caso, a pesquisa em Psicologia da Saúde.

Por meio da reflexão fenomenológica, no caso deste artigo, centrada fundamentalmente sobre os estudos feitos por Husserl, foi possível perceber que a questão do tempo e da percepção deste implica fundamentalmente a forma como se percebe e se interage com o mundo. O pesquisador, no ato da pesquisa e interagindo com ela e com a realidade pesquisada, recebe e provoca impressões que fazem com que tanto o objeto captado quanto ele mesmo se modifiquem, e isso só é possível porque existe uma interação espaço-temporal entre os dois ou mais elementos envolvidos no processo de pesquisa. Outro fator fundamentalmente marcado pela questão temporal é o próprio processo de construção dos resultados da pesquisa, seja sobre a forma de antecipação temporal já presentes nos projetos de pesquisa, seja sob a forma de conclusão na apresentação dos resultados.

Após a reflexão sobre a relação existente entre tempo e pesquisa em Psicologia da Saúde, é possível intuir que a principal conclusão a que podemos chegar é que toda pesquisa se desenvolve não no presente da história do pesquisador, mas sim como um *futuro do pretérito*. Futuro porque se organiza fundamentalmente sob o artifício da antecipação, que, nos protocolos de pesquisa, podem vir sob a forma de hipóteses, resultados previstos, problemas; e pretérito porque todo ato de reflexão e memória, como aponta Husserl, é fruto de

uma retenção de unidades de conteúdo organizados, de maneira lógica, em um *continuum* que se estrutura fundamentalmente como presente que possui uma memória e se projeta nas suas possibilidades futuras.

Um dos limites desse artigo se ancora no fato de que essa pesquisa pretendeu observar a relação entre o fenômeno do tempo na pesquisa em Psicologia da Saúde apenas a partir das primeiras intuições da fenomenologia de Husserl produzindo como efeito uma reflexão, em muitos termos abstrata sobre o fenômeno da percepção e consciência do tempo. Contudo, tal reflexão é necessária para que futuramente se possa perguntar pelos lugares e modalidades de construção da pesquisa em Psicologia da Saúde e sobre a forma como a Fenomenologia pode ajudar nesse processo. Resta ainda explorar a continuidade dessa reflexão por meio de outros autores da tradição fenomenológica, tais como, Ricoeur, Heidegger. Ao se pensar as possibilidades que este estudo permite é possível perceber que a reflexão a luz da fenomenologia da percepção do tempo em Husserl, permite diálogos com outras áreas do saber, como a Neurociência, Neurobiologia, Neuropsicologia, a Psicologia Cognitivo-Experimental, podem trazer para a discussão sobre o argumento do tempo.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Confissões. Lisboa: PIN, 2001.

ALCADIPANI, R. **Resistir ao produtivismo:** uma ode à perturbação acadêmica. Caderno EBAPE. BR. Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 1174-1178, dez. 2011.

ARAUJJO, T. M, et al. **Mal-estar docente:** avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de ensino superior. Revista Baiana de Saúde Pública, v. 29, n. 1, p. 6-21, jun. 2005.

ANTHOLOGIA PALATINA. v. 9, London: William Heinemann Ltd, 1915.

ARISTÓTELES. **Física.** Barcelona: Editorial Gredos, 1995.

BERGSON, H., **Durée et simultanéité.** Paris: PUF, 1968.

_____. **Mélanges.** Paris: PUF, 1972.

_____. **La pensée et le mouvant.** Paris: PUF, 1993.

- BRENTANO, F. **Psychology from na Empirical Standpoint**. Nova York: Routledge, 2015.
- _____. **Descriptive psychology**. London: Routledge, 1995.
- _____. **Psychology from an Empirical Standpoint**. McAlister. London: International Library of Philosophy, 1973.
- CHALMERS, D.J. **The puzzle of conscious experience**. Scientific American, 21A, n. 12, p. 8 0-6, 1995.
- FLECK, L. **Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.
- FRAISSE, P. **Time and rhythm perception**. In: Carterette, E.C e Friedmans, E.P. (eds), Handbook of perception, Vol. VIII. (pp. 202-254). Nova Iorque: Academic Press, 1978.
- FRANCO Jr., H., **A Idade Média**: Nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense Editora, 2000.
- GRANEL, G. *Le sens du temps et de la perception chez E. Husserl*. Paris: Gallimard, 1968.
- GOLDENBERG, M. **O discurso sobre o sexo**: diferença de gênero na juventude carioca. In ALMEIDA, M. I.; EUGENIO, F. (org.), **Cultura jovens: Novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- HAASE, V. G.; DINIZ, L.F.M. e CRUZ, M. F. **A estrutura temporal da consciência**. Psicologia USP, 8, 227-243, 1997.
- HANSEN, G. L., **Modernidade, utopia e trabalho**. Londrina: Edições CEFIL, 1999.
- HEIDEGGER, M., **Vortäge und Aufsätze**, G. Neske, Pfullingen, 1954.
- _____. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HESÍODO. **O trabalho e os Dias**. Curitiba: Segesta, 2012.
- _____. **Teogonia**: A origem dos deuses. 3. Ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.

HUSSERL, E. **Leçons pour une phénoménologie de la conscience intime du temps.** Paris: PUF, 1964.

_____. **Idées directrices pour une phénoménologie.** Paris: Gallimard, 1950.

_____. **Lições para uma Fenomenologia da consciência interna do tempo.** Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1928.

JAEGER, W., **Paidéia: a formação do homem grego.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JAMES, W. **Principles of psychology.** Nova Iorque: Dover Publications, 1963.

JASPER, K., **Vom europäischen Geist.** Würburg, 1979.

LALANDE, A., **Vocabulário técnico e crítico da filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LAVIGNE, J.-F., **Husserl et la naissance de la phénoménologie.** Paris: PUF, 2005.

LE GOFF, J., **A civilização do Ocidente medieval.** Bauru, SP: EDUSC, 2005.

MEYER, U., **The nature of time.** OXFORD: Clarendon Press, 2013.

NEWTON, I., **Princípios Matemáticos, O Peso e o Equilíbrio dos Fluidos** in “Os Pensadores”. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

PETITOT, J.; VARELA, F.J.; PACHOUD, B.; ROY J.M. **Naturalizing phenomenology issues in contemporary phenomenology and cognitives Science.** San Francisco: Stadford University Press, 2000.

PÖPPEL, E. **Grenzen des bewußtseins:** über Wirklichkeit und welterfahrung. Stuttgart, Deutsche Verlags-Anstalt, 1985.

_____. **Temporal mechanisms in perception.** International Review of Neurobiology, v.37. p. 185-202, 1994.

_____. **Time perception.** In: HELD, R.; LEIBOWITZ, H.W.; TEUBER, H.L., eds. Handbook of sensory physiology. Berlin: Springer, 1978. v. 8, p. 713-29.

POPPER, K., **Lógica da pesquisa científica.** São Paulo: EDUSP, 1985.

_____. **Os dois problemas fundamentais da teoria do conhecimento.** São Paulo: Editora Unesp, 2013.

PUTNAM, H. **Representation and reality.** Cambridge: MA, MIT Press, 1988.

RICOEUR, P., **Tempo e Narrativa.** v. 1, 2, 3. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RODRIGUEZ, M. V; MARTINS, L. G. A. **As políticas de privatização e interiorização do ensino superior:** Massificação ou democratização da educação brasileira. Revista de Educação, Valinhos: v. 8, n. 8, p. 41-52, 2005.

TEMPO E PESQUISA EM PSICOLOGIA DA SAÚDE: DISCUSSÕES A PARTIR DE HEIDEGGER E RICOEUR

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a questão do tempo no pensamento de Heidegger e Ricoeur, para contribuir sobre a reflexão do processo de pesquisa em Psicologia da Saúde. Para tanto, faz-se um estudo do que seja a abordagem sobre o tempo no pensamento de Heidegger. Este é entendido como um movimento do ente que é cada pessoa na singularidade da sua existência e no seu movimento de estabelecer relação consigo e com o mundo, a partir dos conceitos de cuidado e de lugar. Logo após, veremos que, em Ricoeur, a experiência humana do tempo se dá como narrativa, como um ser capaz de dizer algo sobre o mundo. Aplicando isso à pesquisa em Psicologia da Saúde, será possível perceber que todo ato de pesquisar acaba afirmando-se como estabelecimento de um lugar/morada a partir do qual se constrói uma narrativa e se faz experiência dela. Este artigo utiliza-se do método fenomenológico e da pesquisa bibliográfica como metodologia de trabalho.

Palavras-chave: Fenomenologia. Tempo. Fenomenologia.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the question of time in the thought of Heidegger and Ricoeur, to contribute on the reflection of the research process in Health Psychology. In order, too so, a study of what is the approach over time in Heidegger's thinking. It is understood as the entity of the movement that is each person in their existential singularity to establish relationship with themselves and with the world, from the concepts of care and place. Soon after, we shall see, in Ricoeur, that the human experience of time is given as a narrative, as a being able to say something about the world. Applying this research in Health Psychology, will be possible to see every act of searching just asserting itself as a place of establishment/address from which one is built a narrative and we experience it. This article uses of the phenomenological method and bibliographical research as a working methodology.

Key words: Phenomenology. Time. Phenomenology

INTRODUÇÃO

A presente reflexão tem por objetivo discutir o tempo dentro do pensamento de Heidegger e Ricoeur esclarecendo quais são as possibilidades de diálogos e pontos de iluminação para a área da Psicologia da Saúde no que toca a dimensão da pesquisa.

Contudo, para se trilhar esse caminho faz-se necessário alguns esclarecimentos prévios dos conceitos fundamentais do pensamento desses dois autores. Heidegger parte da pergunta pela história do ser no pensamento Ocidental, dizendo que desde Aristóteles e Platão houve um esquecimento desta questão e uma supervalorização da questão do ente. Para tentar outra possibilidade que resgatasse esta questão em sua estrutura e força original ele propõe

pensar a relação do sentido do ser a partir da vida do ente que é capaz de entender os movimentos do ser, a saber: o ser humano, chamado por Heidegger de “*Dasein*”, ou seja, o ente que está no aí do presente, na luminosidade da sua consciência como capacidade, possibilidade e abertura. Por *ser* se entende a categoria filosófica para qualquer existente, se existe ou pode existir isso constitui um ser, já o *ente* corresponde ao ser concreto, singular, reificado (LALANDE, 1996).

O ser humano, pensado como o ente que sabe do sentido do ser, na sua vida, em sua origem apresenta-se como projeto aberto, como universo de possibilidades, busca dar razões a própria existência, daí o porque do *Dasein*, que é como Heidegger chama o ser humano, ser uma abertura que busca dar sentido a si mesmo e ao mundo (HEIDEGGER, 2012). Este movimento de dar sentido a própria existência, estando no mundo com os outros, faz com que o ser humano produza interações por meio dos chamados, *modos de ser*. Por meio do movimento de dar razões a própria existência no mundo com os outros que o ser humano, que é cada pessoa, homem e mulher, na singularidade da sua existência, transforma a realidade física em *lugar*, entendido como espaço do sentido, convertendo o mundo em habitação ou morada. É nisso que o indivíduo torna-se um ser de linguagem. “Nós dizemos que o ser de linguagem, enigmático e obscuro, deve conhecer uma clarificação a partir do ser do homem” (HEIDEGGER, 2008, p. 40).

A partir daí o ser humano organiza essa linguagem de si mesmo e do mundo dentro de uma estrutura lógica, que são as línguas. Tais estruturas lógico-lingüísticas produzem a ordenação temporal do mundo por meio da *narrativa*, e aqui é possível ver a temática de Ricoeur. Contudo, se pode perguntar: quem faz experiência de abertura e do projetar-se como *ser no mundo-com-os-outros*? Para Heidegger (2012) este modo de ser é próprio do “*Dasein*” o ser humano, que apresenta-se sob a forma do ente que é cada ser humano em cada caso, vivendo a experiência de ser vivo como abertura, ou seja, como projeto a ser construído. No pensamento de Ricoeur (2010) este modo de ser próprio que é cada homem e mulher, cujo fazer se traduz sob a forma de *narrativa*, tal como será visto mais a frente, configura-se como a forma humana de fazer experiência do tempo.

A partir da visão de Heidegger sobre o ser humano e pensando as implicações dessas categorias dentro da reflexão sobre o conceito de *tempo* e a sua contribuição para a pesquisa em Psicologia da Saúde se nota que fundamentalmente a pesquisa dentro dessa área do saber se dá como narrativa de uma experiência do vivido, pelo sujeito da experiência, no mundo, com os outros. Inclusive a pesquisa de corte estatístico experimental, considerando que, as

estruturas matemático-estatísticas e experimentais articulam-se também como linguagens que, uma vez organizadas, produzem impressões sobre o real de forma ordenada e distinta. Tais ordenações obedecem a princípios lógicos, fazendo assim com que o produto linguístico presente nas produções assuma as características daquilo que Ricoeur (2012) vai chamar de *narrativa*. Estes conteúdos organizados e submetidos a um método se transformam na produção científica e no objeto mesmo da própria reflexão que a ciência faz sobre si, isto é, em elementos que permitem uma discussão de caráter epistemológico.

É diante do horizonte de eventos de um ente, que é cada ser humano, que nasce como projeto aberto e que no exercício de dar razões à própria existência faz a experiência do mundo como *lugar* no qual, ele é *co-presente* e *inter-essado*, e do *tempo* como *narrativa*, que a presente reflexão intenta colocar em diálogo o argumento do tempo e a sua relação com a dimensão da pesquisa em Psicologia da Saúde buscando pensar as estruturas que possibilitam a construção de uma narrativa que seja capaz de dizer, *racconter*, o real, no presente caso, a pesquisa (RICOEUR, 1990). Por argumento entendemos a estrutura que é capaz de dizer sobre o real e ao mesmo tempo contê-lo como ideia, ou modelo representativo (HEIDEGGER, 1934/2008).

1 TEMPO E MUNDO: UMA REFLEXÃO SOBRE A PESQUISA A PARTIR DE HEIDEGGER

A pergunta pelo tempo no pensamento heideggeriano nasce das questões que envolvem o movimento deste ente que é cada pessoa na singularidade da sua existência, um ente que sabe de ser no mundo. É partindo dessa constituição ontológico-existencial que se pode observar a teorização que Heidegger faz desse conceito. Diferentemente de Husserl que em sua obra busca estabelecer a estrutura da percepção do tempo na consciência, Heidegger postulará a pergunta pela causa mesma dessa percepção, em Husserl a pergunta é: como percebemos o tempo? Já em Heidegger a pergunta se apresenta da seguinte maneira: porque somos capazes de perceber o tempo?

Tal diferença é fundamental para o desenvolvimento da presente reflexão, pois se em Husserl (1928) a descrição da estrutura da percepção permite conceber o tempo como um complexo movimento da consciência que busca se estender por meio de uma *duratio*, continuidade, que parte de uma *urimpression*, *impressão originária*, fazendo assim com que a percepção do tempo se torne um movimento intencional de compreensão e relação com a

realidade. Em Heidegger, o *tempo* e a sua percepção se tornam um traço constitutivo e constituinte do próprio fato de ser consciente no mundo, de ser luminosidade. A experiência do tempo é um *modo de ser*.

Heidegger, em sua reflexão sobre a constituição do ser no mundo faz a diferenciação entre três tipos de entes; o primeiro, *zuhandenheit*, caracterizado pela realidade das coisas que estão à disposição do ser humano e que podem servi-lhe como instrumento para a constituição do seu lugar vital; o segundo, *vonhandenheit*, como a realidade do mundo externa ao indivíduo, a alteridade, *Dasein*, que literalmente seria “ser aí” e que significa ser humano como aquele ente que possui a consciência de ser no mundo (HEIDEGGER, 2012). Para se entender melhor o *Dasein* como ser humano que possui a consciência de ser no mundo faz-se necessário uma digressão importante. Heidegger evita usar o termo consciência por considerar que durante a história do pensamento Ocidental este termo sofreu uma redução e um desvio de significado, por isso prefere dizer que o *Dasein*, o ser humano possui uma *luminosidade* que se dá como abertura em direção ao mundo, isto é o conceito de consciência em Heidegger. Para ele a consciência se apresenta como um chamamento que convida o *Dasein* a ser si mesmo no conjunto das suas possibilidades, “o *Dasein* é o ente para o qual em seu ser está em jogo esse ser ele mesmo” (HEIDEGGER, 2012, p. 535). Aqui há um passo importante entre o pensamento de Husserl e o de Heidegger, pois, diferentemente do primeiro que se preocupa em pensar os processos de como o sujeito percebe e interage com o mundo, o segundo, pensando o ser humano, pensa-o como existente que construindo-se e construindo a realidade se estrutura como ser presente que busca desenvolver um projeto de abertura que termina com a morte, daí o tema da finitude em Heidegger. Com isso, Heidegger abre dentro do pensamento fenomenológico a perspectiva de um caminho hermenêutico de compreensão do ser, pois, a partir daí, a caminho do ser se torna um movimento de dar sentido a existência no mundo, por meio da linguagem como um ser de linguagem.

É partindo de um ente posicionado como *luminosidade-aberta*, porém incompleta, que Heidegger vai conceber a relação do *Dasein* com o tempo. Diante disso podemos pensar, como se dá a relação entre passado, presente e futuro no pensamento desse filósofo? Nesse ponto não há distanciamento entre o pensamento do Heidegger e Husserl, para eles o futuro se desenvolve como antecipação e possibilidade, é um “a-vir”, já o passado se dá como retenção ou um “já-foi-que-ainda-é”, ou ainda, na linguagem de Heidegger, um “*ich-bin-gewesen*” (eu sou sido) (HEIDEGGER, 2012, p. 887). O presente aparece como comparecimento no mundo. “O adiantar-se-em-relação-a-si funda-se no futuro. O já-ser-em manifesta em si o ser do sido.

O ser junto-a só é possibilitado no presenciar” (HEIDEGGER, 2012, p. 891). Aqui o ser humano apresenta-se como um “já ser”, como vivente e um “ainda é-sendo” como algo retido na memória. “A temporalidade é o originário ‘fora de si’, em si mesmo e para si mesmo” (HEIDEGGER, 2012, p. 895). Por *originário* o pensamento heideggeriano comprehende a estrutura que dá possibilidade, que é condição de todas as outras e causa primeira e eficiente delas.

A relação entre passado, presente e futuro no pensamento de Heidegger pode ser ilustrada quando no ato de construir ou finalizar a pesquisa o pesquisador considera as possíveis aplicações dos conceitos por ele estudados nas suas próximas produções, essas constituem-se como um “a-vir”, uma antecipação, haja vista que as próximas produções ainda não foram efetuadas. Isso só pôde ser feito porque o pesquisador possui uma experiência de vida e de pesquisa. Essa experiência vital e conceitual constitui o “já foi que ainda é”. É um “já-foi” porque o pesquisador já viveu não obstante, os resultados dessas experiências têm influência no presente da sua história, e por isso “ainda-é”. A relação entre o projetar as possibilidades de pesquisa, trazendo toda a bagagem teórica já vivida e estudada pelo pesquisador, porque a pesquisa não se dá apenas como uma experiência teórica, mas existencial, faz com que ele “compareça” e se posicione como pesquisador no agora da sua vida com as possibilidades que a existência proporciona.

Mas por quê se dá o movimento de *antecipar-se, já estando aí?* Heidegger vai explicar que o movimento temporal do *Dasein* se dá porque o ser humano, precisa buscar um sentido para a própria vida que se constitui inicialmente como um projeto aberto. Esse movimento de dar razões à própria existência será traduzido no pensamento heideggeriano pela necessidade que o *Dasein* tem de cuidar, *Sorgen*, entendida por ele de três maneiras diferentes: a *ocupação*, a *preocupação* e o *cuidado*. Primeiro: por *ocupação*, *Fürsorgen*, se entende o movimento que o *Dasein* estabelece com o vivido que *está aí no mundo em relação a ele*, Ele, o *Dasein* se *ocupa* das coisas que *estão aí*, *Zuhändigkeit*; Segundo: por *preocupação*, *Besorgen*, se entende o movimento de antecipação do *Dasein* em transformar ou trazer para o mundo familiar, para o mundo do manual, aquilo que originalmente pertence ao mundo do vivido esta se caracteriza pela relação que o ente que é cada pessoa em cada caso estabelece com as coisas que lhe estão dispostas, isto é, com o *Vonhändigkeit*. Por fim, terceiro, por cuidado, *Sorgen*, se entende a atitude do *Dasein* em ocupar-se de si mesmo dando sentido a própria existência no movimento de projetar-se e concretizar-se em suas possibilidades. Comenta Heidegger:

O ser do Dasein significa: ser-adiantado-em-relação-a-si-em (-o- mundo) como ser-junto- (ao- ente-do-interior- do-mundo que vem-de-encontro). Esse ser preenche a significação do termo preocupação, empregado em sentido puramente ontológico-existenciário [...]. Porque o ser-no-mundo é essencialmente preocupação é que nas análises precedentes se pôde apreender o ser junto ao ente utilizável como ocupação e como o ser do Dasein-com os outros do interior-do-mundo que vêm-de-encontro, como preocupação-com-os-outros (2012, p. 539).

Pensando isso dentro do horizonte das pesquisas em Psicologia da Saúde é possível notar que o pesquisador no ato de dar razões ao fato dele ser um pesquisador, ou seja, de *cuidar* (*Sorgen*) do seu modo de ser pesquisador acaba estabelecendo uma relação com o mundo da pesquisa, seja ela sob o ponto de vista da apropriação teórica dos conceitos usados na área da Psicologia da Saúde ou ainda na relação de construção de uma pesquisa junto aos participantes. Esta relação com o mundo constitui o horizonte no qual a pesquisa nasce, que no pensamento de Heidegger é expresso pelo conceito de *lugar*. O processo de constituição do *lugar* da pesquisa se dá de duas maneiras: A primeira como *apropriação*, no qual o pesquisador dispõe dos recursos teórico-práticos da área do saber para construir a sua pesquisa, são exemplos no caso da área da Psicologia da Saúde (os instrumentos, testes, abordagens, metodologias, formulários), isto constitui o modo de ser do *Besorgen*, *preocupação*. A segunda com os participantes no qual o pesquisador tem uma relação sob a forma de *responsabilidade* com uma alteridade, pois, diferente do instrumental fornecido pela área do saber, o pesquisador não dispõe dos participantes da pesquisa, mas tem para com eles uma vinculação e um compromisso ético.

Se o movimento fundamental do *Dasein* no mundo configura-se pela necessidade de cuidar, nas suas três modalidades, o próprio ato da pesquisa como uma projeção em direção a um conjunto das possibilidades se torna um espaço de cuidado. Os projetos de pesquisas parecem se configurar como um movimento de *antecipação* (futuro) já estando no meio de (passado) que *comparece* no aí (presente) da vida do pesquisador e do participante da pesquisa, como *cuidado*. Um projeto de pesquisa constitui-se como um antecipar-se em relação a uma realidade que está presente, este movimento implica no processo de delimitar, dentro de um universo de possibilidades quais elementos poderão servir para determinado objetivo ou não, a isso se pode atribuir vários nomes, como delimitação do campo, delimitação do tema, ou universo temático, porém isso só pode ser feito por meio de um conhecimento prévio de determinado campo, fruto de um processo de *retenção*, ou na linguagem de Heidegger, fruto do processo de *já-estar-no-meio* do campo do conhecimento ao qual o pesquisador se dispõe pesquisar.

Esses conhecimentos prévios acabam denunciando, dentro do universo da pesquisa em Psicologia da Saúde a existência de uma *pré-impressão*, ou condição de possibilidade. A reflexão fenomenológica sobre a *pré-impressão* seja ela em Husserl (1950) ou em Heidegger (2001) afirmam que todo movimento de compreensão originária de uma realidade se dá por meio do movimento ou modo de ser do *inter-esse*. É porque o sujeito está direcionado, *interes-sado* em determinada realidade e também pelo fato de que tal realidade se abre a este sujeito a partir de si mesma que é possível conhecer o real. Esta é a base daquilo que Husserl (1950) vai chamar de *intencionalidade*. A *impressão originária*, na tradição fenomenológica seria a condição mais elementar e constitutiva de compreensão do mundo, pois é a partir dela que todo real se torna possibilidade, inclusive a realidade do próprio sujeito.

Pensando o diálogo dos conteúdos acima apresentados com o tema da pesquisa em Psicologia da Saúde é possível falar em *pré-impressão* nas modalidades de pesquisa que não trabalham explicitamente com hipóteses? Como por exemplo, as produções científicas que supõem um problema de pesquisa, ou ainda trabalhos que se baseiam em entrevistas. A resposta para essa pergunta se dá de maneira afirmativa pois nelas já é possível perceber o movimento da *antecipação* pois, nessas estratégias do método, no caso do problema de pesquisa, ou instrumentos, questionários, já há a delimitação epistemológica do campo e da realidade fruto de um conhecimento prévio, e, portanto, *pré-impressivo*.

A reflexão sobre as *pré-impressões* permite ver outro ponto importante para a se pensar sobre a relação do tempo e da pesquisa em Psicologia da Saúde. O processo de *antecipação* já possuindo uma *retenção*, acaba produzindo um *lugar* a partir do qual o *Dasein*, no caso o pesquisador, interage com o mundo e é capaz de produzir uma narrativa. Esse é o lugar do qual a pesquisa nasce. É o fato de estar em contato com uma realidade seja sob a forma de pesquisa *in loco* ou pesquisa bibliográfica, que faz com que o pesquisador possa produzir uma narrativa dessas impressões que é sempre fruto de uma *abertura que se presenta*, de um *desvelamento* e de uma *resistência* (HEIDEGGER, 1957), entendida como aquilo que não pode ser desconsiderado, *Aletheia* (HEIDEGGER, 1985). *Abertura que se presenta* pois, o pesquisador no movimento de dar sentido a sua existência se abre, como pesquisador, e *comparece* no ato da pesquisa, é *desvelamento* porque um dos objetivos da pesquisa é dar visibilidade àquilo que por si não seria visível e *resistência* pois a realidade e os participantes envolvidos na pesquisa são sempre alteridades em relação ao pesquisador. O lugar de *comparecimento* é a linguagem narrativa como grande processo de transformação da espacialidade em morada como o *locus* da experiência humana.

Diante disso faz-se necessário definir o que no pensamento de Heidegger significa *lugar* e *morada/habitação*, para assim podemos entender como se dá o processo de narrativa do ente que é capaz de narrar, o ser humano. Em textos como “Sobre a questão da técnica” (1958) e “Habitar, construir e pensar” (1954) Heidegger definiu aquilo que entende como movimentos do *Dasein* no mundo. Por meio dos conceitos de espaço e lugar ele acaba por afirmar que o espaço é qualquer lugar que não sofreu a ação ou interação com o ser humano, já o *lugar* é sempre aquilo que se tornou morada, *domus* do ser humano. Para se entender o que Heidegger propõem com o conceito de morada, é interessante pensar tal conceito a luz da sua versão latina, *domus*, ou seja, morada como aquilo que foi *domesticado*. Por *domesticado* se entende tudo aquilo que foi transformado em linguagem. Dar nome significa dominar, fazer algo pertencer a casa. Toda as vezes que uma pesquisa amplia um campo do saber ou proporciona uma nova descoberta, ela expande a *morada*, dilata as fronteiras nas quais o narrado se constituía. Tudo aquilo que está dentro da fronteira da *morada* é linguagem e por isso pode ser narrado. “Por isso os espaços recebem sua essência dos lugares e não ‘do’ espaço” (HEIDEGGER, 1954, p. 40).

Mas como se dá o processo de transformação do espaço em *morada*? Esta se dá por meio da técnica, entendido a partir do original grego *Thekné*. Em Heidegger, a *técnica* comprehende o movimento do *Dasein* projetando-se sobre as suas potencialidades e concretizando-as no singular ato do estar-aí-no-mundo como existente. “A *thekné* é um modo da *aletheien*. Ela desabriga o que não se produz sozinho e ainda não está à frente e que, por isso, pode aparecer e ser notado, ora dessa, ora daquela maneira” (HEIDEGGER, 2007, p. 380). A partir desse conceito é possível perceber que a pesquisa é uma forma de *thekné* porque ela desabriga, dá luminosidade a um conhecimento que não pode se produzir sozinho, ou seja, a pesquisa.

Estes dois conceitos, o de *lugar* como espaço que se transformou em morada do *Dasein* e por isso podem ser narrados e de *técnica* como movimento de projeção do ser que é cada pessoa na singularidade da sua história, podem ajudar a entender os impactos previstos e as variáveis espúrias das pesquisas. Partindo desses conceitos é possível perceber que toda pesquisa é um movimento de estabelecimento de uma morada na linguagem sobre determinado tema ou sobre determinada parcela do real.

Outro ponto relevante que a reflexão sobre as categorias de Heidegger pode trazer para a percepção do tempo e sobre o fazer da pesquisa em Psicologia da Saúde é que todo ato de pesquisa é ao mesmo tempo um movimento de aplicação e validação de uma *técnica*,

entendida aqui como projeção do próprio *Dasein* no mundo, e também verificação dos próprios conteúdos já sedimentados pelo ato da retenção intencional. Ao fazer a pesquisa o pesquisador se desenvolve e se qualifica, e por isso projeta-se no mundo da vida e dá sentido a ela e ao mesmo tempo verifica se aquilo que ele já pôde viver como experiência corresponde a realidade ou não. Todo ato da pesquisa é marcado pela provisoriação do conhecimento (POPPER, 1985) e pela referencialidade à um campo. O movimento da *técnica*, pensada a partir da reflexão de Heidegger, vem iluminar o exercício de ser pesquisador como uma prática de construção de si. Ao pesquisar a pessoa faz a experiência de construir-se como subjetividade, dentro do modo de ser da pesquisa.

É possível ainda observar a partir dessas reflexões é que a percepção do tempo como *projetar-se a si mesmo no conjunto das possibilidades já estando no meio de, comparecendo no mundo* permite o narrado, e, portanto, a pesquisa. É porque os elementos do real e o *Dasein*, que percebe as a realidade, estão dispostas no tempo que é possível construir uma narrativa. Tais considerações abrem-nos a temática da presença do tempo no processo de construção da narrativa da pesquisa, desenvolvidas mais profundamente por Ricoeur.

2 TEMPO E A NARRATIVA, UMA REFLEXÃO SOBRE A PESQUISA, A PARTIR DO PAUL RICOEUR

Ricoeur (2010), em várias de suas obras, desenvolve a questão da linguagem como campo fundamental e fundante da expressão do ser humano. Seguindo as tradições fenomenológicas das quais descende, ele parte do pressuposto de que a linguagem, e de maneira particular, a narrativa, é capaz de dizer e de construir uma estrutura performática de representação do mundo. Partindo dessa consideração é que a presente reflexão, assumindo as contribuições já apresentadas do pensamento fenomenológico de Heidegger, se propõem pensar como se dá a relação entre tempo e pesquisa naquilo que se afirma como o cotidiano ou o campo/produto do próprio ato de pesquisa em Psicologia da Saúde, isto é, o narrado.

Se observarmos, em sua maioria, as pesquisas em Psicologia da Saúde têm como terreno de trabalho a produção de conteúdos de narrativas. As produções científicas se fazem na linguagem, com ela, por meio dela e tem como resultado final a produção e o refinamento de determinada linguagem: a narrativa científica. Os relatórios, os artigos, os livros, as publicações são relatos organizados de uma experiência que é narrada a partir da interação

com determinada realidade e com o campo de pesquisa com o qual se dialoga e do qual se utiliza a referencialidade teórica.

A reflexão de Heidegger sobre o tempo possibilitou observar que o movimento mesmo do ser consciente no mundo caracteriza-se por um projetar-se no conjunto das suas possibilidades trazendo consigo os conteúdos já armazenados, retidos, por meio de um comparecimento no presente, no aí, da própria existência. Isso configura e caracteriza o próprio evento da percepção (HEIDEGGER, 2008). É porque o pesquisador se desenvolve como pessoa no ato de desenvolver determinada pesquisa que ele pode cada vez mais contribuir com a reflexão e o desenvolvimento do campo. Entretanto isso só é possível porque o pesquisador vai constituindo lugares a partir dos quais ele interage com o mundo e produz narrativas sobre essa realidade sob a forma de pesquisa. O *lugar*, é na verdade a forma como o ser humano vai, no percurso da sua existência, se definindo como si mesmo.

Após considerar a reflexão de Heidegger sobre o *tempo, cuidado, morada* e *lugar*, é possível perguntar: como se dá o processo de construção de narrativas, marcadas pelo tempo na pesquisa em Psicologia da Saúde? De que forma os protocolos e resultados de pesquisa estão marcados por esse fator? Para responder a estas perguntas se valerá da reflexão de Ricoeur sobre o tempo a partir de um dos seus fundamentais argumentos: “É a narrativa que torna acessível a experiência humana do tempo, o tempo só se torna humano através da narrativa” (RICOEUR, 2010, p. XI). É daí também que a narrativa extrai o seu sentido mais original, a saber: a estrutura que possibilita ao ser humano se encontrar no tempo e marcá-lo.

Contudo, o que significa *narrativa* no pensamento de Ricoeur? Para ele narrar significa estabelecer a “dialética do vir a ser, do ter sido, e do se fazer presente” (RICOEUR, 1983, p. 61). Para compreender melhor o porquê desse filósofo propor a narrativa como a forma humana de se relacionar com o tempo é preciso entender o movimento e as diferenciações que este autor faz entre três modelos fundamentais de tempo, a saber, *o tempo cósmico, a percepção interior e a narrativa*.

O primeiro modelo é o do *tempo cósmico* ou *grande tempo*, muito próximo ao conceito aristotélico de medida do movimento, também denominado *tempo externo*. Neste, o critério fundamental é sempre de caráter físico. É porque as realidades passam, sofrem modificações, que se pode notar que há um antes, um durante e um depois, comenta Ricoeur: “A principal função desse ‘grande tempo’ é regular o tempo das sociedades – e dos homens que vivem em sociedade – em função do tempo do cosmos” (v. III, 2010, p. 178). O segundo modelo é o tempo como *percepção interior*. Ricoeur, baseando-se em autores como

Agostinho e Bergson, afirma que existe também a percepção do tempo com o *tempus animae*, isto é, o tempo da alma, o tempo interior marcado pelas impressões e pela intensidade. Comentando Agostinho, Ricoeur afirma: “[...] Quando diz o tempo é antes a medida do movimento, não é num movimento regular dos corpos celestes que está pensando e sim na medida do movimento da alma humana” (v. I, 2010, p. 30). É possível perceber um exemplo disso, em algumas construções linguísticas populares como: ‘o tempo passou e eu nem notei! ou ainda ‘parece que o tempo não passa!’. Este tipo de marcador temporal não está atrelado ao *tempo cósmico*, marcado pelo movimento constante e uniforme, mas sim, pela intensidade da percepção que faz com que a pessoa tenha a impressão de que as horas passaram mais céleres ou vagarosas. Este é o tempo da impressão e não o tempo dos astros.

Entretanto como pensar uma estrutura temporal que consiga conciliar estes dois modelos aparentes discordantes? Discordantes porque o *tempo* como medida do movimento, o *tempo externo*, parece ser diametralmente oposto a *impressão interior*, ou *tempo interno*. A diferença mais concreta entre essas duas formas é possível ser percebida quando se pergunta pelo critério da mensuração. O *tempo cósmico, externo*, obedece ao modelo mecânico da física newtoniana ou ainda do paradigma da relatividade que o estabelece como resultado de uma variável entre espaço e velocidade. O tempo aqui é resultado da medida do movimento, já o *tempo interior* está relacionado a intensidade das impressões que o sujeito recebe ou produz na sua existência. A hora feliz de uma criança se divertindo que, segundo ela, “passou voando”, não se mede pelo coeficiente velocidade-espacço, mas sim pela intensidade. Para resolver esta discordância entre o tempo cósmico e como percepção Ricoeur propôs a narrativa como, terceira modalidade temporal, que consegue fazer um concordante de discordantes (RICOEUR, 2010). Comenta Ricoeur:

Por concordantes, eu entendo o princípio de ordem que preside aquilo que Aristóteles chamava de ‘sequência de fatos’. Por discordante, eu entendo as proposições que fazem da intriga uma situação reguladora, a partir de uma situação inicial até uma situação final (1990, p. 168)

É por meio da narrativa que o *tempo cósmico* e a *impressão interior* se conectam e adquirem um significado. A experiência do tempo partindo do vivido da impressão, retorna a ele por meio da narrativa, por meio de uma concatenação que supõem um suceder de eventos que vão configurando a estrutura lógica do fenômeno da percepção do tempo e do mundo como *narrativa*. Do fato da narrativa promover a concordância de discordantes nasce um outro fenômeno interessante quando se pensa a experiência humana do tempo. Nas narrativas,

as distâncias espaciais e temporais podem ser conectadas e aproximadas no próprio entrelaçar da trama. Fatos e espaços distantes podem colocar-se em diálogo e deles se podem aferir constantes. Este fenômeno é uma das estruturas básicas para a construção dos enunciados científicos, considerando que em muitos casos as pesquisas e produções científicas modernas buscam estabelecer estruturas de parâmetro para determinada realidade. Um exemplo desse fenômeno é a discussão entre normal e patológico no campo da Psicologia da Saúde, ou ainda quando, numa mesma narrativa se compararam fatos de muitos séculos ou anos atrás com fenômenos da contemporaneidade. Estudos como os que analisam a variações dos transtornos mentais e comportamentais logo das revisões da *Classificação Internacional de Doenças* (CID) (BENEDICTO *et al.* 2013) podem ser uma boa referência para exemplificar esta capacidade da *narrativa*. Nesses estudos se podem observar como reações somáticas e psicossomáticas que antes eram consideradas doenças e que foram ou desaparecendo ou se especializando. É possível tomar por referência a esquizofrenia que ao longo das edições do CID foi se desmembrando e especializando. Outro fator que pode ser extraído desse exemplo quando se busca entender a dimensão da narrativa é que só é possível notar mutações teóricas de determinadas patologias, no caso, as doenças no CID, porque é possível fazer um comparativo entre as várias edições do texto e a partir daí, inferir constantes. Criar conexões narrativas que permitem análises temporais da realidade um dos atributos fundamentais da experiência humana do tempo como narrativa. Este recurso pode ser visto comumente nas pesquisas em Psicologia da Saúde sob a forma de pesquisa históricas, revisão do estado da arte, história de determinado tratamento, abordagem.

A narrativa apresenta, ainda, a realidade da *intriga* como situação reguladora. O ato de construir uma linguagem que busca dizer algo sobre o real acaba permitindo a erupção de uma relação anterior e estruturante da própria narrativa, isto é, o *ser com os outros*. Não se pode construir uma narrativa sem o encontro com uma alteridade, ainda que essa seja a de um *si mesmo como outro* (RICOEUR, 1990), é nesse movimento, que sob o aspecto ético, autores como Lévinas (1971, 1974) vão chamar de *cara a cara* que se encontra o núcleo fundamental da experiência de um ser que se descobre e produz narrativas dentro de um mundo com os outros.

Porém, qual é o movimento que a narrativa, como experiência temporal do ser humano, provoca na vida dessa pessoa? A narrativa como erupção de um vivido na própria vida faz com que o narrado e aquele que produz a narrativa se transformem e sejam transformados por meio de um único movimento. Isso ocorre de forma tal que a narrativa, e

de maneira particular a narrativa histórica, configure-se como uma reflexão, entendida aqui no sentido original da palavra, como um *dobrar-se sobre si mesmo estando aberto*. Para melhor clarificar essa relação e assim iluminar a contribuição que este pensamento pode trazer para a reflexão sobre a pesquisa em Psicologia da Saúde faz-se necessário ponderar três elementos constitutivos no ato mesmo de construir uma narrativa como lugar aberto; *o vivido, o mediador e o leitor*.

O vivido é o lugar próprio da experiência e criação da narrativa como reflexão e codificação. É a vida humana, no seu conjunto de experiências que moldam a forma como a pessoa vê e interage com o mundo podendo ser esta a vida da própria pessoa ou da comunidade que faz a experiência da existência como *vivido*. O *mediador*, que pode ser o sujeito, a comunidade ou um externo que interage com ele ou com ela, dá a esta impressão vivencial do tempo, como um concordante de discordantes, o caráter de historicidade, pois elementos antes separados, como a experiência do *tempo cósmico* e da *impressão interior* agora se encontram harmonizados na linguagem de uma narrativa que supõem um antes e um depois (RICOEUR, 1994). *O leitor*, por sua vez, ao entrar em contato com a narrativa, seja de maneira escrita ou falada acaba recriando-a por meio da sua experiência e impressões vivenciais. Tal movimento de *impressão, narração, recriação* faz com que tanto a pessoa que faz a experiência sob a forma de *vivido*, como quem a conta ou lê possam compreender a si mesmo e ao mundo.

Frente a isso é possível buscar responder as perguntas que esta reflexão deixou, como se dá o processo de construção de narrativas, marcadas pelo tempo nas pesquisas em Psicologia da Saúde? De que forma os protocolos e resultados de pesquisa estão marcados por esse fator? Se observarmos, as pesquisas em Psicologia da Saúde são marcadas pela construção de narrativas sobre a experiência de um *vivido*, seja ela de uma pessoa ou população (ADAM, 1985). Nessas narrativas se conciliam dados espaciais e temporais muitas vezes distantes, como, por exemplo, teorias do início do século XX sendo aplicadas a um morador de uma comunidade tradicional que nasceu no ano 2000 ou ainda resultados de pesquisas de populações que se encontram no continente asiático sendo comparados com populações da América central (ALVES, BLIKSTEIN, 2006; LIEBLICH, 1998). Aqui se pode ver o poder dessa forma humana de vivenciar o tempo-espacço.

Não obstante, de que forma os resultados de pesquisa estão marcados por essa concordância de discordantes que, segundo Ricoeur (2010), é a forma humana de vivenciar o tempo? Todo resultado de pesquisa em Psicologia da Saúde é produto de uma experiência de

um pesquisador com determinados participantes em um lugar específico em determinado período de tempo. O pesquisador, transformado em linguagem, resignifica o seu mundo da vida e também o do participante da pesquisa e o transforma em uma narrativa lógica guiada por parâmetros pré-estabelecidos a que se dá o nome de horizonte epistemológico (CLANDININ; CONNELLY, 2000). Ele colhendo os elementos do vivido oriundos da sua pesquisa, comprehende o mundo da pessoa ou população participante e comprehende a si mesmo estando em relação com esse mundo. Por meio da mediação da própria linguagem que possibilita a construção de uma narrativa sobre o observado, o pesquisador, atribui significado ao vivido dos participantes e ao seu próprio, em um movimento de interação que é a própria experiência da pesquisa. Esta narrativa, uma vez estruturada e endereçada a um leitor, que ao entrar em contato com ela, recebe-a e a resignifica por meio da sua atividade recriadora possibilitando assim outra concordância de discordantes. Fato esse que pode ser visto no processo de construção de referências teóricas na produção científica. Quando o cientista cita uma produção científica de outro autor ou até mesmo da sua própria autoria ele está fazendo o exercício de apropriação teórica de uma experiência existencial.

Contudo, a narrativa construída no ato da pesquisa, fruto da transformação de uma ou mais experiências entrelaçadas, não permite dizer apenas algo sobre determinadas experiências humanas, mas sim, sobre os seus significados. Deste fato nasce a possibilidade da identificação de parâmetros e teorias como resultados mais importantes no ato de construção do conhecimento científico. Portanto, a experiência humana do tempo como narrativa permite ver que todo ato de construção de pesquisa, ainda que se desconsidere este fator, é um ato de construção de uma experiência temporal cujo objetivo é fazer dialogar com o *tempo externo* (cósmico) e o *tempo interno* (impressão interior) dentro de uma *narrativa*. Tal realidade tem como propósito possibilitar ao *conteúdo narrado*, ao *narrador* e ao *leitor* deem um novo significado à própria vida a partir da experiência que já é inerente no ato de narrar, pois todo aquele que constrói uma narrativa faz uma experiência da mesma e do conteúdo que nela se encontra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Feito esse caminho, se pode identificar algumas contribuições que o pensamento de Heidegger e Ricoeur trazem para o aprofundamento do argumento sobre a relação entre o tempo e a pesquisa em Psicologia da Saúde. Com Heidegger se nota que não há percepção

humana do mundo sem estabelecimento de um *lugar* do qual se pode interagir com a realidade externa ou interna ao sujeito. A partir dos conceitos de *abertura*, *luminosidade*, foi possível perceber que o primeiro ato ou a primeira interação entre tempo e pesquisa é que só podemos fazer pesquisa a partir de um determinado *lugar* que nos possibilita ver. Contudo este *lugar*, que não assume necessariamente a condição de um espaço físico, afirmar-se e configura-se no pensamento de Heidegger como o *estar aí*, *a existência*, desde onde o sujeito projeta-se no conjunto das suas possibilidades levando consigo os dados retencionais, ou que já estão no meio de.

Outro conceito importante que a reflexão a partir do pensamento heideggeriano permitiu ver foi que toda a relação do sujeito com a sua existência e com os modos de ser nelas constituídos determinam-se como atos de *cuidado*, sob as modalidades de *cuidado*, *ocupação* e *preocupação*. Portanto, a pesquisa, sendo um dos modos de ser da pessoa humana, acaba se estruturando fundamentalmente como um ato de cuidar por meio do movimento de projetar as possibilidades da pesquisa, como pesquisador *co-presente* e *comprometido* com os participantes e com o problema da pesquisa. Isso faz com que a produção científica se apresente como uma forma de dar razões e concretude a própria existência como pesquisador.

O pensamento de Ricoeur, por sua vez, contribuiu para a percepção de que a *narrativa*, muito mais que uma ferramenta ou artifício da linguagem, apresenta-se como forma de humanizar o tempo (RICOUER, 2010). É porque se pode narrar seja um passado ou uma antecipação, um futuro, o que na pesquisa dá-se o nome de projeto, que se torna possível a experiência da própria existência como uma consciência posicionada. Isso possibilita perceber que todo ato de pesquisa, além de constituir-se como um ato de *cuidado* acaba sendo, *a fortiori*, um ato de narrar uma experiência de um vivido como cuidado seja ele do pesquisador, dos participantes ou até mesmo do próprio narrado.

Frente a isso é possível notar que a partir da reflexão de Heidegger e de Ricoeur o *tempo* acaba se estruturando como experiência fundante do *lugar* e da *narrativa* da pesquisa, entendida aqui como o exercício no qual o pesquisador se realiza em sua existência como ente *co-presente* e *comprometido* com os participantes da pesquisa. Outro elemento importante que pode ser observado é que ao se constituir como pesquisador e produzir narrativas sobre o mundo a pessoa que pesquisa acaba produzindo a própria narrativa de si, que é a sua história como pesquisador. Tal história muito mais do que restrita aos aspectos formais e estruturais

da escrita científica apresenta-se como construto de uma experiência de estar no mundo com os outros dando sentido a própria existência como pesquisador.

Esse artigo pretendeu refletir sobre qual a contribuição que o pensamento de Heidegger e Ricoeur podem trazer para se pensar a relação entre tempo e pesquisa em Psicologia da Saúde. Um dos limites desse trabalho encontra-se no fato de não ter sido possível analisar qual é o impacto performático das narrativas construída pelos pesquisadores na vida dos participantes e na existência do próprio pesquisador. Perguntas como: o fato de mudar a nomenclatura de uma patologia afeta diretamente a experiência patológica de quem a vive? Os resultados das narrativas feita por pesquisadores impactam na forma como o pesquisador e o participante se relacionam com o real? Como o fato de ser *co-presente* com os participantes na pesquisa impacta no comprometimento do pesquisador com os resultados da pesquisa? merecem ainda ser estudadas.

REFERÊNCIAS

ADAM, J.M. **Le texte narratif**. Paris: Natha, 1985.

ALVES, M.; BLIKSTEIN, I. **Análise e narrativa**. In. GODOI, C., MELLO, R. & SILVA, A. (orgs). **Pesquisa qualitativa e Estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

BENEDICTO, R. P.; WAI, M. F. P.; OLIVEIRA, R. M. GODOY, C. COSTA, M. L., **Analise da evolução dos transtornos mentais e comportamentais ao longo das revisões da classificação internacional de doenças**. SMAD, Rev. Electronica Saúde Mental Álcool Drog. 9 (1):25-32. Jan.-Apr. 2013.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Narrative Inquiry: experience and story in qualitative research**. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

HEIDEGGER, M. **La question de la technique**. In *Essais et conférences*. Paris: Éditions de Gallimard, 1958.

_____. **Alétheia**. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

_____. **Sobre a questão da Técnica**. Scientia e studia. v. 5; n.3. p. 375-98. São Paulo: 2007.

- _____. **Vortäge und Aufsätze**, G. Neske, Pfullingen, 1954.
- _____. **Identité et différence**. In: Questions I. Paris: Gallimard, 1957.
- _____. **La logique comme question em quête de la pleine essence du langage**. Paris: Gallimard, 2008.
- _____. **Seminários de Zollikon**. São Paulo, SP: EDUC, 2001.
- _____. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HUSSERL, E. **Idées directrices pour une phénoménologie**. Paris: Gallimard, 1950.
- _____. **Lições para uma Fenomenologia da consciência interna do tempo**. Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1928.
- LÉVINAS, E. **Totalité et infini. Essai sur l'extériorité**. Paris: Li Livre de Poche, 1971.
- _____. **Autrement qu'être ou au-delà de l'essence**. La Haye: M. Nijhoff, 1972
- LIEBLICH, A. **Narrative Research**: Reading, analysis and interpretation. California: Sage publications, 1998.
- RICOEUR, P. **Histoire et rhétorique**. Diogène, Paris, n.168, p. 25, Out./Dez. 1994.
- _____. **Soi-même comme un autre**. Paris: SEUIL, 1990.
- _____. **Tempo e Narrativa**. Vol. I, II, III. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. **Temps et Récit**. Paris: Seuil, 1983.

A INVENÇÃO DO SUJEITO

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo fazer uma reflexão sobre o modelo de sujeito Ocidental que foi construído a partir da modernidade e discutir como se dá a interação, ou a ausência dela, entre o paradigma do *sujeito lógico* e do *sujeito ontológico* na pesquisa em Psicologia da Saúde. Tal caminho será feito por meio de algumas correntes de pensamento que influenciaram a forma como o indivíduo moderno concebera o mundo, são elas: o racionalismo cartesiano, os movimentos do século XVI como uma decisão pela categoria de sujeito, o criticismo kantiano e a invenção do conceito de “homem”, por meio da antropologia, e a fundação do indivíduo como o entendemos na modernidade, o idealismo Hegeliano e a soberania do *Espírito* e, por fim, o giro feito pela Fenomenologia husserliana tanto na *síntese ativa*, como na *síntese passiva*, que acabaram por propor o *corpo próprio* como um conceito que permite pensar a relação entre o sujeito e o mundo. Este artigo utiliza-se do método fenomenológico e da pesquisa bibliográfica como metodologia de trabalho.

Palavras-chave: Sujeito. Fenomenologia. Psicologia.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the western subject model then built from the modernity and to discuss how occurs the interaction, or its lack, between the *logical* and the *ontological subject* paradigm in Health Psychology research. Such a path will be made through some thought currents which influenced how the modern individual has conceived the world, which are: the Cartesian rationalism, the sixteenth century movements as a decision by subject category, the Kantian criticism and the invention of “man” concept by anthropology, and the individual beginning as we understand in modernity, the Hegelian idealism and the *Spirit* sovereignty, and finally, the turning of Phenomenology Husserl in *active synthesis* as well in *passive synthesis* that ultimately propose its *own body* as a concept that allows us to consider the relationship between the subject and the world. This article makes use of the phenomenological method and literature as a working methodology.

Keywords: Subject. Phenomenology. Psychology.

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende pensar sobre o sujeito na modernidade, de maneira particular a partir da sua realidade mais constitutiva, isto é, o fato de ele existir dentro de uma realidade posicionada na forma de uma corporeidade que é capaz de perceber a si mesma e ao mundo estabelecendo por meio de uma linguagem, uma relação de projeção das suas potencialidades sob a forma de *cuidado*. O presente estudo busca contribuir com o pensamento sobre um importante conceito na reflexão psicológica, o conceito de sujeito. Para tanto será usado o recurso da Fenomenologia como escola de pensamento que traz no âmago da sua reflexão uma denúncia importante, a de que houve, na história do pensamento

Ocidental, uma identificação entre a categoria lógica de sujeito e a realidade ontológica dos sujeitos. Mas por que se faz importante perguntar sobre o estatuto do sujeito dentro de um texto que pretende munir-se do instrumental fenomenológico para refletir sobre uma categoria muito usada nas pesquisas em Psicologia da Saúde? Uma possível resposta seria a de que a partir do entendimento dos vários aspectos e variações dessa categoria, é que se pode entender os produtos e impactos diretos ou indiretos, velados ou explícitos, que a discussão sobre o sujeito pode trazer no processo de pesquisa dentro da área da Psicologia da Saúde.

A questão do sujeito tem ocupado, cada vez mais, uma posição importante dentro das reflexões em Psicologia, com as suas várias abordagens. Se a Psicologia apresenta-se como um campo plural, o debate sobre o sujeito também acaba sendo marcado por essa pluralidade. Autores como González-Rey (2003) comentando sobre o debate do sujeito em Psicologia afirmam: “a subjetividade é um complexo e plurideterminado sistema” (p. IX). A pretensão desse artigo é a de, por meio do instrumental fenomenológico, contribuir com a Psicologia da Saúde no que toca ao papel do sujeito das pesquisas dentro dessa área. Para tanto se pensará o sujeito a partir da discussão sobre as *condições originárias*, ou *genéticas* (HUSSERL, 1998) que nasce dentro da Fenomenologia sob a forma de pergunta pelas realidades que dão possibilidade ao fato de ser existente no mundo como pessoa (LAVIGNE, 2005). Por *condições originárias* ou *genéticas* se comprehende as estruturas que permitem e são causa de determinada dimensão do real. A título de ilustração é possível perguntar: qual é a *condição genética*, ou *originária* que permite a pesquisa? A resposta se encontra no fato de existir um pesquisador, que, a partir da modernidade, acabou sendo identificado como *sujeito da pesquisa* um problema de pesquisa, e uma realidade na qual o pesquisador e o problema de pesquisa estão dados de maneira interativa e intencionada (DE LIBERA, 2013). De maneira particular, interessa pensar como foi se estabelecendo a relação entre o *sujeito lógico*, como categoria de um ente que é capaz de estabelecer uma relação com a realidade a tal ponto de considerá-la objeto e o *sujeito ontológico*, que é cada pessoa na singularidade da sua vida. A pergunta pelo *sujeito lógico* e pelo *sujeito ontológico* e os seus efeitos nas pesquisas, de maneira particular as pesquisas em Psicologia da Saúde tem por intento auxiliar o leitor na reflexão sobre o próprio fazer científico, não apenas como um ato teórico ou abstrato, mas sim, como o exercício de se construir como ser humano, na sua singularidade de existente que interage e busca entender o mundo.

Quando falamos em sujeito nas pesquisas em Psicologia da Saúde, de qual tipo de sujeito estamos falando? Quais são as características intrínsecas a esse ente quando o

nominamos sujeito da pesquisa? São características predicativas e, portanto, de caráter denominativo, isto é, “*o que*” é determinada realidade ou de caráter inerente, ou seja, “*que*” é determinada realidade? Há uma passagem natural entre o *sujeito lógico* das nossas pesquisas ao *sujeito ontológico* da vida dos pesquisadores? Essas são perguntas que permitem pensar uma *invectio subjecti*, isto é, a forma como o sujeito foi sendo construído dentro do pensamento Ocidental e a forma com a qual elementos dessa construção estão presentes na pesquisa em Psicologia da Saúde.

Ao se pensar dentro dessa área do saber psicológico é possível observar que a relação entre sujeito, bem-estar, adoecimento e práticas de Saúde (TAYLOR, 2002) parecem supor um sujeito não apenas como uma entidade abstrata ou racional mas como um ser com várias dimensões e que está em relação com a sociedade, daí também a preocupação dessa área da Psicologia em discutir temas como a Saúde coletiva (MATARAZZO, 1982) ou ainda Saúde como um fenômeno Biopsicossocial (SPINK, 2003; SILVA, 1992; DIMENSTEIN, 1998). O fato de algumas abordagens da Psicologia da Saúde proporem a Saúde como uma realidade Biopsicossocial acaba contribuindo para a reflexão sobre o sujeito que pratica pesquisa, pois, só se é possível pensar a Saúde como um fenômeno complexo se há uma realidade complexa, com uma constituição genética, que permite pensá-la. Tal realidade que é condição de possibilidade do fenômeno complexo chamado Saúde parece apresentar-se por meio da realidade dos seres humanos que, construindo-se como individualidades dentro de uma coletividade, desenvolvem-se como saudáveis ou não. Contudo, se pode perguntar: o modelo de sujeito suposto na forma de constituição do saber Ocidental coaduna com a vida das subjetividades que se constroem como pesquisadores que possuem uma dimensão Biopsicossocial? Há no modelo do *sujeito lógico*, espaço para a complexidade de *subjetividades ontológicas* Biopsicossocialmente constituídas?

A suspeita desse estudo é a de que a passagem do conceito lógico de sujeito à vida do pesquisador não é linear nem homogênea. O *sujeito lógico* da pesquisa, por se tratar de uma estrutura lógico-formal sem conteúdo prévio, considerando que ele é classificado pelo fato de ser sujeito parece ser inversamente proporcional ao *sujeito ontológico*, o existente, que exerce os seus modos de ser no movimento de dar razões às suas possibilidades existenciais, apresenta-se como finito e mortal, corpóreo e vulnerável.

Os efeitos da pergunta pelo *sujeito lógico* e *sujeito ontológico* nas pesquisas, de maneira particular as pesquisas em Psicologia da Saúde, podem ser vistos quando, por exemplo, se pergunta pela qualidade de vida do pesquisador no exercício da sua profissão. Ou

ainda quando se interroga pelos efeitos das pesquisas em Psicologia da Saúde na vida dos pesquisadores que a fizeram. O *sujeito lógico*, de matriz cartesiana, não é afetado pelas suas pesquisas, não adoece por causa delas, já as *subjetividades ontológicas* dos pesquisadores encontram no movimento de estruturar e fazer pesquisa um caminho para se construírem como pessoas, dentro de um tempo e espaço.

O projeto da Fenomenologia ancora-se no objetivo de descobrir, na singularidade de cada vida, uma saída para se pensar a realidade a partir do fato de que o ser humano, que busca dar resposta a sua existência, inclusive sob a forma de pesquisa, não é um ente abstrato ou irreal. Husserl (1998) percebeu que a ligação direta entre os atributos lógicos e a constituição ontológica do sujeito acabou produzindo como resultado, o idealismo e o esquecimento da vida concreta das pessoas. Por isso, faz-se necessário redescobrir o *sujeito ontológico* como pessoa vivente, como ser corpóreo que, por possuir essa constituição, é capaz de aproximar-se da verdade. É o *sujeito ontológico* das existências possíveis o que sofre as consequências das elucidações do *sujeito lógico*. É na vida concreta de cada pesquisador que os efeitos da transposição direta entre lógico e ontológico aparecem, ressoam e impactam.

Contudo, para entender melhor a relação entre atributo lógico e constituição ontológica do sujeito é mister voltar às bases da modernidade, mais precisamente ao século XVI, para verificar e entender como o conceito de *sujeito* foi sendo modificado ao longo desse período de maneira gradual e sistemática, produzindo, como efeito, essa imagem de mundo na qual a sociedade hodierna está inserida e da qual é herdeira. Como isso teve início? Quando o sujeito começou a voltar-se sobre si de maneira objetiva e gradual? Quais foram os efeitos da transposição direta entre lógico e ontológico? São essas algumas questões com as quais se buscará dialogar neste artigo.

Para se responder as perguntas acima será feito um caminho a partir de alguns marcos teóricos, a saber: o racionalismo cartesiano e o movimento do século XVI como uma decisão pela categoria de *ego*. O criticismo kantiano e a invenção do conceito de *homem*, por meio do estabelecimento de uma antropologia, e a fundação do ser humano como o entende a modernidade, o idealismo Hegeliano e a soberania do *Espírito* e, por fim, o giro feito pela Fenomenologia husserliana com as *sínteses ativas* e após, as *sínteses passivas*.

Para bem começar, tomaremos a consideração de dois autores, de campos do saber diferentes do fenomenológico, mas que deixaram para esses dois alertas importantes com relação ao sujeito. O primeiro é Nietzsche que em seu livro *Para além do bem e do mal*

(1886/2009), declara que a modernidade foi construída sobre três superstições que depois foram transformadas em dogmas. Comenta Nietzsche:

[...] E talvez esteja próximo o tempo em que novamente se atentará para o que era necessário para lançar a pedra fundamental das sublimes e incondicionadas construções filosóficas que os dogmáticos até então levantaram, - alguma superstição popular de um tempo imemorial (como a superstição da alma, que, como a superstição do sujeito e do eu ainda hoje não cessou de produzir disparates) (1886/2009, p. 11).

Nietzsche, nessa passagem, denúncia os três movimentos que constituem a modernidade, isto é, a eleição do sujeito, a criação do indivíduo moderno como uma antropologia e a hipervalorização do espírito, *Geist*, em detrimento das demais realidades. O segundo pensador que alerta sobre a modernidade é Foucault. Em seu livro *As palavras e as coisas* (2000), o autor diz que “é um reconforto e um profundo apaziguamento pensar que o homem não passa de uma invenção recente, uma figura que não tem dois séculos, uma simples dobra de nosso saber, e que desaparecerá desde que este houver encontrado uma forma nova” (FOUCAULT, 2000, p. 21). Partindo dessas duas denúncias: a primeira, de existirem três superstições dogmáticas – *o sujeito, o homem e o Espírito* – que fizeram da modernidade o que ela foi. A segunda, de ser o *homem*, como entendido atualmente, uma criação recente do engenho humano, é que agora, seguindo o caminho ao qual a pergunta pelo sujeito irá conduzir, se voltará o olhar para os movimentos efervescentes do século XVI que encontraram, na eleição do sujeito, o critério de validação da realidade o seu maior arauto e, no racionalismo cartesiano, as suas maiores efígies (LE BRETON, 2012).

Entretanto, por que o século XVI foi tão importante para a história do sujeito no Ocidente? Como foi feita a sua invenção? Qual é a sua possível origem? Como se deu a relação do sujeito com o seu corpo? Sobre isso, comenta, Le Breton:

[...] no século XVI, nas camadas eruditas da sociedade, debuta-se o corpo racional, que prefigura nossas representações atuais, aquele que marca a fronteira de um indivíduo em relação ao outro, a clausura do sujeito. É um corpo liso, separado dos outros, em posição de exterioridade com o mundo, fechado em si mesmo (2012, p. 48).

A denúncia de Le Breton é relevante porque foi no século XVI que, no Ocidente, de maneira mais precisa na Europa, uma nova mentalidade começou a se afirmar em meio às classes intelectuais e burguesas; surge o modelo do indivíduo burguês expatriado e que precisa de instrumentos cada vez mais precisos e eficazes para objetivar o mundo. São

exemplos dessa nova mentalidade quatro obras importantes a saber: *De Revolutionibus Orbium Coelestium* (1543/1984), de Copérnico, que vai propor um novo modelo de cosmos a partir do paradigma heliocêntrico, e o *De corporis Humani Fabrica* (1543), de Vesalius, que postulará um novo modelo de relação com o corpo e que, ao mesmo tempo, vai combater o manual do médico romano Galeno, usado por mais de mil anos no Ocidente. “A partir de Vesalius, o homem cosmológico da época anterior não é mais do que caricatura de si mesmo: um cosmos em retalhos se oferece como o mundo por detrás do homem anatomicizado, ele se tornou decoração” (LE BRETON, 2012, p. 86), os *Diálogos* (1638) de Galileo, no qual ele propõe o método experimental como novo paradigma para a ciência, por fim, *A riqueza das nações* (1776) de Smith, que propôs o modelo liberal como a forma de construção da economia moderna.

Dessa forma se podem notar quatro movimentos importantes que vão dar um novo horizonte a essa modernidade nascente e da qual a época atual herdará profundas decisões sobre a forma como se pensa a realidade e a verdade. O primeiro é que, diferentemente do indivíduo na medieval, muito ligado à sua região, o comercial, o burguês, que está forjando a modernidade no século XVI, se percebe como um cidadão do mundo, uma pessoa cujas fronteiras devem ser transparentes. O segundo movimento nasce dentro do universo religioso, advinente da Reforma Protestante, com o objetivo de dar ao ser humano a liberdade de se relacionar diretamente com o seu Deus sem a mediação total de uma instituição. O terceiro movimento se dá em relação à visão de mundo, pois a revolução copernicana e o método experimental de Galileo quebraram um paradigma que imperava no Ocidente desde os gregos. O quarto se dá com Vesalius (1543), quando este propõe pensar o corpo humano como uma máquina e não mais como um microcosmo. Feitas essas considerações iniciais, que tinham por objetivo situar o leitor dentro do horizonte de eventos da reflexão, passa-se agora a ponderar a partir das estruturas de pensamento que ajudaram a construir a visão do corpo na modernidade.

1 O SÉCULO XVI E O CARTESIANISMO: A DECISÃO PELO SUJEITO

O século XVI nasce no cenário Ocidental como um período no qual as revoluções culturais, religiosa e políticas, tais como o Renascimento, a reforma protestante, as navegações produzem no ser humano uma vontade de emancipação de todas as amarras e mediações. Contudo, em qual fonte Descartes e os pensadores de sua época foram beber para

propor o *ego*, entendido como *sujeito lógico*, como ícone do período? A construção do sujeito cartesiano está ancorada em dois pressupostos fundamentais e em um postulado. O primeiro é um pressuposto gramatical, o “Eu penso”, *Ego Cogito*, o segundo é uma relação lógica o “Logo, existo”, *ergo sum*, e a constituição do *Subjectus* (FURLANETTO, 1965) como aquele que ocupa uma posição inferior na hierarquia lógica e, por fim, o postulado que sustentará toda a modernidade de que todo real é, *a fortiori*, verdadeiro. Sobre a *ego* que valida a si mesmo e ao mundo comenta Descartes: “quando alguém diz: Penso, logo sou, ou: existo, ele não conclui a sua existência de seu pensamento como pela força de um silogismo, mas como uma coisa conhecida por si; ele a vê por simples inspeção do espírito” (1637/2001, p. 58). Aqui já é possível perceber como essa nova forma de olhar o ser humano está se estruturando, pois, ao afirmar a evidência do *Penso, logo sou* como existente e apodítico, Descartes acaba por colocar a condição lógico-gramatical como critério de validação da própria realidade, a tal ponto que, para confirmar tal tese, basta apenas “verificar o espírito”. Com isso, vê-se uma nova abordagem do fenômeno humano diferente daquela que a Antiguidade e a Idade Média haviam elaborado no Ocidente, pois, com o cartesianismo, o critério de validação da realidade e do sujeito não é mais o cosmos ou a vida social, mas o próprio sujeito que se mostra de maneira evidente a partir de si mesmo. Surge o *ego* como categoria ativa, o primeiro passo para o *sujeito lógico* contemporâneo (DESCARTES, 1637/2001).

Ao se observar como se dava a relação com o sujeito antes de Descartes é possível notar que, por exemplo, no período pré-socrática (PASQUINELLI, 1958), a pessoa era vista como parte do cosmo, como aquele que o contempla e se deslumbra com ele. Com Platão (428–347 a.C./1991), o indivíduo é apresentado como uma alma aprisionada e só vai descobrir a sua verdadeira origem no mundo das ideias, no acima do céu, (*Híper-ouránoς*). Por sua vez, com Aristóteles (384–322 a.C./2006) o indivíduo se torna um ser político, um ser que se constrói para a plena vida na *polis* grega; o ser humano é um *zoon politikoi*, um animal político. Na Idade Média, o indivíduo é pensando dentro de uma hierarquia. O mundo medieval é estruturado a partir da ideia de que toda a realidade é organizada em camadas, ou em níveis hierárquicos de emanação do bem. É daí que vai surgir a primeira ideia de um sujeito inspirada naquilo que o pensamento porfiriano já havia dito na Antiguidade, em seu *Isagoge*, (BUSSE, 2001).

Porfírio (3 a.C./1998) ao propor uma árvore lógica, partindo do mais geral para o mais específico, acaba por colocar o ser humano na parte inferior da estrutura ao considerar que ele era aquilo que de mais específico havia, donde a expressão *Sub-Jectum* (τὰ

ὕποκειμενα), aquilo que está por baixo, aquilo que está em um nível inferior na hierarquia lógica dos seres. Na Modernidade, uma nova realidade começa a despertar, Descartes faz o mesmo movimento em sua proposta de método: apropria-se de um ente gramatical “Eu”, faz com ele uma inferência lógica “Penso, logo” e dá um salto afirmado que aquilo que é gramatical e logicamente possível deve ser a realidade, ou seja, ele acaba por transformar um enunciado de linguagem e de teoria do conhecimento em uma realidade ontológica, “logo, sou”. (DESCARTES, 1637/2001, 1641/2004).

A análise do conceito de sujeito até aqui possibilitou ver que aquilo que nasce na Antiguidade como um conceito de ordem lógica, dentro da árvore de porfírio, acabou assumindo na modernidade o *status* de critério de validação do próprio real, o *subjectum* passou de aquilo que está por baixo na cadeia lógica para a aquilo que valida a si mesmo e ao real no pensamento cartesiano. Se pensarmos isso dentro do horizonte da pesquisa em Psicologia da Saúde é possível notar alguns traços herdeiros do modelo de pensamento moderno. Por exemplo, a validade dos enunciados científicos e comparação ao seu estatuto de realidade. Um conceito ou dado científico, em muitos discursos e enunciados de pesquisa, ganham um estatuto ontológico, mesmo sendo enunciados lógicos.

Quem garante que um paradigma ou axioma científico de fato tem correspondência na realidade? Qual a real incidência na realidade de conceitos que são considerados plausíveis ou lógicos por determinado campo do saber? Tal consideração chama a atenção para o impacto real das pesquisas em Psicologia da Saúde na vida do pesquisador e dos participantes. A discussão sobre as abordagens, modelos teóricos, teorias sobre o sujeito, conceito de Saúde, conceito de qualidade de vida, muito mais do que discussões teóricas, devem ser consideradas a partir da capacidade de construir ou destruir realidade ontológicas concretas. Por exemplo, a reflexão sobre o conceito de Saúde como tratamento de doença, e a concepção de Saúde como um fenômeno Biopsicossocial e o impacto concreto que essas duas visões causaram na vida das pessoas.

Outro passo importante na história do conceito de sujeito no Ocidente foi a objetivação do próprio sujeito. Um dos autores que contribuíram para esse processo foi Kant, com ele o indivíduo deixa de ser o sujeito ativo que julga, objetiva e valida a realidade e passa a ser o objeto de estudo do próprio sujeito.

2 IMMANUEL KANT E A INVENÇÃO DO HOMEM MODERNO

Se com Descartes e com os movimentos do século XVI sujeito moderno ganha grande força, como um arranjo lógico-gramatical com consequências existenciais; com Kant pode-se observar a tentativa de superar o cartesianismo por meio da implementação de uma constituição de sujeito desenhada por meio de um estatuto lógico-transcendental. A proposta kantiana coloca o ser humano como o espaço mesmo do universal. Com ele o sujeito é retirado do seu quartel cartesiano que se auto justifica, o conceito de *ego*. E é apresentado como um *Weltürber*, isto é, um cidadão do mundo. Para se entender melhor como isso é feito, partir-se-á de três textos do autor a *Crítica da Razão Pura* (1781/2001); a *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (1785/1974); e um texto menor, de 1798, mas amplamente ligado ao projeto do primeiro que se intitula *Antropologia do ponto de vista pragmático* (1798/2006).

Kant em sua *Crítica da Razão Pura* estabeleceu uma dicotomia que norteia toda a sua obra, inclusive aquelas de *finalidade prática*, a relação entre *noumeno* e o *fenômeno*, que compreenderia os conteúdos do real (*noumeno*) e as imagens desses conteúdos a que o sujeito tem acesso (*fenômeno*). Em suas reflexões ele propõe um diálogo entre essas duas instâncias para dar um estatuto de validade universal ao conhecimento e àquele que conhece. Esse é, de certa forma, o mesmo objetivo de sua antropologia, pois nela Kant, partindo da experiência do indivíduo no mundo busca dar à vida humana uma validade e uma abrangência de caráter universal. Com isso, ele almeja que o sujeito adquira uma dignidade não somente validada por si mesmo, como no caso do “eu” cartesiano, mas em todos os lugares, pois se tornará um cidadão do mundo e isso será feito por meio da vida moral. “[...] a moralidade é a única condição que pode fazer de um ser racional um fim em si mesmo. [...] a humanidade enquanto capaz de moralidade é a única coisa que tem dignidade” (KANT, 1781/2003, p. 234). Eis como Kant apresenta a sua antropologia:

Uma doutrina do conhecimento do ser humano sistematicamente composto (antropologia) pode ser tal do ponto de vista fisiológico ou pragmático. – O conhecimento fisiológico do ser humano trata de investigar o que a natureza faz do homem; o pragmático o que ele faz de si mesmo, ou pode e deve fazer como ser que age livremente (1798/2006, p. 21).

Como se pode ver na citação acima, Kant expõe o seu projeto para essa nova ciência que junto com as demais ciências humanas vai transformar, mais uma vez, a auto constituição do sujeito no mundo. A partir daí o ser humano deixa de ser apenas o sujeito que objetiva o

mundo e passa a ser, em sentido estrito, objeto da sua própria ciência e da sua própria reflexão. A antropologia kantiana apresenta-se como uma doutrina cuja finalidade é levar o indivíduo à liberdade, projeto esse já enunciado em sua obra *A Metafísica dos costumes contendo a Doutrina do Direito e a Doutrina da Virtude* (1797/2003). Nessa, ele introduz, no cenário da reflexão Ocidental sobre o ser humano, um tema importante, a sua estrutura fisiológica como fator determinante para o seu projeto de construção como cidadão do mundo. Em várias passagens da sua Antropologia, ele parte do corpo para traçar um caminho universalmente válido de liberdade para o indivíduo. Por exemplo, para falar sobre o temperamento, Kant afirma:

Do ponto de vista fisiológico, quando se fala do temperamento entende-se a constituição corporal (a estrutura forte ou fraca) e a compleição (os fluídos, aquilo que no corpo se move regulado pela força vital, onde também se incluem o calor e o frio na elaboração desses humores) (1798/2006, p. 21).

Aqui é possível ver um tema relevante. Ao se considerar a *constituição corporal* da pessoa como um dado importante. Kant, no movimento de fundação de uma nova forma de ciência, as ciências humanas, acaba por transformar o estatuto do então sujeito cartesiano. Com a sua contribuição o sujeito, agora pensado como, transcendental, que percebe a si mesmo e ao mundo, se insere dentro de um novo *status quo* de objeto de estudo de um determinado tipo de ciência. A Antropologia se ocupará desse novo fenômeno, isto é, do indivíduo pensado sob a categoria de *homem*.

Falando da capacidade de representação, algo de fundamental importância para a constituição de um sujeito que valida a realidade, Kant afirma sobre a dimensão sinestésica: “[os sentidos] é aquele em que o corpo humano é afetado pelas coisas corporais” (KANT, 1798/2006, p. 52). Diante disso, segundo Foucault (2000), percebe-se que com Kant o corpo começa a ganhar um espaço dentro do cenário da reflexão sobre a pessoa humana, porém não como estrutura identitária vital, mas como organismo. Ele é pensado dentro de uma anatofisiologia, como *körper*, estrutura organizada, máquina anatômica que não constitui uma identidade, mas está a serviço dela (LE BRETON, 2012). Aqui se faz necessária uma digressão no que diz respeito à especificidade da palavra *Körper* em relação a outra palavra alemã para corpo, que é *Leib*. Em alemão, *Körper* é o organismo, a somatória dos órgãos, a estrutura. Já *Leib* é o ser vivo, o corpo vivente. Essa pequena sutileza linguística vai fazer toda a diferença em autores, como é o caso de Kant, que pensam a partir dessa estrutura linguística.

Tal concepção mecanicista do corpo e da vida marcará profundamente não apenas o pensamento kantiano, mas também toda a abordagem da ciência moderna quando se trata do ser humano. Pensando como esse modelo apresenta-se dentro das reflexões da Psicologia da Saúde é possível perceber que abordagens como a do modelo Biomédico, tomam por base o modelo de individualidade como um organismo que funciona por meio de processos químicos-mecânicos, anatofisiológicos (DEMARCO, 2003). À dimensão social, cultural são reservados papéis secundários dentro desse modelo. Contudo, pouco tempo depois, acontece, na história do pensamento ocidental, uma guinada promovida por outro alemão, Hegel, que, em sua filosofia, vai transformar o *Geist*, espírito, e a razão na única e mais real das realidades possíveis.

3 HEGEL E O ESPLendor DO SUJEITO LÓGICO

Com Hegel, o *sujeito lógico*, como ente universal, imortal, imparcial, assume a sua expressão máxima. Para ele o mais importante da vida do sujeito se encontra na sua relação e conformação com os movimentos do *Geist*, *Espírito*, como a razão que não mais governa apenas a pessoa concreta de Descartes ou o ser humano universalmente digno de Kant, mas todo o mundo e toda a história. Hegel com a sua *Fenomenologia do Espírito* (1807/2007) propõe a razão como o grande motor da história, cuja finalidade é encontrar, por meio do movimento dialético no próprio núcleo fundamental do Espírito, o que seria a grande síntese de toda a história. Já na sua *Introdução à História da Filosofia* (1812-1816/1976), ele enuncia a sua *Weltbildes*, isto é, a sua imagem de mundo, quando afirma: “O que é verdadeiro está contido somente no pensamento. É verdadeiro não só hoje e amanhã, mas eternamente, além de todo tempo, e enquanto é no tempo, é sempre verdadeiro, para todo o sempre” (HEGEL, 1812-1816/1976, p.15). Podem-se assim perceber dois grandes moventes da sua filosofia: o pensamento, movente máximo do *Espírito*, que dá um estatuto de validade ao mundo, e o tema da história e da perenidade da verdade.

Para Hegel, a história nada mais é que um movimento de desdobramento e clarificação do *Espírito*, que, nos seus vários desdobramentos do devir dialético, vai chegando ao seu termo, que é a verdade absoluta em si mesmo. Por isso toda a história, a arte, a religião e o pensamento tendem a esse *τέλος*, isto é, e esse fim, entendido aqui não apenas como finalidade, mas como a palavra grega comprehende, como complemento e coroamento de um movimento no qual todo o resto está circunscrito. Com isso, ele acaba por fundar uma nova

concepção da própria realidade, não mais ancorada na constância da realidade aristotélica e na segurança da hierarquia lógica medieval, mas na própria constância do devir que se comprehende, *cum-prendere*, e por assim fazer dá sentido ao mundo e à história.

Mas como Hegel faz isso? Como estrutura a sua filosofia e a sua proposta? O grande axioma que sustenta toda a obra hegeliana é o de que tudo aquilo que é real é também racional e aquilo que é racional é, *a fortiori*, verdadeiro a partir do seu pensamento o *sujeito lógico* é também *sujeito ontológico*. Esse movimento do racional como estatuto de validade do real se desdobra no seu pensamento como uma teoria do Estado que tem por objetivo ser a mais racional possível para, assim, ser o mais real e por isso o mais verdadeiro. Uma teoria da arte, como valorização das formas, e da estética, como caminho de libertação do espírito do ser humano para o, *Geist, Espírito*.

O pensamento Hegeliano, influenciou de diversas maneiras a estrutura e organização dos estados modernos e também a forma de se fazer ciência, por meio do movimento dialético da *tese*, que afirma um enunciado, da *antítese*, que coloca a prova determinado enunciado apresentado em forma de tese, e de uma *síntese* que é o equilíbrio lógico entre a tese e a antítese. Ao se pensar as pesquisas e os projetos de pesquisa em geral, ou em âmbito estrito os projetos de pesquisa em Psicologia da Saúde se percebe que em boa parte dos casos o sistema dialético Hegeliano opera ainda que de forma velada. A tese das pesquisas, expressas sobre a forma de problematização, hipóteses, são testadas ou afirmadas por meio da pesquisa, seja ela de caráter bibliográfico, histórico, epidemiológico, hermenêutico e por fim, há um equilíbrio entre a tese inicial e o processo de construção da pesquisa por meio do produto final desta que é o relatório de pesquisa, seja ele expresso sob a forma de artigo, capítulo de livro, conferência, publicação.

Ao se pensar a relação do pensamento de Hegel com a constituição do sujeito da pesquisa em Psicologia da Saúde é possível fazê-lo por meio da consideração de algumas modalidades de pesquisa cuja finalidade é fazer com que determinada realidade confirme uma teoria. As várias abordagens possíveis em Psicologia da Saúde sob uma mesma parcela do real muitas vezes são utilizadas não para se chegar a um consenso sob o real, se isso for possível ou buscado, mas sim, para confirmar e adequar determinada realidade a uma teoria. A teoria é a *tese*, a realidade a *antítese* e a confirmação da teoria é a *síntese*. É possível observar tal paradigma em discussões sobre o conceito de Saúde no qual abordagens como a Biomédica, a Biopsicossocial, acabam produzindo discursos, em muitos casos, diametralmente diferentes sob a mesma realidade.

Após considerar esses pontos é possível se perguntar: qual é a contribuição da Fenomenologia para a reflexão sobre o Sujeito? Como essa reflexão pode ajudar a compreender os sujeitos das pesquisas em Psicologia da Saúde?

4 O PRIMEIRO SUJEITO EM HUSSERL: AS SÍNTESSES ATIVAS

A Fenomenologia como escola de pensamento, surge a partir das reflexões de Husserl no início do século XX, inspirando-se na palavra fenômeno, ($\phi\alpha\iota\nu\epsilon\sigma\tau\alpha\iota$): aquilo que aparece. Ele elabora um sistema de pensamento cujo objetivo é conhecer as realidades mesmas tal como elas aparecem à consciência (Husserl, 1950). Ele atribui a evidência fundadora do cartesianismo: “[...] o *ego cogito*, como domínio último e apoditicamente certo sobre o qual deve ser fundamentada toda a filosofia radical” (HUSSERL, 2001, p. 36). Portanto, é no fato da consciência ser transparente para si mesma que se estruturam as bases para uma primeira reflexão sobre a relação entre consciência e fenômeno, sujeito e realidade.

Entretanto, com Husserl, o critério de validação do conhecimento não está mais apenas no Eu cartesiano, ou nas categorias do *a priori* do sujeito transcendental kantiano, mas passa a ser a relação entre o sujeito que conhece e a realidade que se dá a conhecer. A isso ele vai dar o nome de *intencionalidade*, dizendo que toda consciência só é consciência de alguma coisa e todo objeto só se torna objeto porque se dá a uma consciência que o conhece (HUSSERL, 2001). Após afirmar isso, Husserl começa a traçar um caminho para a sua nova ciência filosófica, a Fenomenologia, por meio do que ele mesmo vai chamar de método fenomenológico. Tal método parte das relações entre a consciência do sujeito e os objetos, ($\phi\alpha\epsilon\nu\mu\mu\epsilon\nu\alpha$), que se dão a ela, através de uma relação entre o objeto que se apresenta *noema*, ($\nu\o\mu\alpha$) e o ato de perceber, *noésis*, ($\nu\o\epsilon\sigma\iota\zeta$). É por meio desse binômio que se dá o fenômeno da experiência. Porém, as experiências da consciência no mundo construídas como *vivências*, *Erlebnis*, ainda possuem muitas imprecisões que não colaboram com o processo de compreensão do fenômeno como ele se apresenta na sua intencionalidade ao sujeito. Na linguagem de Husserl, pode-se afirmar que a relação *noético-noemática*, isto é, entre o objeto que se dá a um sujeito e de um indivíduo que está voltado intencionalmente para um objeto, construída por meio das *vivências* ainda mantém a experiência da realidade apenas como algo interno ao sujeito.

Para evitar que o Fenomenologia caísse no subjetivismo no qual a experiência do mundo estaria restrita apenas as impressões percebidos pelo sujeito, Husserl propõe a *atitude*

fenomenológica com o objetivo de “elevar a uma reflexão em âmbito da consciência científica as características próprias da atitude natural” (HUSSERL, 1950, p. 4), isto é, fazer com que as experiências oriundas das vivências sejam submetidas ao rigor da reflexão criteriosa para que, assim, livre de todos os *pre-juízos* e *pre-conceitos*, se possa realmente acessar o fenômeno como ele se dá à consciência, de maneira pura. Este propósito objetiva dar um estatuto de validade e solidez às pesquisas e ao método fenomenológico, fazendo assim com que as experiências impuras das vivências adquiram um valor universal.

Contudo isso só pode ser feito mediante aquilo que o Husserl vai chamar de *epoké*, (*εποκή*), que nada mais é do que o “colocar entre parênteses” a realidade para que, livres de influências e preconceitos, possa-se chegar ao fenômeno tal como ele está dado a partir de si mesmo. A *epoké* pode trazer uma contribuição para a reflexão sobre sujeito nas pesquisas em Psicologia da Saúde. A necessidade de colocar a realidade entre parêntese aponta para o fato de que o real não se dá de maneira clara e evidente, como afirmara o cartesianismo. A atitude fenomenológica supõe outro conceito de verdade, entendida como resistência, *aletheia*. Diante disso, o sujeito que faz pesquisa em Psicologia da Saúde, ao entrar em contato com determinada realidade, seja ela, humana, animal, bibliográfica deve colocar-se na posição daquele que permite que o fenômeno do participante ou realidade manifeste-se a partir de si mesmo, no conjunto do vivido no qual pesquisador e participante, ou pesquisador e realidade pesquisada comparecem como alteridades que oferecem resistência e por isso, são reais. É o conjunto do vivido, como espaço no qual os seres comparecem como alteridades, sob a forma de resistência, e não o sujeito, que possibilita a consciência se estruturar fenomenologicamente como consciência de algo que, por assim ser, pode acessar as realidades dos fenômenos da maneira como eles se apresentam.

Não obstante, a relação entre sujeito intencional e objeto fenomenológico se dá porque, para Husserl (1950), existe uma estrutura transcendental que dá suporte e funciona como horizonte de possibilidade para o próprio sujeito que conhece. Essa estrutura é necessária por dois motivos. O primeiro é o fato de que, sem ela, o *ego* ficaria fechado em si mesmo, pois não haveria nenhum horizonte de suporte que possibilitasse o movimento intencional da consciência para com o fenômeno; o segundo é que, com essa estrutura, Husserl dá ao *cogito* a abertura necessária para que ele não seja mais hermeticamente fechado sobre a estrutura do *ego*, mas esteja aberto para o próprio fato das suas vivências e das suas experiências, sejam elas reais, sejam da consciência. Sobre isso, comenta Husserl: “A certeza

apodíctica da experiência transcendental apreende o meu Eu sou transcendental como implicante a indeterminação de um horizonte aberto” (2001, p. 81).

A estrutura transcendental do *cogito* possibilita ao sujeito dois movimentos importantes para a apreensão de si mesmo e do mundo. O primeiro com relação a si é o *tempo* sob a forma de *percepção e consciência do tempo*, porque este aparece como horizonte das possibilidades do *cogito* tanto para o passado, quanto para o futuro. O segundo é o *corpo*, como horizonte de possibilidade de apreensão e relação intencional com a realidade.

Pensando isso dentro do horizonte das pesquisas em Psicologia da Saúde, um dado importante apresenta-se, pois, se a *temporalidade* e a *corporeidade* são os caminhos pelos quais o sujeito pode apreender e interagir consigo mesmo e com o mundo, o fato de fazer pesquisa deixa de ser apenas um atributo teórico e passa a ser um exercício existencial. Ao fazer pesquisa o pesquisador desenvolve-se e se compromete existencialmente. Ao considerar isso dentro da abordagem Biopsicossocial é possível notar mais uma aproximação, pois a consideração da vida do pesquisador, dos participantes, como um fenômeno existencial e de comprometimento, acaba se tornando um elemento importante no processo de construção da vida do pesquisador e dos participantes. Fazer pesquisa, se torna muito mais do que um exercício intelectual, este passa a ser um exercício de estabelecimento de relações de alteridade cujo produto final, é o desenvolvimento de uma experiência vital. Os relatórios de pesquisa, diante disso, se tornam apenas expressões metodologicamente organizadas de uma experiência vital, vivida como corporeidade intencionalmente presente no mundo dentro da modalidade de ser *pesquisador-participante* da pesquisa.

Consideradas as reflexões acima, é possível perceber que Husserl acaba organizando a consciência como uma estrutura transcendental de projeção em direção ao mundo. Porém como isso se dá? Para responder a essa pergunta, é preciso refletir sobre aquilo que Husserl vai chamar de *constituição ativa da consciência transcendental*, a qual ele entende como os processos que o sujeito desenvolve para interagir consigo mesmo e com o mundo de maneira intencional e posicionada. Contudo como se dá essa relação entre consciência do mundo dentro de uma estrutura de constituição ativa? A resposta pode ser encontrada naquilo que Husserl vai chamar de *estrutura sinestésica*, ou *estrutura da percepção*, isto é, a consciência que percebe a si mesma e ao mundo acaba adquirindo conteúdos mentais *hilé*, (*Hilé*), que modificam a própria consciência. Esses conteúdos são captados por meio dos sentidos dentro do movimento da redução fenomenológica.

Ao se observar como estas categorias dialogam com o universo da pesquisa, e em particular a pesquisa em Psicologia da Saúde, é possível perceber que, se os conteúdos mentais, as *hilés*, modificam a própria consciência elas acabam por influenciar, senão modificar, a experiência subjetiva do mundo. O pesquisador no ato de fazer a pesquisa é modificado por ela, a sua percepção de mundo é afetada pelo mundo com o qual ele interage. Portanto, um pesquisador que se dedica a pesquisar Saúde ou qualidade de vida, estará mais sensível a certas realidades materiais e conceituais do que outros que não se dedicam a isso. Daí o porque de temas como, *discurso de gênero, subjetividade, pluralidade, diversidade, qualidade de vida, saúde*, serem tão presentes na vida dos pesquisadores de Psicologia da Saúde. Contudo, qual é o lugar privilegiado no qual o pesquisador faz a experiência de ser *co-presente* e influenciado pela pesquisa?

A estrutura da *percepção*, da *co-presença* e da *experiência* se dá por um determinante fundamental, *o corpo*, que na obra *Ideias II: Pesquisas fenomenológicas para uma constituição* será chamado por Husserl (1982) de *órgão da percepção*. A partir daí, surge dentro do cenário da reflexão de Husserl a temática do corpo próprio em contraposição ao corpo objetivo que é oposto a consciência (Buissière, 2005). O *corpo próprio* caracteriza-se pelo ser vivo, o corpo vivente que faz experiência de ser si mesmo no mundo com os outros, já o corpo objetivo é o *körper*, o organismo, a somatória dos órgãos. A reflexão sobre o corpo dessa consciência que vai de maneira intencional em direção ao fenômeno revela algo singular dentro de um campo epistemológico que originalmente tinha por objetivo conhecer os processos de como o cogito conhece e interage com o mundo.

Na reflexão de Husserl *o corpo* se apresenta como a solução para a questão do conhecimento. Este se torna o lugar onde o *sujeito lógico* e o *sujeito ontológico* podem dialogar, haja vista que até aqui a grande pergunta era: como uma consciência que se arroga processos universais e abstratos, a partir de uma realidade imanente, pode se constituir como sujeito? Qual é o elo que há entre a transcendentalidade do sujeito lógico com as vivências que produzem as estruturas *hylético-perceptivas*? A estrutura somática não é pensada apenas como um suporte, ou como algo secundário dentro dessa reflexão, mas como uma constatação fundamental, a saber: que na estrutura da percepção há uma presença, personalizada, em carne e osso do objeto. Sobre isso, comenta Husserl,

O corpo próprio é causa tanto dos órgãos dos sentidos e da totalidade dos órgãos do sentido livremente movidos e assim, a partir do seu fundamento original, a todo o real das coisas do mundo circundante ao ego e a sua relação com o corpo próprio (1982, p. 92).

Com isso é possível perceber que o *corpo* vai aos poucos ocupando um lugar fundante dentro do pensamento de Husserl. Ele é o horizonte de eventos da percepção, pois este não é um movimento abstrato do *cogito*, do *sujeito lógico*, mas um ato de experiência fundada na concretude da vivência. Ele é a forma de constituição do sujeito no mundo e é por isso que o mundo pode-lhe ser imanente, e os objetos podem-se doar por meio de uma interioridade-exterioridade. Trazendo isso para a discussão sobre o sujeito da pesquisa em Psicologia da Saúde é possível perceber que ao tratar temas como Saúde e doença, o pesquisador muito mais do que discutir atributos teóricos está refletindo sobre a sua própria experiência de Saúde, e experiência de mundo.

O *corpo próprio*, como único caminho que o *cogito* tem para a percepção e para a interação com o mundo, faz com que Husserl comece a refletir sobre uma *camada inferior*, sobre uma nova constituição anterior à consciência e dela constituinte, realidade essa que não está ligada aos predicativos da redução fenomenológica, mas aos *antepredicativos*, que não têm como matéria da *redução sinestésica* as *hilé*, (*Hyle*), mas a primeira/anterior *Hilé*, (*Ur-Hyle*). A pergunta de Husserl pelas condições genéticas do si abre um novo caminho para a investigação da natureza própria do fenômeno a que Husserl dá o nome de *Síntese passiva*, em oposição à *síntese intencional*, *ativa do ego puro*. Sobre isso comenta Husserl, “A construção pela atividade pressupõe sempre e necessariamente, como camada inferior, uma passividade que recebe o objeto e o encontra como fato; analisando nós chegamos à constituição por meio da síntese passiva” (1953, p. 40).

Com a afirmação da *síntese passiva*, ou *constituição genética do sujeito*, chega-se a uma camada, para usar a expressão de Husserl, que faz a ligação entre a consciência e o horizonte do sentido, pensado como estrutura constitutiva que escapa à consciência e à redução da síntese ativa. Aqui se opera no horizonte no qual a subjetividade se constitui a si mesma a partir do modo da receptividade. Sobre isso comenta Montavont:

Enraizando a receptividade numa passividade ainda mais original, o *predoação afetiva*, e afirmando a atividade dentro de uma passividade englobante, ele (Husserl) muda as fronteiras tradicionais entre a sensibilidade e a espontaneidade, entre sensível e inteligível (1999, p. 10).

Exposto esse cenário, agora é possível refletir sobre as estruturas que dão suporte a experiência humano do mundo. A partir daqui um horizonte importante se desvela. Trata-se do tema do sujeito carnal, ou da estrutura somático-estética da subjetividade.

4.1 O CORPO COMO HORIZONTE: O CAMINHO DA SÍNTSE PASSIVA

Qual a importância de partir do corpo para se pensar uma *síntese passiva* (HUSSERL, 1998) e uma *constituição genética* do sujeito? Por que a temática do corpo acaba aparecendo numa discussão que busca entender a relação entre o sujeito lógico e o sujeito ontológico e os seus impactos na pesquisa em Psicologia da Saúde?

O fenômeno da percepção do mundo e de si mesmo, por meio da temporalidade e da corporeidade, abriu, dentro da discussão fenomenológica a possibilidade de se refletir sobre a passividade sob a forma de estar posicionado no mundo. *O corpo*, como órgão da percepção e do estar posicionado, passa a ser não mais a forma de acesso da consciência aos fenômenos imanentes, mas a forma de acesso do *cogito* ao ser; portanto, pensá-lo como estrutura somática, como carne e osso, é fundamental para se entender a relação que há entre ser e pensamento. A constatação do fenômeno da passividade, como camada inferior e constitutiva do *sujeito lógico*, revelou que este não é apenas uma consciência transcendental abstrata, mas que fundamentalmente se define como sujeito encarnado. “É unicamente pela relação empírica com o corpo que a consciência se torna uma consciência humana e animal de maneira real” (HUSSERL, 1982, p. 86-87).

A radicalidade da proposta husserliana exige que se distancie do método da *tese*, *antítese* e *síntese*, principalmente quando esta é entendida a partir dos modelos hegelianos, ou seja, como uma atividade, uma operação da consciência sobre o conteúdo *hylético* da percepção. É preciso, para se trilhar em profundidade dentro desse caminho para o conhecimento, refletir não mais sobre a influência ativa da consciência, mas sobre a unidade do conteúdo *objetal-hilético* que aparece no movimento reflexivo da consciência como síntese temporal a partir de si mesma. Para se operar dentro dos limites dessa síntese constitutiva, faz-se necessário entender que existe uma unidade da realidade que se apresenta, por meio da percepção no corpo e do corpo, como obra do tempo e que será compreendida como unidade se considerada dentro do tempo. É somente na síntese temporal da inatividade originária da consciência encarnada no corpo próprio que se consegue entender as estruturas originárias da subjetividade (HEIDEGGER, 2012).

Esta estrutura encarnada do sujeito se apresenta com duas características: a primeira é a sua *materialidade*, a sua dimensão de concretude que faz dela um corpo sensível e um corpo encarnado e material e a segunda característica é a *reflexibilidade*, pois, quando a pessoa sente ou percebe um objeto, também percebe a si mesma (HUSSERL, 1998). Todas as sensações

cinestésicas produzem como efeito a percepção do corpo como próprio, *Leib*, e não como algo físico exterior. Por exemplo, quando se toca algo com as mãos, uma pessoa percebe o objeto tocado e também percebe a si mesma tocando o objeto. Essa dimensão da *reflexibilidade* do corpo revela que conhecer um objeto supõe uma experiência somática e psíquica e que o corpo próprio, é ao mesmo tempo uma estrutura material de vivência que possibilita a consciência de interagir com o exterior e é também a estrutura da própria subjetividade, comenta Husserl “Um sujeito que não fosse vivo não poderia ter absolutamente nenhum corpo próprio aparecendo” (1982, p. 66). Isso leva à compreensão de que corpo-próprio é o corpo vivo.

As reflexões de Husserl, sobre a constituição ativa da subjetividade permitem perguntar sobre como se dá a relação entre a vida do pesquisador no processo de construção da pesquisa? As relações entre Adição ao trabalho e Saúde, Produtivismo acadêmico e o Bem-estar dos pesquisadores são temas, que a luz das considerações sobre o *corpo próprio* ganham relevância não apenas no que toca a qualidade teórica das pesquisas, mas sim, no impacto existencial que o ato de ser sujeito fazendo pesquisa produz. A redescoberta do *corpo próprio* abre espaço para a pergunta sobre o lugar no qual esse indivíduo se encontra, isto, na coletividade, como *alteridade de alteridade*, construindo-se como pesquisador em Psicologia da Saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta pelas características predicativas e denominativas da constituição lógica do sujeito nos permite pensar a denúncia que Husserl (1961) faz com relação aos homens que produzem ciência de fatos. Ao se pensar a relação entre o sujeito da pesquisa e a vida daquele que faz a pesquisa em Psicologia da Saúde, é possível perceber que a passagem entre o conceito lógico de sujeito à vida do pesquisador não é linear nem homogênea, pois o *sujeito lógico* da pesquisa, por se tratar de uma estrutura lógico-formal sem conteúdo prévio, ou seja, por ser apenas uma categoria lógica. Por sua vez, o *sujeito ontológico*, o existente que exerce os seus modos de ser no movimento de dar razões às suas possibilidades existenciais apresenta-se como finito e mortal. O projeto moderno de criação do *ego transcendental* e do *espírito absoluto* acabou por tomar como *a fortiori* a correspondência entre o sujeito lógico e sujeito ontológico. Uma ciência ou modelo epistemológico que não toma em consideração essa realidade acabará incorrendo no erro de propor modelos que, ao invés de afirmar e

promover a vida, ou então buscar minimizar e defender as fragilidades e vulnerabilidades das pessoas, acabará propondo modelos lineares que se atêm apenas à estrutura formal, desconsiderando que o sujeito que pesquisa e que participa da pesquisa, muito mais do que um *sujeito lógico*, é cada pessoa na sua singularidade de ser si mesmo no conjunto das suas possibilidades. Sem essa consideração, as iniciativas de promoção e manutenção da vida correm grande risco de se tornarem estratégicas de transformação do real em um atributo de uma consciência que não sabe de ser, não sabe da vida, não sabe da morte.

O intento da Fenomenologia é o de buscar na singularidade de cada vida, no corpo próprio, na experiência de mundo como horizonte de pensamento e construção da ciência uma possibilidade para se chegar a verdade do ser. Husserl percebeu que a atribuição ou sobreposição direta entre *sujeito lógico* e *sujeito ontológico* acabou produzindo como um de seus resultados o idealismo. Os corpos vivos dos sujeitos ontológicos sentiram em suas próprias carnes os resultados do desprendimento de um sujeito lógico.

Por isso faz-se necessário redescobrir o sujeito ontológico como pessoa vivente, como ser corpóreo que, por possuir essa constituição, é capaz de aproximar-se da verdade. Por fim, com Husserl e todos os movimentos do começo do século XX, observa-se a redescoberta do corpo, num primeiro momento, ainda muito influenciado pelo modelo mecanicista, porém que aos poucos vai adquirindo uma dimensão de corpo vivo e corpo de um ser vivo, no caso, ser humano.

O caminho da modernidade mostrou que o sujeito contemporâneo é herdeiro de uma visão de mundo que produziu um *modus vivendi* que ainda exerce muita influência sobre a forma de ver e agir do indivíduo no mundo, principalmente naquilo que toca às pesquisas em Psicologia da Saúde e políticas de qualidade de vida. Revisitar esses autores da modernidade ajudou a perceber que, pelo fato da eleição do sujeito como critério de validação da realidade e com a objetivação da própria pessoa, um novo tipo de relação humana nasceu e, como efeito disso, uma nova imagem de mundo. A eleição do modelo subjetivo influenciado pela correspondência direta entre estrutura lógica e estrutura ontológica acabou dando visibilidade a uma realidade que afeta profundamente as pesquisas na contemporaneidade, pois o sujeito da ciência, muitas vezes, não considera o pesquisador concreto, nas suas particularidades e singularidades. O *sujeito lógico* da ciência parece pressupor a existência de um corpo próprio, encarnado, real, posicionado que interage com o mundo e busca, na unidade da pessoa, construir a sua história como projeto aberto que necessita e produz cuidado. Quando as práticas protocolares de pesquisa em Psicologia da Saúde forem suficientemente porosas para

permitirem o atravessar do sujeito encarnado, a humanidade estará adentrado o limiar de uma ciência que se estrutura fundamentalmente como afirmação da vida.

A Fenomenologia, de maneira particular a das *sínteses passivas*, pode ajudar no processo de reflexão sobre a qualidade de vida dos pesquisadores e dos participantes da pesquisa em Psicologia da Saúde, pois, se a pesquisa é feita por seres humanos, posicionados como e em seu *corpo próprio* no mundo da vida, é preciso pensar quais são as estratégias para fazer com que a experiência de mundo e de si mesmo que essas pessoas fazem, ao construírem-se dentro do modo de ser da pesquisa. O sujeito abstrato lógico não sofre resistência de um real que está para ele apenas como conteúdo denominativo dentro de uma relação de sujeito e predicado. Por sua vez, o *sujeito ontológico*, que vive no mundo e é capaz de se perguntar pelo sentido dele, sofre a resistência dessa realidade e estabelece uma relação de morada com ele.

Frente a isso, temas comuns em Psicologia da Saúde como a discussão sobre o modelo produtivista em relação a qualidade de vida dos pesquisadores; A discussão da Saúde como algo para além do modelo Biomédico; A relação entre qualidade da pesquisa e comprometimento ético parecem ganhar novas ferramentas teóricas para a reflexão. Os limites dessa pesquisa assentam-se na própria delimitação do tema escolhido para se pesquisa.

Um dos temas de trabalho que a discussão acima permite é: qual a relação entre a constituição do corpo sob a forma de *Körper*, organismo e o modelo Biomédico? Como as *sínteses passivas* podem ajudar no processo de construção de ambiente vitais no qual a dimensão da Saúde como fenômeno Biopsicossocial possa se desenvolver? A opção por se perguntar pelas *pré-condições* ou estruturas genéticas da subjetividade trouxeram como oportunidades o fato de pode ser pensar os elementos estruturantes de tal tema, contudo, isso exigiu do leitor um esforço teórico para se pensar em níveis de realidade conceituais que são estruturantes, mas, abstratos. Um campo a ser explorado, e que constitui um limite dessa reflexão, foi o da análise de como modelos teóricos e paradigmas lógicos, como o do sujeito cartesiano acabam produzindo impactos reais na vida das pessoas. Como modelos ideias, como o Hegeliano acabam gerando estruturas performáticas na vida dos seres humanos?

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. I. de M., & EUGENIO, F. (Eds.) **Culturas jovens: Novos mapas do afeto.** Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2006.
- ARISTÓTELES. **Política.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006.
- BUISSIÈRE, E. **Cours sur les corps.** Paris: Philosophie, 2005.
- BUSSE, A. **Commentaria in Aristotelem Graeca.** v. IV. Pars I. Berlin, Alemanha: Academiae Litterarum Regiae Borussicae, 2001.
- COPERNICUS, N. **As revoluções dos orbes celestes.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.
- DEMARCO M. **A face humana da medicina:** do modelo biomédico ao modelo biopsicossocial. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2003.
- DESCARTES, R. **Discurso sobre o método.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.
- _____. **Meditações sobre a filosofia primeira.** Campinas, SP: Editora Unicamp, 2004.
- DIMENSTEIN, M. D. B. **O Psicólogo no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS):** Perfil profissional e perspectivas de atuação nas unidades básicas de saúde. (UBS). 223f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1998
- DUBAR, C. **A crise das identidades:** a interpretação de uma mutação. São Paulo, SP: EDUSP, 2009.
- FOUCAULT, M. **As Palavras e as coisas:** Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2000.
- GALILEO, G. **Dialogo.** Florença: Gio. Battista Landini, 1638.
- LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MATARAZZO, J. D. **Behavioral Health's Challenge to Academic Scientific and Professional Psychology.** American Psychologist, 37 (1), 1-14, 1982.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MONTAVONT, A. **De La passive é dans La phénoménologie de Husserl.** Paris: PUF, 1999.

NIETZSCHE, F. **Para além do Bem e do Mal.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2009.

PLATÃO. **Tutti gli scritti.** Milano, Itália: Rusconi, 1991.

PASQUINELLI, A. **I presocratici.** Turin: Giulio Einaudi Editore, 1958.

PORPHYRE. **Isagoge.** Paris, Vrin, 1998.

HEGEL, G. **Introdução à história da filosofia.** São Paulo, SP: Hemus, 1976.

_____. **Fenomenologia do Espírito.** 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo.** Petrópolis: Vozes, 2012.

HENRY, M. **Incarnation: une philosophie de la chair.** Paris: Seuil, 1998.

HUSSERL, E. **Idées directrices pour une phénoménologie.** Paris, França: Gallimard, 1950.

_____. **Meditations Cartesiennes.** Paris, França: Librairie Philosophique, 1953.

_____. **Recherches phénoménologique pour la constitution.** Paris, França: PUF, 1982.

_____. **Lições para uma Fenomenologia da consciência interna do tempo.** Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.

_____. **De la Synthèse passive.** Paris, França: Millon, 1998.

_____. **Meditações cartesianas.** São Paulo, SP: Madras, 2001.

- KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1974.
- _____. **Crítica da razão pura**. 5 ed. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- _____. **Metafísica dos costumes contendo a Doutrina do Direito e a Doutrina da Virtude**. São Paulo, SP: EDIPRO, 2003.
- _____. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. São Paulo, SP: Iluminuras, 2006.
- RICOEUR, P. **Temps et Récit**. Paris: Seuil, 1983.
- SILVA, R. C. **A formação em psicologia para o trabalho na saúde pública**. In: Campos, F. C. B Psicologia e Saúde: repensando práticas (pp. 25-40). São Paulo: Editora Hucitec, 1992.
- SMITH, A. **An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations**. London: Willian Strahan. 1776.
- SPINK, M. J. **Os Psicólogos na saúde – Reflexões sobre os contextos da prática profissional**. In: Psicologia social e saúde: práticas, saberes e sentidos (pp. 77-159). Petrópolis: Editora Vozes. 2003.
- TAYLOR, S. E. **Health Psychology**. 5(th) ed New York: McGraw-Hill, 2002.
- VESALIUS, A. **De humani Corporis Fabrica**. Basel: CAESAREA, 1543.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar em uma região de fronteira não significa apenas deixar para trás os limites que demarcavam a segurança de determinado território, mas implica também criar um espaço de abertura para novas possibilidades a partir da passagem de um lado para o outro. A fronteira não só limita, mas cria possibilidade para a uma reflexão. A conclusão de um trabalho tem por característica o estabelecimento de um marco referencial que afirma que determinado projeto tem o limiar a partir de um ponto específico, como estrutura dentro de uma fronteira epistemológica pré-estabelecida no projeto de pesquisa, mas também que se oferece como abertura, ou clareira dentro das infinitas possibilidades que o “para além” da fronteira pode oferecer.

A reflexão sobre a aproximação e contribuição da Fenomenologia na reflexão da Psicologia da Saúde, sob o ponto de vista da pesquisa permitiu ver, ao longo dos quatro artigos alguns elementos que podem ajudar os pesquisadores tanto da Fenomenologia quanto da Psicologia da Saúde a pensar em uma região de fronteira. Os conteúdos de fronteiras, muitas vezes movediços e em fase de sedimentação e as realidades além dos limites que se oferecem fundamentalmente como possibilidade.

O caminho fenomenológico empreendido dentro da área da Psicologia da Saúde sob o ponto de vista da pesquisa possibilitou ver que a partir do conceito de *fenômeno* e de *realidade* como *resistência* é possível do paradigma de um modelo linear de base cartesiana que pressupunha uma realidade que se oferece a um sujeito afastado dela de maneira clara e evidente. A realidade entendida como resistência abriu a esta pesquisa a dimensão de que o real é uma estrutura independente do sujeito, tem para com ele o modo de ser da alteridade, porém, de maneira conjugada a tal ponto que, não é possível conhecer o real sem estar interligado e em relação com ele por meio do movimento da intencionalidade.

O conceito de *intencionalidade* oportunizou algo interessante, pois a partir dele foi possível perceber que há uma *separação funcional* com relação as posições de sujeito e objeto contudo há uma *implicação estrutural* no que toca a forma de construção do conhecimento. A luz da análise do conceito de intencionalidade foi possível perceber que não existe pesquisador sem um objeto de pesquisa e não existe um participante sem um pesquisador. Pensando isso dentro da área da Psicologia da Saúde, no que toca a pesquisa, é possível perceber que em todo ato de produção científica se deve considerar duas determinantes importantes, a primeira que se pergunta pela vida do (s) participante (s). A segunda que se

questiona sobre as interações diretas e indiretas que a vida do (s) participante (s) tiveram na vida do pesquisador e no processo de construção da pesquisa.

Tomar a pesquisa em Psicologia da Saúde como o espaço de construção de identidades no qual pesquisador e participantes então intencionalmente *co-presentes* e comprometidos a partir da sua existência parece abrir outra possibilidade de contribuição da Fenomenologia para a pesquisa nessa área do saber. A partir da discussão sobre o método fenomenológico foi possível perceber que não há conhecimento do real sem *intencionalidade*, *co-presença* e *comprometimento*. Com isso, a relação entre o sujeito pesquisador e o objeto que se submete aos cânones dessa, ou ainda, do pesquisador que é imparcial em relação à sua produção científica parecem não se aplicar. Ao se tomar de maneira radical o conceito de *intencionalidade*, *co-presença* e *comprometimento* até mesmo a divisão entre pesquisador e participante parece ficar comprometida, talvez, a melhor relação seja a de uma *pesquisador-participante* que interage com *população/indivíduo-participante (s)*, ou *realidade-participante*. Pensando a partir de um paradigma *pré-impressivo ou constitutivo* é possível concluir que o que faz com que existam teorias, abordagens e instrumentos é o fato do existir um *sujeito-participante* que é *co-presente* e *interativo*. Este ao entrar em contato com a realidade sob a forma de pesquisa, desenvolve existencialmente e produz uma narrativa sobre o mundo.

Outra possível contribuição que a presente discussão dá possibilidade é com relação a discussão do fenômeno da Saúde como um evento complexo, aproximando-se assim com os enunciados e construções teóricas como a Biopsicossocial. Se a experiência do real se dá sob a forma de uma subjetividade posicionada e em interação com o real, todos os fenômenos humanos estão marcados pelo traço de serem, fenômenos de subjetividades posicionadas como corporeidade (Bio) que percebem o mundo e a si próprios (Psico) como projeto e estão em interação com os outros sob a forma de um indivíduos *co-presentes* e interessados (Social).

Por meio da *intencionalidade*, a pesquisa em geral, e no presente caso, em Psicologia da Saúde, deixa de assumir a pseudo-segurança da imparcialidade lógico-cartesiana e passa ao comprometimento ético de uma implicação profunda que produz o conhecimento. O pressuposto fundamental da pesquisa dentro do paradigma cartesiano é a imparcialidade do sujeito em relação a realidade e ao conhecimento. Para a Fenomenologia o pressuposto fundamental é o comprometimento ético fruto de uma interação e implicação intersubjetiva

entre o pesquisador que vai em direção ao (s) participante (s) e do participante que se oferece como resistência relacional ao pesquisador.

O fato da realidade se dar como *resistência* abre à pesquisa em Psicologia da Saúde outra possibilidade importante. Se o real se apresenta no horizonte de possibilidade de conhecimento do sujeito fundamentalmente como resistência é preciso se perguntar por aquilo que nas interações e pesquisas em Psicologia da Saúde acaba sendo relegado ao âmbito do ruído e não é considerado como condicionante ou determinante para uma pesquisa que pretende dizer algo sobre determinada parcela do real. Se considerarmos, a título de exemplo, a discussão sobre o conceito de Saúde como ausência de doença ou ainda Saúde como afirmação da vida é possível perceber que entre esses dois conceitos não existe apenas um acento particular sobre determinado aspecto, o fenômeno da doença ou a promoção/afirmação da vida, mas sim, tais abordagens abrem a possibilidade, muitas vezes não exploradas, de se fazer a pergunta pela estrutura mesma da vida como *condição genética*, isto é, possibilidade que permite possibilidades. A interrogação fenomenológica dentro desse contexto seria, porque é necessário pensar Saúde? Quais são as *pré-condições* e as *condições genéticas* que nos permitem dizer que determinada realidade goza de Saúde ou não? Fazendo assim com que a reflexão deixe de se perguntar pelas modalidades da relação pessoa – sociedade-saúde e passe a se propor pensar estruturas constitutivas.

Outro ponto de contribuição possível apoia-se sobre o conceito de *impressão* e *pré-impressão*. A partir da análise desses conceitos é possível perceber que todo ato de pesquisa, pensando-a dentro da Fenomenologia, estrutura-se como percepção de uma impressão que em sua estrutura fundamental articula-se como uma manifestação intencional de uma parcela do real. Tal parcela pode ser percebida na pesquisa em Psicologia da Saúde a partir dos elementos que os participantes permitem ver, de maneira consciente ou inconsciente, sua realidade. Questões que contribuem para ilustrar essa situação poderiam ser, por exemplo: em pesquisas sobre qualidade de vida em comunidades tradicionais, ou grupos sociais específicos, quais foram os dados importantes que os participantes omitiram pelo fato de saberem que se tratava de uma pesquisa em Psicologia da Saúde? O fato de dizer que se trata de uma pesquisa em Psicologia da Saúde pode influenciar na forma como os participantes interagem com o pesquisador? O instrumental fenomenológico parece indicar que sim. Diante disso, como considerar essas influências veladas no processo de construção da pesquisa?

A pergunta pelas *impressões* e *pré-impressões*, ou na linguagem da Fenomenologia heideggeriana, *Urimpression*, acabam remetendo para outro conceito importante abordado

nessa dissertação, o de verdade como *alethéia*, isto é, como aquilo que não pode ser esquecido porque oferece resistência. O conceito pré-socrático de *alethéia*, que depois foi explorado na filosofia de Heidegger ajuda-nos a perceber que a relação com o real não pode caracterizar-se dominação e sujeição. O pesquisador não é o dono dos conteúdos desenvolvidos em suas pesquisas ele é o guardião, o curador, pois na tessitura lógica das suas conclusões, sejam elas sob a forma de artigo publicado em revista, capítulo de livro ou registro documental estão presentes os elementos de uma realidade que não pode ser reduzida ou subjugada.

Há na *alethéia*, (*verdade*) uma inconformidade e uma denúncia. Inconformidade porque o real dos participantes e da população pesquisada jamais poderá ser reduzido ao conjunto articulado das impressões logicamente organizadas pelo pesquisador no produto final da pesquisa. Uma denúncia decorrente do fato do pesquisador jamais poder ser o “dono” da pesquisa, há sempre o comprometimento ético de devolver aos participantes de maneira organizada, distinta e cientificamente ordenada aquilo que no mundo da vida é deles por direito e princípio fazendo assim com que a produção da ciência seja o grande exercício de devolução à população de maneira organizada e melhorada aquilo que partiu dela como impressão e intuição fundamental.

Outros dois elementos de contribuição da Fenomenologia para a pesquisa em geral e de maneira particular para a pesquisa em Psicologia da Saúde são os conceitos de *tempo* e de *narrativa*. A pergunta pelo *tempo* acabou revelando, no arco dos artigos, que pesquisar apresenta-se como a modalidade de construção de uma *habitação narrativa* por meio de uma interação entre pesquisador, participante em um determinado espaço-tempo. O pesquisador e o participante transformam a espacialidade e a temporalidade da pesquisa em experiência humana, em lugar no qual o problema de pesquisa ou a realidade pesquisa se "apresentam" ou aparecem no presente da história do pesquisador, do participante e da própria construção científica. O *tempo*, o *espaço*, e *linguagem* são facetas de uma mesma experiência de produção do conhecimento. Por isso, não é possível construir uma pesquisa sem habitar em um *lugar*, para além do espaço, profundamente estruturado na linguagem, do qual e pelo qual se pesquisa. Outro fato importante que a análise do *tempo* revelou foi o de que a realidade da pesquisa fundamenta-se numa experiência de *cuidado* como construção da própria identidade e experiência de mundo, como um projetar de possibilidades concretizadas no presente das histórias do pesquisador (es), do participante (s) da pesquisa e do (s) leitor (es). Todo ato de pesquisa assenta-se na realidade de que o ente que é o pesquisador, o participante, o leitor, cada ser humano, busca estabelecer uma relação com o mundo para que esse possa ser tornar

da melhor maneira a sua morada. Desta forma, o ser humano estabelece relações de cuidado consigo mesmo, com as coisas e com os outros. A pesquisa, como estratégia de construções e desenvolvimento do saber, configura-se como uma dessas modalidades que o ser humano, no arco da sua história no mundo, encontrou para cuidar e promover esse movimento de manutenção da abertura original por meio da projeção de si no conjunto das suas possibilidades.

Abordado o conceito de *tempo* como grande movente das nossas produções, resta pensar sobre a *linguagem* e a *narrativa* como artifício que as pessoas encontraram para humanizar o tempo. Narrar apresenta-se como construção de uma intriga chamada experiência de mundo. É por meio do posicionamento em um *lugar* que o ser humano é capaz de dizer algo sobre o mundo de maneira ordenada no tempo, ainda que não seja um modelo de tempo linear. Tal constatação abre para o horizonte da pesquisa em Psicologia da Saúde uma grande possibilidade, pois a partir daí toda construção científica passa a ser a possibilidade de criação de um universo de sentido e significado cujo objetivo é tonar mais humana a experiência de mundo. As produções científicas, como toda produção feita pelo ser humano, passam a ser o relato de uma realidade submetida ao crivo e as possibilidades da experiência daquele que as narrou. Diante disso, os instrumentos de pesquisa, as tecnologias de abordagem do real, os métodos, as metodologias e as técnicas nada mais são do que habilidades humanas desenvolvidas para elaborar um discurso sobre o mundo de maneira mais refinada e precisa. Se observarmos os relatórios de pesquisa em Psicologia da Saúde, sejam eles, publicações, artigos, capítulos de livros, poderemos perceber que a produção científica dessa área, pensado sempre a partir do conceito de Saúde acabam produzindo um produto narrativo de uma experiência, seja ela de participantes ou de populações. Isso pode ser aplicado também às vertentes que trabalhem com a Saúde animal ou ainda a relação entre Saúde animal e saúde das pessoas. O processo de construção dessas narrativas de pesquisa sempre se caracterizará por um relato de uma intriga cujo centro é a experiência humana do mundo.

Outro elemento importante que o conceito de *narrativa* permitiu ver é que seja a pesquisa de caráter hermenêutico seja a de caráter estatístico estão marcadas por uma tessitura e organização linguística do real cujo objetivo é customizar a experiência do mundo a moda humana. Tal possibilidade ou constatação permite uma aproximação entre as formas de pesquisar e acaba demonstrando que independente da maneira como se aborda o real, a estrutura de base que permite dizer algo de maneira adequada sobre ele se apoia no fato de

que existe uma intriga narrativa cujo maior intento é customizar a experiência do mundo a moda humana.

A discussão sobre o conceito de *narrativa* e a sua relação com a pesquisa em Psicologia da Saúde abre espaço também para outra dimensão, a da relação entre tempo, pesquisa e o próprio *logos*, entendido no seu conceito original como *episteme logos* e *logos apôfantico* (Heidegger, 2008). Isto é, como a palavra que por vir da luz, “*apô*” (vindo de) “*fanticos*” (luz), pode conduzir o homem a experiência da *episteme*, como conhecimento, ou aquilo que esta por cima das realidades sensíveis, por isso o prefixo “*epi*”, que em grego significa acima, em cima de. Tal conceito comprehende que o *logos* não apenas diz mas também contém o que diz e por isso é capaz de enunciar um real fazendo assim com que as experiências humanas do mundo, e a pesquisa é uma delas, se apresente como um movimento de construção dos seres humanos como serem de linguagem

A discussão sobre o *logos* deixa espaço para a reflexão sobre a performaticidade das produções científicas, dos seus impactos na construção ou eliminação da vida, da Saúde e das próprias possibilidades e também sobre a sua validade como condutora para a experiência de um *episteme logos*. A pergunta pela estrutura lógica original de construção do conhecimento poderia ajudar os pesquisadores e entenderem o poder inerente, e que muitas vezes não é tomado em conta, das construções de modelos de realidade, características das produções científicas no Ocidente. As produções científicas se preocupam em encontrar e conduzir as pessoas para a descoberta da realidade ou apenas da sua estrutura formal? A reflexão sobre o modelo de ciência no Ocidente, após Descartes sugeriu que a acentuação sobre a estrutura formal acabou afastando a ciência do próprio real. A partir de então o real ganhou uma perigosa transparência por meio do acesso imediato a ele, suposição intrínseca ao modelo cartesiano de se fazer ciência, daí que a verdade do real deixou de ser *alethéia*, ou seja, deixou de ser aquilo que não pode ser esquecido e passou a ser aquilo de que se é possível falar de maneira clara e distinta. Alerta Heidegger (2008) sobre o modelo de ciência Ocidental: “Nas ciências, de uma maneira geral, nós sabemos dizer muitas coisas justas, mas muito pouco de verdadeiras. A ciência se coloca comumente dentro da esfera da retidão e não da verdade” (HEIDEGGER, p. 50).

Outra realidade que o conceito de *tempo* e de *narrativa* como espaço do humano, permite pensar toca o próprio estatuto da construção do modelo de sujeito que vem operando de maneira velada nas nossas produções e representações dentro da área da Psicologia da Saúde. Diferentemente do tempo que, no arco da reflexão Ocidental, passa de um *status*

ontológico à um funcional, parece que no Ocidente aconteceu o inverso com a categoria lógica do sujeito. Esta surge originalmente como uma subdivisão dentro das hierarquias da lógica clássicas, *sub-jectum, aquilo que está por baixo*, e com o passar do tempo acaba assumindo as características ontológicas de uma entidade ativa e condicionante do real. (DE LIBERA, 2013) A reflexão sobre a invenção do sujeito revelou que a construção lógica de um sujeito que denomina e estabelece um juízo sob os seus predicados, ou seja, o *sujeito lógico*, não consegue responder a pergunta e as demandas do ente que é cada ser humano em cada caso, o *sujeito ontológico*. As reflexões sobre as sínteses ativas e passivas da Fenomenologia de Husserl podem apresentar uma via do meio para se pensar o papel do sujeito nas pesquisas pois, muito mais que considerar as dimensões do rigor e da justeza do método, faz-se necessário se perguntar pelo impacto social que a pesquisa produzirá na vida de cada pessoa que com ela entrar em contato.

A descoberta do *corpo próprio* como lugar do aí da subjetividade acabou revelando uma dimensão importante para a reflexão, a dos pesquisadores. Estes entes de carne e osso, que construindo as suas histórias como pesquisadores, devem ser tomados em consideração no processo de construção das pesquisas e na singularidade dos resultados. A imparcialidade teórica e imortal do *sujeito lógico* parece ser desmascarada ao pensar que aquele pesquisador, no ato de construção de uma pesquisa, por mais imparcial que procure ser nos procedimentos, processos e metodologias acabará sendo aquele pesquisador ou aquela equipe, naquele determinado contexto e situação histórica. A ciência produzida pelos seres humanos não se desvincula da vida que esse mesmo humano vive, ainda que isso seja pregado e difundido como uma pré-condição da “pureza” científica. Isso se mostra muito mais contundente quando pensamos as pesquisas em Psicologia, que fundamentalmente se ocupam sobre pesquisas com humanos ou sobre eles, ainda que sejam documentos que falem sobre esses humanos, como a pesquisa documental ou histórica ou ainda as pesquisas que buscam estudar e entender a relação dos humanos com os demais animais e ambientes. Diante disso parece que a postura mais adequada para se fazer ciência nesse campo, a luz da reflexão fenomenológica, não seja aquela da imparcialidade do *sujeito lógico*, mas sim, a da vinculação ética do *sujeito ontológico*. As estratégias de promoção e manutenção da vida ou de redução da vulnerabilidade e fragilidade das pessoas só encontrarão a sua eficácia na pesquisa quando a pessoa de quem faz a pesquisa for alguém comprometida com os participantes e com o campo.

Uma ciência ou modelo epistemológico que não toma em consideração a realidade de que se faz pesquisa como realidade, *subjetividade encarnada* (HENRY, 2000), acabará propondo modelos lineares que se atém apenas a estrutura formal desconsiderando que o sujeito que pesquisa e que participa da pesquisa muito mais do que um *sujeito lógico* é cada pessoa na sua singularidade de ser si mesmo no conjunto das suas possibilidades. Sem essa consideração as iniciativas de promoção e manutenção da vida correm grande risco de se tornarem estratégias de transformação do real em um atributo de uma consciência que não sabe de ser. Daí a necessidade de se pensar a verdade a partir do seu conceito mais original no Ocidente, como *alethéia*, como aquilo que por mais que se tente não pode ser esquecido porque é *resistência*, porque supera o sujeito, supera os interesses porque não é valor ou garantia, mas assim como a vida, é condição de toda possibilidade. É porque somos afetados por uma estrutura que nos oferece resistência que somos capazes de exercer o modo de ser da pesquisa.

Considerando os pontos apresentados é possível perceber que a aproximação entre o campo da Fenomenologia e a área da Psicologia da Saúde no que toca a pesquisa além de ser em muitos pontos possível acaba sendo enriquecedora para ambas as partes, a Fenomenologia acaba oferecendo conceitos estruturais da realidade para a pesquisa em Psicologia e ela acaba oferecendo à Fenomenologia os dados concretos de aperfeiçoamento necessários para a evolução do estado da arte, e principalmente das pessoas que se aventuraram por essas vias do saber.

A presente discussão quis estruturar-se e apresentar-se como primeiros pontos de luz dentro de um universo de dois horizontes epistemológicos. Se se pensa os limites dessa reflexão estes orbitam em torno a dificuldade inerente entre fazer dialogar os conteúdos da Fenomenologia, que em muitos casos se estrutura como uma discussão abstrata, complexa, pautada sobre uma forte estrutura lógico-linguística e da Psicologia da Saúde, que em muitos contextos assumem uma modalidade discursiva pragmática e que se voltam a problemas concretos tais como, Saúde, bem-estar, qualidade de vida, doenças. Outro limite presente nessa dissertação foi no que toca a exploração de conceitos e aproximações, tais como: o *logos apôfantico*, a relação entre o conceito de *cuidado* e o conceito de promoção de Saúde. A brevidade e objetividade necessária para se escrever sob a forma de artigo muitas vezes acaba não permitindo expor minúcias e peculiaridades que em muitos casos poderiam enriquecer a reflexão.

Essa dissertação apresenta-se como a primeira discussão sobre as possíveis aproximações entre Fenomenologia e Psicologia da Saúde. Se se pensa em possibilidades de pesquisa se poderia apontar para algumas, tais como: a reflexão sobre o recuo das teorias e discussões epistemológica no campo das ciências práticas, dentre as quais a área da Psicologia da Saúde; o tema da *teoria*, entendida como mais elevada expressão da práxis e não algo dicotómico a ela, o tema do *método* em ciência como caminho para a construção do saber e não como prisão lógico-formal; a discussão sobre a vida como horizonte primeiro de cuidado.

Em particular, um tema que permite pensar futuras aproximações e contribuições do pensamento fenomenológico para a reflexão psicológica em geral, e de maneira particular, em Psicologia da Saúde é o do Sujeito. Para isso, se poderiam indicar duas linhas de trabalho que abordam esse conceito. Uma delas se assenta sobre o pensamento fenomenológico de autores como Meleau-Ponty (1984, 1994) e Henry (1990, 1990, 2000), que tratam sobre a dimensão material do corpo e o impacto dessa na construção da experiência de mundo e de ser sujeito. Tal pensamento poderia promover uma interface com os conteúdos e conceitos de abordagens como a Biopsicossocial, com a discussão sobre o processo de humanização dos procedimentos em prol da Saúde. Um exemplo de realidade que poderia ser ajudada é o “humaniza SUS” que já vem trabalhando na reflexão sobre o processo de construção e promoção da Saúde fora de uma perspectiva mecanicista. Outro possível caminho teórico de aproximação poderia ser o desenvolvido por autores como Varela (1996, 1997, 1999), Rosy (1999) que por meio da Neurofenomenologia buscam estabelecer um diálogo entre o modelo fenomenológico e a neurociência, principalmente a partir das intuições de Husserl sobre as *sínteses ativas* e *passivas* da consciência. Esse segundo caminho abre uma oportunidade para se pensar como a forma humana de perceber e se relacionar com o mundo acaba impactando na produção de um discurso adequado sobre a própria realidade. Pensando isso dentro da área da Psicologia da Saúde, se pode vislumbrar um dialogo entre os conceitos fenomenológicos e as técnicas experimentais de algumas abordagens psicológicas, tais como a Cognitivo-Comportamental, Neuropsicologia. A grande questão aqui seria: Como conciliar o sujeito em primeira pessoa da Fenomenologia e o sujeito em terceira pessoa das abordagens experimentais e da Neurociência, Neuropsicologia? Uma provável resposta à esta pergunta poderia ser explorada a partir do conceito de *redução fenomenológica*, que teria a capacidade de ser o elo desses dois aparentes discordantes. Esses dois caminhos permitem esclarecer questões como: como as percepções de mundo, as produções e as abordagens sobre determinada realidade impactam diretamente na construção da imagem do pesquisador no

exercício da sua profissão e da realidade como lugar no qual se participa da pesquisa? Como o fato de existir um sujeito constituído de determinada maneira, define a constituição da percepção do mundo e interação com ele?

Após considerar esses pontos resta dizer que o pesquisador que intenta estabelecer um diálogo entre fronteiras epistemológicas do saber apresenta-se como alguém que adentrado a caverna do conhecimento com uma pequena lanterna começa a descobrir algumas silhuetas e particularidades, contudo que precisa de muito mais tempo e luz para começar a identificar a grandiosidade do todo. Entretanto os pequenos pontos já expostos a iluminação da clareira do saber vem se demonstrando de tão singular riqueza e brilho que podem levar aqueles que se enveredam nestes caminhos à primeira e elementar experiência de ciência feita pelos Ocidentais e descrita nos relatos pré-socráticos, isto é, a experiência do deslumbramento (JASPERS, 1993).

REFERÊNCIAS GERAIS

AGOSTINHO, **Confissões**. Lisboa: PIN, 2001.

ALCADIPANI, R. **Resistir ao produtivismo**: uma ode à perturbação acadêmica. Caderno EBAPE. BR. Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 1174-1178, dez. 2011.

ALMEIDA, M. I. de M., & Eugenio, F. (Eds.) **Culturas jovens: Novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2006.

ALVES, M.; BLIKSTEIN, I. **Análise e narrativa**. In. GODOI, C., MELLO, R. & SILVA, A. (org.). Pesquisa qualitativa e Estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos. Editora Saraiva, 2006.

AMATUZZI, M. M. **Por uma Psicologia Humana**. Campinas: Editora Alínea. 2001.

ANNANDALE, E. **The Sociology of Health and Medicine**: A Critical Introduction, Polity Press, 1998.

ANTHOLOGIA PALATINA. v. 9 London: William Heinemann Ltd, 1915.

ARAÚJO, T. M, et al. **Mal-estar docente**: avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de ensino superior. Revista Baiana de Saúde Pública, v. 29, n. 1, p. 6-21, jun. 2005.

ARARIPE, A.G.A. et al. **Fisiopatologia da esquizofrenia**: Aspectos Atuais. Rev. Psiq. Clín. 34, supl 2; 198-203, 2007

ARENKT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **O que é política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

ARISTÓTELES. **Física**. Barcelona: Editorial Gredos, 1995.

_____. **Política**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006.

_____. **Ética a Nicômaco**. Barcelona: Gredos, 1988.

_____. **Metafísica**. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

_____. **Posterior analytics**. Oxford: Clarendon Press, 1928.

ASSIS, J.C; VILLARES C. C.; BRESSAN, R. **Entre razão e Ilusão: Desmistificando a esquizofrenia**. São Paulo: ARTEMED. 2013.

AUSTIN, J. L. **Sentido e percepção**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1993.

BARROS, José Augusto C. **Pensando o processo de saúde doença: o que responde o modelo biomédico?** Saúde e Sociedade 11 (1): p. 67-84. 2002.

BENEDICTO, R. P.; WAI, M. F. P.; OLIVEIRA, R. M. GODOY, C. COSTA, M. L., **Análise da evolução dos transtornos mentais e comportamentais ao longo das revisões da classificação internacional de doenças**. SMAD, Rev. Electronica Saúde Mental Álcool Drog. 9(1):25-32. Jan.-Apr. 2013.

BENNET, G. **The wound and the doctor: healing, technology and power in modern medicine**. London: Martin Speaker and Warburg, 1987.

BERGSON, H. **Durée et simultanéité**. Paris: PUF, 1968.

_____. **Mélanges**. Paris: PUF, 1972.

_____. **La pensée et le mouvant**. Paris: PUF, 1993.

BERNARDES, Anitta Guazzelli, COSTA, Márcio Luis. **Produção de Saúde como afirmação da vida**. Saúde e soc. São Paulo: V. 21, n.4, p. 822-835, 2012.

BRENTANO, F. **Psychology from na Empirical Standpoint**. Londres: Routledge, 2015

_____. **Descriptive psychology**. London: Routledge. 1995.

_____. **Psychology from an Empirical Standpoint**. McAlister. London: Internacional Library of Philosophy, 1973

BUISSIÈRE, E. **Cours sur les corps**. Paris: Philosophie, 2005.

BURNEYAT, M. “Can the sceptic live his scepticism”, in **Doubt and Dogmatism**. OXFORD: Clarendon Press, 1980.

BUSSE, A. **Commentaria in Aristotelem Graeca**. v. IV. Pars I. Berlin, Alemanha: Academiae Litterarum Regiae Borussicae, 2001.

CAPRA, R. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

CHALMERS, D.J. **The puzzle of conscious experience**. Scientific American, \.21A, n. 12, p. 8 0-6, 1995.

CHATELLET, F. **História da filosofia, ideias e doutrinas**. Vol. 6, Trade. Bernhardt, J. et al. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1974.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Narrative Inquiry**: experience and story in qualitative research. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

COPERNICUS, N. **As revoluções dos orbes celestes**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

DAVID, H. **Tratado da Natureza Humana**. São Paulo: UNESP, 2000.

DE LIBERA, A. **Arqueologia do sujeito**. Vol. I. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2013.

DELEUZE, G. “**Michel Tournier et le monde sans autrui**”. In: Logique du sens. Paris: Editions Minuit, 1969.

_____. **Mille plateaux**. Paris: Editions Minuit, 1980.

_____. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DE MARCO, M. A. **Do modelo Biomédico ao modelo Biopsicossocial**: um projeto de educação permanente. Revista Brasileira de Educação Médica. V. 30, n. 1 Rio de Janeiro 2006.

_____. **A face humana da medicina – do modelo biomédico ao modelo biopsicossocial**. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo; 2003.

DESCARTES, R. **Discurso sobre o método**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

_____. **Meditações sobre a filosofia primeira.** Campinas, SP: Editora Unicamp, 2004.

_____. **Discurso do método.** São Paulo: Paulus, 2003.

DUBAR, C. **A crise das identidades:** a interpretação de uma mutação. São Paulo, SP: EDUSP, 2009.

ECO, Umberto. **Da árvore ao Labirinto.** São Paulo: RECORD. 2013

FAVA, G. & SONINO, N. **O modelo biopsicossocial:** Trinta anos depois. Psychotherapy and psychosomatics. v. 77: p. 1-2; 2008.

FIGUEIREDO, L; SANTI, P. **Psicologia:** uma (nova) introdução. 2. ed. São Paulo: PUCSP, 2007.

FLECK, Ludwik. **Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico.** Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

FOUCAULT, As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Introduction à l'Anthropologie de Kant.** Thèse complémentaire pour le doctorat et Lettres. Paris: VRIN, 2008.

_____. **As Palavras e as coisas:** Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2000.

FRAASSEN, Bas C. Van. **Scientific Representation:** Paradoxes of perspective. Oxford (UK): Clarendon press, 2011.

FRAISSE, P. **Time and rhythm perception.** Me: Carterette, E.C e Friedmans, E.P. (eds), Handbook of perception, v. VIII. (Pp. 202-254). Nova Iorque: Academic Press, 1978.

FRANCO Jr., Hilário. **A Idade Média:** Nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense Editora, 2000.

GALENO, C. **L'âme et ses passions.** Les passions et les erreurs de l'âme. Les âmes suivent les tempéraments du corps. Paris: Les Belles Lettres, 1995.

GALILEO, G. **Dialogo.** Florença: Gio. Battista Landini: 1638.

GALVIN, T. “**Re-Evaluating Diversity**”: Reviving critical discourse in diversity research in organization studies. Academy of Management Best Conference Paper of 2006. Dispone me: <http://web.ebscohost.com/ehost/pdf>. Acesso em 12.08. 2016.

GRANEL, G. **Le sens du temps et de la perception chez E. Husserl**. Paris, Gallimard,

HAASE, V. G.; DINIZ, L.F.M. e CRUZ, M. F. **A estrutura temporal da consciência**. Psicologia USP, 8, 227-243, 1997.

HANSEN, Gilvan Luiz. **Modernidade, utopia e trabalho**. Londrina: Edições CEFIL, 1999.

HEGEL, G. **Fenomenologia do Espírito**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **Introdução à história da filosofia**. São Paulo, SP: Hemus, 1976.

_____. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. **Filosofia do Direito**. Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito ou Direito Natural e Ciência do Estado em Compêndio. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2010.

HEIDEGGER, M. **Identité et différence**. In: Questions I. Paris: Gallimard, 1957.

_____. **La logique comme question em quête de la pleine essence du langage**. Paris: Gallimard, 2008.

_____. **Seminários de Zollikon**. São Paulo, SP: EDUC, 2001.

_____. **Sobre a questão da Técnica**. Scientia e studia. V. 5; n.3. p. 375-98. São Paulo: 2007.

_____. **Alétheia**. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

_____. **La question de la technique**. In Essais et conférences. Paris: Éditions de Gallimard, 1958.

_____. **Vortäge und Aufsätze**, G. Neske: Pfullingen, 1954.

_____. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

- _____. **Sobre a essência da verdade.** São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.
- HENRY, J. **A revolução científica e as origens da ciência moderna.** Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- HESÍODO. **O trabalho e os Dias.** Curitiba: Segesta, 2012.
- _____. **Teogonia:** A origem dos deuses. 3. Ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- HENRY, M. **L'essence de la manifestation.** Paris: PUF, 1990.
- _____. **Phénoménologie matérielle.** Paris: PUF, 1990.
- _____. **Philosophie et phénoménologie du corps. Essai sur l'ontologie biranienne.**
- _____. **Incarnation.** Une philosophie de la chair, Paris: Editions du Seuil, 2000.
- HINKELAMMERT, F **Crítica de La razón Utopica.** San Jose: DEI, 1990.
- HIPÓCRATES. **Da natureza do homem.** Da natureza do homem (H. Cairus, trad.). História, Ciência, Saúde, 6(2), 395- 430. (Original dos séculos IV-V a.C.). 1999.
- HUSSERL, E. **De la Synthèse passive.** Paris, França: Millon, 1998.
- _____. **Idées directrices pour une phénoménologie.** Paris, França: Gallimard, 1950.
- _____. **Leçons pour une phénoménologie de la conscience intime du temps.** Paris: PUF, 1964.
- _____. **Lições para uma Fenomenologia da consciência interna do tempo.** Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.
- _____. **Meditações cartesianas.** São Paulo, SP: Madras, 2001.
- _____. **Meditations Cartesienes.** Paris, França: Librairie Philosophique, 1953.
- _____. **Recherches phénoménologique pour la constitution.** Paris, França: PUF, 1982.

_____. **Lições para uma Fenomenologia da consciência interna do tempo.** Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1928.

_____. **La filosofia como ciéncia estricta.** Trad. Elsa Taberning. Buenos Aires: Editorial Almagesto, 1992.

_____. **Recherches Logiques.** Tome premier: Prolégomènes à la logique pure. Trad. de Hubert Elie, Arion L. Kelkel e René Scherer. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.

_____. **Recherches phénoménologiques pour la constitution.** Paris: PUF, 1952.

_____. **La crisi delle scienze europee e la Fenomenologia trascendentale.** Milão: Il Saggiatore, 1961.

JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JAMES, W. **Principles of psychology.** Nova Iorque: Dover Publications, 1963.

JASPER, Karl. **Vom europäischen Geist.** Würburg, 1979.

_____. **Iniciação filosófica.** Lisboa: Guimarães editores, 1993.

KANT, I. **Antropologia de um ponto de vista pragmático.** São Paulo, SP: Iluminuras, 2006.

_____. **Crítica da Razão Pura.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

_____. **Fundamentação da metafísica dos costumes.** São Paulo, SP: Abril Cultural, 1974.

_____. **Metafísica dos costumes contendo a Doutrina do Direito e a Doutrina da Virtude.** São Paulo, SP: EDIPRO, 2003.

KARWOWSKI, S. L. **Gestalt-terapia e fenomenologia:** considerações sobre o método fenomenológico em Gestalt-terapia. São Paulo: Livro Pleno, 2005.

KHUN, T.S. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Editora Perspectivas S.A, 1962.

_____. **A função do dogma na investigação científica.** 1^a Ed. Curitiba: UFPR-SCHLA, 2012.

LAIN ENTRALGO, P. **Historia de la Medicina.** Barcelona: Salvat, 1989.

LA METTRIE, J.O. **O Homem Máquina.** Tradução de Antônio Carvalho. Introdução e notas de Fernando Guerreiro. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LAMBERT, J. H. **Neues Organon.** Vol. 1. Leipzig: Wendler, 1764.

LAVIGNE, J. F. **Husserl et la naissance de la phénoménologie.** Paris: PUF, 2005.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LE GOFF, J. **A civilização do Ocidente medieval.** Bauru, SP: EDUSC, 2005.

LEFÈVRE, F. **O medicamento como mercadoria simbólica,** São Paulo, Cortez, 1991.

LEVINAS, E. **Da Existência ao Existente.** Trad. de Paul Albert Simo e Ligia Maria de Castro Simon. Campinas, SP: Papirus, 1986.

_____. **Totalité et infini: essai sur l'extériorité.** Paris: Martinus Nijhoff, 1971.

LIEBLICH, A. **Narrative Research:** Reading, analysy and interpretation. California: Sage publications, 1998.

MEYER, U. **The nature of time.** OXFORD: Clarendon Press, 2013.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **O visível e o invisível.** São Paulo: Perspectiva, 1984.

MONTAVONT, A. **De La passivité dans La phénoménologie de Husserl.** Paris, França: PUF, 1999.

MOYSÉS MAA, COLLARES CAL. **Medicalização: elemento de desconstrução dos direitos humanos.** 153-168. In: CRP-RJ. Direitos Humanos: O que temos a ver com isso? Rio de Janeiro: CRP-RJ; 2007.

NEWTON, I. **Princípios Matemáticos**, O Peso e o Equilíbrio dos Fluidos in “Os Pensadores”. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade.** 2^a Ed. São Paulo: Triom, 2001.

NIETZSCHE, F. (2009). **Para além do Bem e do Mal.** São Paulo, SP: Companhia das letras, 2009.

OCKHAM, W. “**Seleção de obras**” in Os Pensadores, vol. VIII: TOMÁS DE AQUINO et al. São Paulo: Abril, 1973.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Constituição da Organização Mundial da Saúde.** Nova York, 1946.

PAIM, J. & Almeida Filho, N. **Saúde Coletiva:** uma "nova saúde pública" ou campo aberto a novos paradigmas? *Revista Saúde Pública*, 32, (4), 299-316, 1998.

PASQUINELLI, A. **I presocratici.** Turin, Itália: Giulio Einaudi Editore, 1958.

PELBART, P. P. **O Tempo Não-Reconciliado:** imagens de tempo em Deleuze. São Paulo: Perspectiva, 2004.

PETITOT, J.; VARELA, F.J.; PACHOUD, B.; ROY J.M. **Naturalizing phenomenology issues in contemporary phenomenology and cognitives Science.** San Francisco: Stadford University Press, 2000.

PLATÃO. **Tutti gli scritti.** Milano, Itália: Rusconi, 1991.

PÖPPEL, E. **Grenzen des bewußtseins:** über Wirklichkeit und welterfahrung. Stuttgart, Deutsche Verlags-Anstalt, 1985.

_____. **Temporal mechanisms in perception.** International Review of Neurobiology, v.37. p. 185-202, 1994.

_____. **Time perception.** In: HELD, R.; LEIBOWITZ, H.W.; TEUBER, H.L., eds. Handbook of sensory physiology. Berlin, Springer, v.8, p.713-29, 1978.

POPPER, K.R. **Lógica da pesquisa científica.** São Paulo: EDUSP, 1985.

_____. **Os dois problemas fundamentais da teoria do conhecimento.** São Paulo: Editora Unesp, 2013.

PUTNAM, H. **Representation and reality.** Cambridge, MA: MIT Press, 1988.

PUTINNI, R. JUNIOR, A. & OLIVEIRA, L. **Modelos explicativos em saúde coletiva:** abordagem biopsicossocial e auto-organização. Physis vol.20 no.3 Rio de Janeiro: 2010.

RICOEUR, P. **Autrement qu'être ou au-delà de l'essence.** La Haye: M. Nijhoff, 1972

_____. **Soi-même comme um autre.** Paris: SEUIL, 1990.

_____. **Tempo e Narrativa.** Vol. I, II, III. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Histoire et rhétorique.** Diogène, Paris, n.168, p. 25, Out. / Dez. 1994.

_____. **Temps et Récit.** Paris: Seuil, 1983.

RODRIGUEZ, M. V; MARTINS, L. G. A. **As políticas de privatização e interiorização do ensino superior:** Massificação ou democratização da educação brasileira. Revista de Educação, Valinhos, v. 8, n. 8, p. 41-52, 2005.

ROSY, J, PETITOT, J., PACHOUD, B. & VARELA, F. **Beyond the gap:** an introduction to naturalizing phenomenology. Stanford, CA: Stanford University press, 1999.

SAYD, J.D. **Mediar, medicar, remediar,** Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1999.

SELL, D.; TOPOR, A. & DAVIDSON, L. **Generating coherence out of chaos:** examples of the utility of empathic bridges in phenomenological research. Journal of phenomenological Psychology, 35 (2), 253-272.

SILVA, A.C.P; LUZIO, C.A & SANTOS, K. Y. P. **A explosão do consumo de Ritalina.** Revista de Psicologia da UNESP: 11 (2), 2012.

SMITH, A. **An Inquiry inti the Nature and Causes of the Wealth of Nation.** London: Willian Strahan. 1776.

SPONVILLE, A.C. **Bom dia, angústia,** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

STEIN, E. **Mundo vivido, das vicissitudes e dos usos de um conceito da filosofia.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

TREVISAN, R. M. **Bergson e a Educação.** Piracicaba: Editora Unimep, 1995.

UMBERTO, E. **Da árvore ao Labirinto.** São Paulo: Record, 2013.

VAN MANEN, M. **Researching lived experience:** human Science fir na action-sensitive pedagogy. Albany, NY: Suny Press, 1990.

VARELA, F. **Neurophenomenology:** a methodological remedy for the hard problem. Journal of Consciousness Studies 3/4: 330-49.1996.

_____. **The naturalization of phenomenology as the transcendence of nature:** searching for generative mutual constraints. alter: Revue de Phénoménologie, 5: 355- 385.1997.

_____. **The specious present:** a neurophenomenology of time consciousness. Stanford, CA: Stanford University press. 1999.

VESALIUS, Andreas. **De humani Corporis Fabrica.** Basel: CAESAREA, 1543.

ZUBIRI, Xavier. **Inteligencia y Razón.** Madrid: Alianza Editorial/SEP, 1983.